U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

A Pesca do Bacalhau e a Estrutura Urbana de Vila do Conde (1936-1976)

Jéssica Alexandra da Silva Costa

M
2025

U.PORTO

Jéssica Alexandra da Silva Costa.
A Pesca do Bacalhau e a Estrutura Urbana de Vila do Conde (1936-1976)

M.FAUP 2025

A Pesca do Bacalhau e a Estrutura Urbana de Vila do Conde (1936-1976)
Jéssica Alexandra da Silva Costa

FACULDADE DE ARQUITETURA

A PESCA DO BACALHAU E A ESTRUTURA URBANA DE VILA DO CONDE (1936-1976)

Jéssica Alexandra da Silva Costa

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Sob a orientação científica de
Doutor André Tavares
Doutor Rafael Sousa Santos

Porto, 2025

[CAPA_01] Farol do Aguilhão nas Caxinas. Câmara Municipal de Vila do Conde. Julho de 2022.

A prova pública de defesa da presente dissertação decorreu no dia 9 de julho de 2025, na Sala do Janelão da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Presidente: Prof. Doutor Álvaro António Gomes Domingues
Arguente: Prof. Doutor Mário João Freitas Mesquita
Orientador: Doutor André Carinha Tavares
(**Coorientação:** Doutor Rafael Sousa Santos)

O júri atribuiu a classificação final de 19 (dezanove) valores.

“Vila do Conde espraiada
Entre pinhais, rio e mar!
- Lembra-me Vila do Conde,
Mais nada posso lembrar.
Bom cheirinho dos pinheiros...
Sei de um que quase te vale:
É o cheiro da maresia,
- Sargaços, névoas e sal -
A que cheira toda a vila
Nas manhãs de temporal.”

José Régio,
In Romance de Vila do Conde.

Agradecimentos

Agradeço,

Aos meus orientadores, Doutor André Tavares e Doutor Rafael Sousa Santos, pela generosa disponibilidade, paciência e tempo dedicados a esta dissertação. Agradeço a atenção com que esclareceram cada dúvida, a orientação rigorosa, a motivação constante para questionar e redefinir o percurso da investigação, bem como a partilha de um conhecimento enriquecedor sobre o tema em estudo.

A todos os professores que, ao longo do percurso académico, me inspiraram vivamente. Com paixão e entrega, alimentaram a minha confiança na arquitetura e ajudaram-me a encontrar um sentido mais profundo para aquilo que escolhi fazer.

Ao Nuno Miguel Costa e ao Jorge Branco do Museu Marítimo de Ílhavo. Ao Sr. Sérgio Palhares, do Arquivo Municipal de Vila do Conde, pela disponibilidade e acesso à documentação necessária, e ao Sr. Manuel Vasco, pelo seu testemunho generoso e significativo. Aos demais que, direta ou indiretamente, colaboraram para o desenvolvimento desta investigação.

Aos meus pais, pela presença constante, nos momentos mais felizes e nos mais desafiantes.

Pelo apoio incondicional, pela paciência e por tudo aquilo que, tantas vezes, silenciosamente, sacrificaram. A eles, que sempre estiveram por perto, mesmo quando o tempo ou a dedicação foram desviados por esta etapa, o meu profundo agradecimento.

A toda a minha Família e amigos próximos, que mesmo a partir de diferentes geografias, sempre se fizeram presentes, apoiando-me de forma inabalável, tanto na minha formação académica e pessoal.

À Mariana, pela amizade, ajuda e por nunca ter deixado de acompanhar este processo.

À Isabel, pela confiança depositada em mim, mesmo nos momentos de maior hesitação. A amiga que sempre me deu força, dirigiu-me as palavras certas, e por estar sempre lá, sem reservas, mesmo nos momentos mais vacilantes.

Ao Daniel, companheiro de vida, presença essencial. Pela motivação constante, pelo apoio firma e pela partilha de sonhos – este caminho seria muito diferente sem ele.

E, por fim, a todos aqueles que, mesmo não mencionados, têm o seu nome inscrito no coração e que, com uma palavra amiga ou um gesto de encorajamento, contribuíram para que este percurso fosse possível.

Resumo

Esta dissertação analisa o impacto da pesca do bacalhau na estrutura urbana de Vila do Conde entre 1936 e 1976, através de uma abordagem que integra análise documental, cartográfica e estatística. O redesenho da cartografia histórica e associação aos dados estatísticos permitiu evidenciar as transformações ocorridas na malha urbana de Vila do Conde e demonstrar que o desenvolvimento do lugar foi, em parte, moldado pelas exigências logísticas e funcionais da atividade piscatória. Esta abordagem permitiu ainda espacializar a pressão de pesca no aglomerado.

A ideia de uma arquitetura gerada a partir do bacalhau é defendida como uma matriz de interpretação que vai além da materialidade dos edifícios, englobando as práticas, os processos e as adaptações resultantes da interação entre o aglomerado urbano e o mar. Neste sentido, o estudo foca-se nos principais intervenientes associados à pesca do bacalhau – os pescadores e as suas famílias – e cruza esses dados com as campanhas realizadas no período em análise. Relacionar esta informação permite a identificação de padrões de participação e disparidades socioeconómicas, reforçando a compreensão do papel estratégico de Vila do Conde na rede internacional de pesca, nomeadamente nos bancos da Terra Nova e Groenlândia.

A dissertação demonstra que a pesca do bacalhau foi um motor transformador da paisagem urbana, com um impacto económico e social que perdura ainda hoje. O estudo contribui para a reflexão sobre a interligação entre a atividade económica e a organização espacial, revelando a importância de uma abordagem multidisciplinar na compreensão dos processos de transformação urbana.

Arquitetura · Investigação · Paisagem urbana · Pesca · Interespécies

Abstract

This dissertation examines the impact of cod fishing on the urban structure of Vila do Conde between 1936 and 1976, through an approach that integrates documentary, cartographic, and statistical analysis. The redrawing of historical maps, together with the integration of statistical data, made it possible to highlight the transformations in the urban fabric of Vila do Conde and to demonstrate that the development of the area was, in part, shaped by the logistical and functional demands of fishing activity. This approach also allowed for the spatial representation of fishing pressure on the settlement.

The idea of an architecture shaped by cod fishing is proposed as an interpretive framework that goes beyond the material form of buildings, encompassing practices, processes, and adaptations that emerge from the interaction between the urban settlement and the sea. The study focuses on the key agents of cod fishing—the fishermen and their families—and cross-references this data with the fishing campaigns of the period. This allows the identification of participation patterns and socioeconomic disparities and contributes to understanding Vila do Conde's strategic role in the international fishing network, particularly in the Newfoundland and Greenland banks.

The dissertation argues that cod fishing acted as a transformative force in the urban landscape, with economic and social impacts that are still evident today. It contributes to broader reflection on the connections between economic activity and spatial organization, demonstrating the value of a multidisciplinary approach to understanding urban transformation.

Notas Prévias

i. Recomenda-se a leitura e exibição em dupla página.

ii. A pressente dissertação encontra-se redigida ao abrigo das normas atualmente em vigor segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

iii. Ao longo do corpo do texto, as expressões em *itálico* referem-se a títulos de obras literárias ou estrangeirismos.

iv. Por fluidez de leitura, todas as citações presentes ao longo do trabalho, originalmente em língua estrangeira, foram livremente traduzidas pela autora para a língua portuguesa e estão citadas entre aspas.

v. As imagens apresentadas foram redimensionadas, cortadas e tratadas cromaticamente pela autora, para obter conformidade gráfica.

Sumário

Agradecimentos	06
Resumo/Abstract	08
Notas Prévias	10
Sumário	11
Introdução	12
Capítulo I — A Vila do Bacalhau	**18**
I.I. Contexto histórico de Vila do Conde	20
I.II. As funções e trabalhos dos homens e mulheres	28
Capítulo II — O Bacalhau e a Arquitetura	**36**
II.I. Descrição das arquiteturas	38
II.II. A Casa dos Pescadores	41
II.III. O Bairro dos Pescadores	45
II.IV. Os núcleos piscatórios: Caxinas e Poça da Barca	47
II.V. A Seca do Bacalhau	53
Capítulo III —A Estrutura Urbana	**62**
III.I. Anteplano de urbanização: 1952	65
III.II. As fontes documentais: 1915, 1940 e 1977	68
III.III. O redesenho e a análise	73
Capítulo IV — Os pescadores	**86**
IV.I. A fonte documental: 1936 a 1976	90
IV.II. Recolha e processamento de dados	94
IV.III. Resultados da análise	99
Capítulo V — Considerações finais	**110**
Anexos	**113**
Apêndices	114
Abreviaturas e siglas	121
Fontes e referências	122
Índice de imagem	126

Enquadramento

No decorrer do século XX, o bacalhau tornou-se um produto alimentar de grande relevância para os portugueses, com expressão na economia, na cultura, e até nas formas construídas. O presente trabalho analisa de que forma este peixe influenciou a transformação urbana de Vila do Conde entre 1936 e 1976.

A escolha destes quarenta anos é o resultado de uma análise preliminar da história do bacalhau (*Gadus morhua*) em Portugal, através de autores como Álvaro Garrido,[1] Mário Moutinho,[2] Mark Kurlansky[3] e André Tavares e Diego Inglez de Souza.[4] Até ao século XIX, Portugal foi sobretudo um importador de bacalhau. A situação mudou na viragem para o século XX e, com a Segunda Guerra Mundial, verificou-se um avanço tecnológico significativo que permitiu o desenvolvimento e o sucesso da pesca do bacalhau. O período do Estado Novo (1933-1974) também influenciou a escolha temporal, dado que este regime investiu na construção de uma cultura de pesca e consumo do bacalhau. Assim, 1936, o primeiro ano em que o Estado Novo instituiu uma espécie de "coreografia de bênção" dos bacalhoeiros até 1973, define o início da análise da dissertação.

Para verificar se Vila do Conde acompanhava o cenário nacional da pesca do bacalhau, efetuou-se uma pesquisa sobre os pescadores residentes na cidade, recorrendo ao Arquivo Digital do Museu Marítimo de Ílhavo.[5] Foi apenas a partir de 1936 que se começaram a registar dados consistentes, com base nas fichas de inscrição do Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau (GANMP).[6]

A hipótese subjacente é que a pesca do bacalhau impulsionou notáveis transformações na definição da paisagem urbana, conferindo a Vila do Conde uma arquitetura associada a esta atividade.

[1] *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau* (2003). Garrido, Álvaro.
[2] *A história da pesca do bacalhau: por uma antropologia do «fiel amigo»* (1985). Moutinho, Mário.
[3] *Cod: A biography of the fish that changed the world.* (1998). Kurlansky, Mark.
[4] *Arquitetura do bacalhau* (2022). Tavares, André e Souza, Diego Inglez.
[5] Consultado através do site: https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/
[6] A partir deste momento, será utilizada abreviatura GANMP.

Exemplo disso são as estruturas das secas, os núcleos piscatórios de Caxinas e Poça da Barca e a Casa dos Pescadores. A sua relevância é evidenciada, ainda, pelo elevado número de pescadores e pelas atividades desempenhadas pelas mulheres na cadeia produtiva do bacalhau. Em particular, seca do bacalhau de Vila do Conde, com as suas estruturas simples de granito e cabos de arame zincado, associadas a armazéns e outras construções, constitui um exemplo paradigmático da arquitetura relacionada com esta atividade.

Este trabalho, portanto, não só amplia o entendimento sobre a influência da pesca do bacalhau na paisagem urbana de Vila do Conde, como também contribui para o debate sobre a inter-relação entre atividade económica, cultura e arquitetura em contextos de transformação social. Além disso, ao longo do desenvolvimento desta dissertação foi possível representar a pressão de pesca do aglomerado com um nível de pormenor e rigor que cremos ser original.

Objetivos

Enunciados os pressupostos teóricos sobre os quais se pretende refletir, o presente trabalho tem como objetivo caracterizar a relação entre a pesca do bacalhau e a estrutura urbana de Vila do Conde entre 1936 e 1976, através do cruzamento de dados dos pescadores locais, extraídos das fichas de inscrição do GANMP, e das campanhas realizadas neste período. Para atingir esse objetivo, foi necessário: contextualizar e analisar a zona; enquadrar o tema e caracterizar a arquitetura inerente à atividade piscatória; redesenhar três cartografias históricas de diferentes períodos dentro do intervalo estudado; elaborar uma base de dados relativa aos pescadores de Vila do Conde e de todas as campanhas.

Estrutura

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo, apresenta o enquadramento de Vila do Conde, enfatizando as suas características geográficas, históricas e urbanísticas. São também examinadas as funções desempenhadas pelos atores sociais envolvidos na pesca do bacalhau, analisando os papéis dos homens e das mulheres.

O segundo capítulo descreve as arquiteturas associadas ao bacalhau, nomeadamente a Seca do Bacalhau, à Casa dos Pescadores e aos núcleos piscatórios Caxinas e Poça da Barca. A arquitetura, neste contexto, é entendida não só como a materialização de edifícios, mas como a expressão das práticas e adaptações humanas resultantes da atividade piscatória.

O terceiro capítulo analisa a estrutura urbana de Vila do Conde através da sua cartografia histórica. Utilizando mapas base de 1915, 1940 e 1977, o estudo descreve as principais alterações urbanas, identificando os fatores que impulsionaram a expansão e o redesenho da malha urbana.

No quarto capítulo são examinados dados relativos aos pescadores de bacalhau residentes em Vila do Conde, atuantes entre 1936 e 1976. É explicado o processo de recolha de informação e sua organização numa base de dados. Os resultados são apresentados através de um conjunto de gráficos e cartografias.

O capítulo final corresponde às conclusões desta dissertação, onde se associam os resultados da análise documental, do material cartográfico e da base de dados, para refletir sobre o papel da pesca do bacalhau na transformação urbana de Vila do Conde.

Metodologia

De forma a enquadrar a história de Vila do Conde e sua organização urbana, procedeu-se à revisão da literatura existente. Para isso, as obras de Eugénio Freitas,[7] Amélia Polónia,[8] Ricardo Ferreira[9] e Júlia Abrantes[10] foram analisadas. Complementarmente foram realizadas visitas de campo, onde se recolheram testemunhos de pessoas envolvidas na gestão da Seca do Bacalhau de Vila do Conde e antigos funcionários. Foram também recolhidos materiais visuais e escritos dos arquivos.

O trabalho desenvolveu-se depois a partir de dois métodos de investigação: a elaboração de uma base de dados relativa aos pescadores de bacalhau residentes de Vila do Conde, utilizando o Arquivo Digital do Museu Marítimo de Ílhavo como fonte; e o redesenho e mapeamento da estrutura urbana da cidade, com base em cartografias históricas disponibilizadas pelos departamentos Técnicos da Câmara Municipal de Vila do Conde.

Neste processo, foi produzido um conjunto de mapas históricos de Vila de Conde de modo a associar a forma urbana com a distribuição de pescadores e estruturas relacionadas com a pesca do bacalhau. Também foram identificados e caracterizados alguns casos da arquitetura da pesca, como casas, secas, bairros e outros equipamentos. Por fim, procedeu-se à recolha e análise de dados estatísticos relacionados com os pescadores e as campanhas de bacalhau.

[7] Freitas, Eugénio (2001).
[8] Polónia, Amélia (1999).
[9] Ferreira, Ricardo (2022).
[10] Abrantes, Júlia (2000).

"Ai mar de vila do Conde,

Ai mar dos mares, meu mar!

Se me não vens cá buscar,

Nenhum remédio me vale,

Nenhum remédio me vale,

Nem chega a remedia"

José Régio,

In Romance de Vila do Conde

CAPÍTULO I

A VILA DO BACALHAU

A Vila do Bacalhau

Este capítulo apresenta o contexto histórico de Vila do Conde, descrevendo como a cidade se transformou ao longo do tempo. A análise apoia-se em estudos de autores como Eugénio Freitas, Amélia Polónia, Ricardo Ferreira e Júlia Abrantes, que contribuíram significativamente para a compreensão das dinâmicas económicas, sociais e culturais que influenciaram o desenvolvimento urbano. Para estes autores, a pesca do bacalhau foi determinante não só para a subsistência dos vilacondenses, mas também para a especialização funcional e transformação do espaço urbano. A investigação deste capítulo estabelece, desta forma, as bases teóricas e históricas necessárias para analisar, de forma integrada, o enquadramento, a consolidação e as alterações na estrutura urbana de Vila do Conde, destacando o impacto da atividade piscatória e a relevância das funções atribuídas aos homens e mulheres para o seu desenvolvimento.

[02] A Seca do Bacalhau de Vila do Conde. Atrás, a Capela de Nossa Senhora do Socorro. S.d. CMVC.

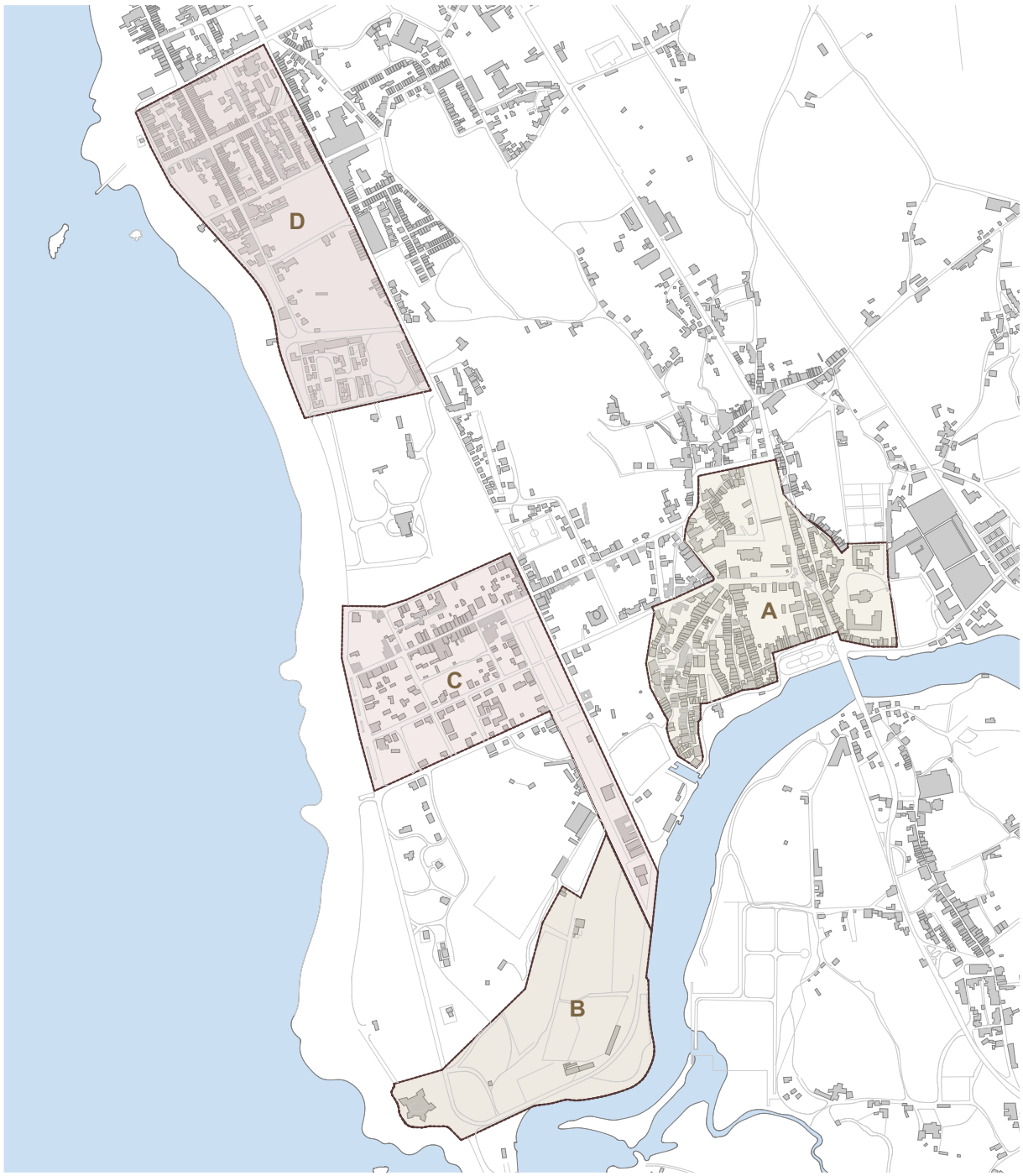
I.I. Contexto histórico de Vila do Conde

A cidade Vila do Conde está situada na região Norte de Portugal, integrando a Área Metropolitana do Porto. Encontra-se rodeada por cidades de elevada densidade populacional, nomeadamente Póvoa de Varzim, Maia, Matosinhos, Vila Nova de Famalicão e Trofa.[11] Beneficiando de uma localização privilegiada - delimitada, a oeste, pelo oceano Atlântico e, a sul, pelo rio Ave - o seu crescimento e desenvolvimento foram influenciados pela proximidade a estas massas de água. Esses elementos permitiram à cidade relacionar-se, desde cedo, com atividades de cariz económico, como o comércio marítimo, a construção naval, a produção do sal e, também, a pesca, sempre em complementaridade com a exploração agrícola orientada para a sua paisagem terrestre.[12] Ainda hoje, é possível observar esta forte ligação à atividade piscatória e aos espaços agrícolas, representando atividades primárias que impulsionaram, ao longo do tempo, uma rede industrial significativa. Este passado permanece visível nos terrenos anteriormente ocupados pela seca do bacalhau, fábricas de conservas, ou na transição das cooperativas agrícolas para estruturas industriais, como é o caso da Agros. Atualmente, Vila do Conde configura-se como um centro industrial, porto de pesca, zona balnear e turística, bem como um importante centro residencial no contexto da área metropolitana.

A presente dissertação analisa a evolução urbana e territorial de Vila do Conde no âmbito da pesca do bacalhau entre os anos 1936 e 1976. Uma vez que se debruça sobre um período específico destas dinâmicas territoriais, torna-se necessário compreender a organização atual da cidade, os elementos históricos que moldaram a sua estrutura e as características que a distinguem no presente. Atualmente, identificam-se quatro núcleos urbanos: o centro histórico (A), a foz do Ave (B), a zona balnear (C) e a zona piscatória (D). A diferenciação entre eles baseia-se em traços características de cada um, embora, com o tempo, tenham vindo a convergir devido ao preenchimento progressivo de espaços vazios, à densificação da rede viária e às recentes dinâmicas de ocupação.

[11] *"*Na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispo de Braga Primaz, comarca eclesiástica da mesma cidade, comarca secular da Provedoria do Porto e juntamente da Correição de Barcelos, onde entra com ela o Ouvidor da mesma vila, está situada esta Vila do Conde, com tão pequeno termo que só compreende uma freguesia e parte de outra*"*. Enquadramento geográfico e administrativo por Eugénio Freitas, in *Vila do Conde – Memórias Paroquiais de 1758.* Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde. Nova série, n.º 2, p.56 (julho, 1988).

[12] Conforme descrito por Eugénio Freitas: *"*O principal comércio de Vila do Conde é a importação do sal, exporta madeiras, cereais e algum pano de linho. Ocupam-se também os seus habitantes na construção de navios, na pesca, na cultura de cerais e legumes, e na criação de gados*."*(2001, p.203*).* Outros autores, como Joaquim Neves (1987), António Pinto (2000) e Ricardo Gonçalves (2004), também exploraram esta temática, destacando a influência destas atividades na configuração da paisagem urbana de Vila do Conde e a sua relevância para o crescimento da cidade.



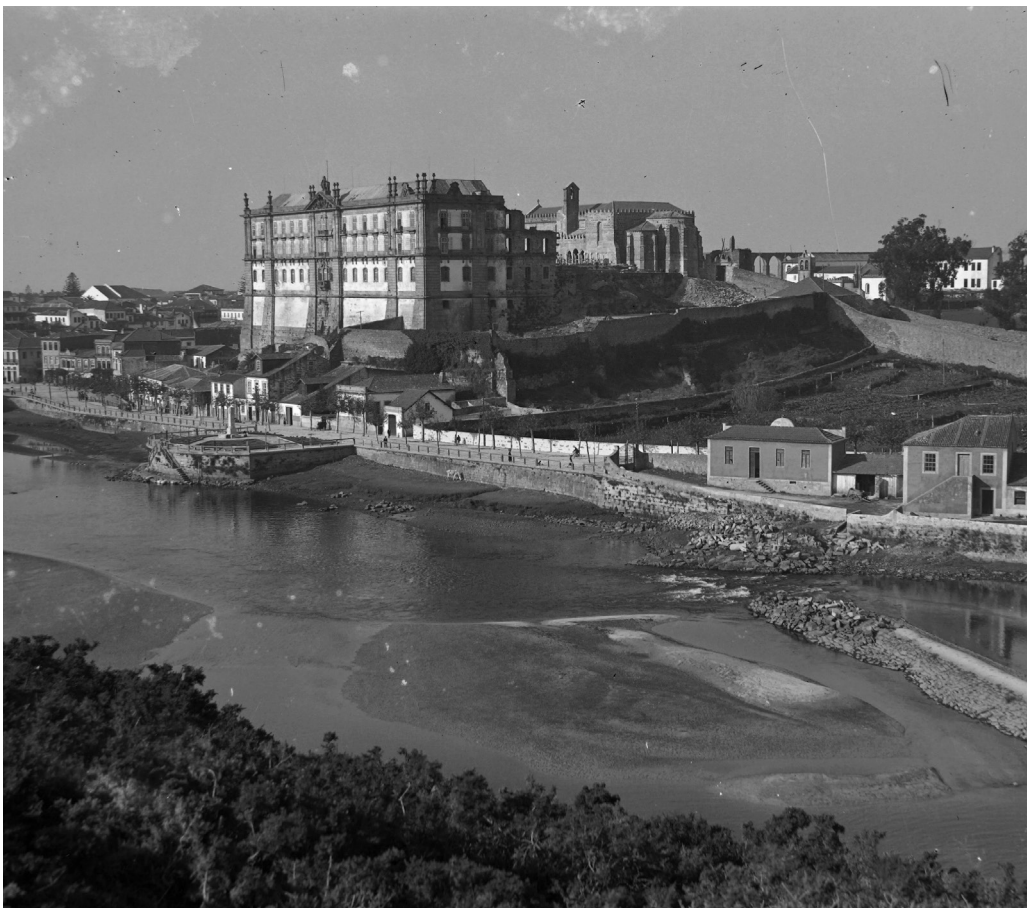
[03] Identificação dos núcleos urbanos. Mapa de Vila do Conde, em 1977. Figura da autora.

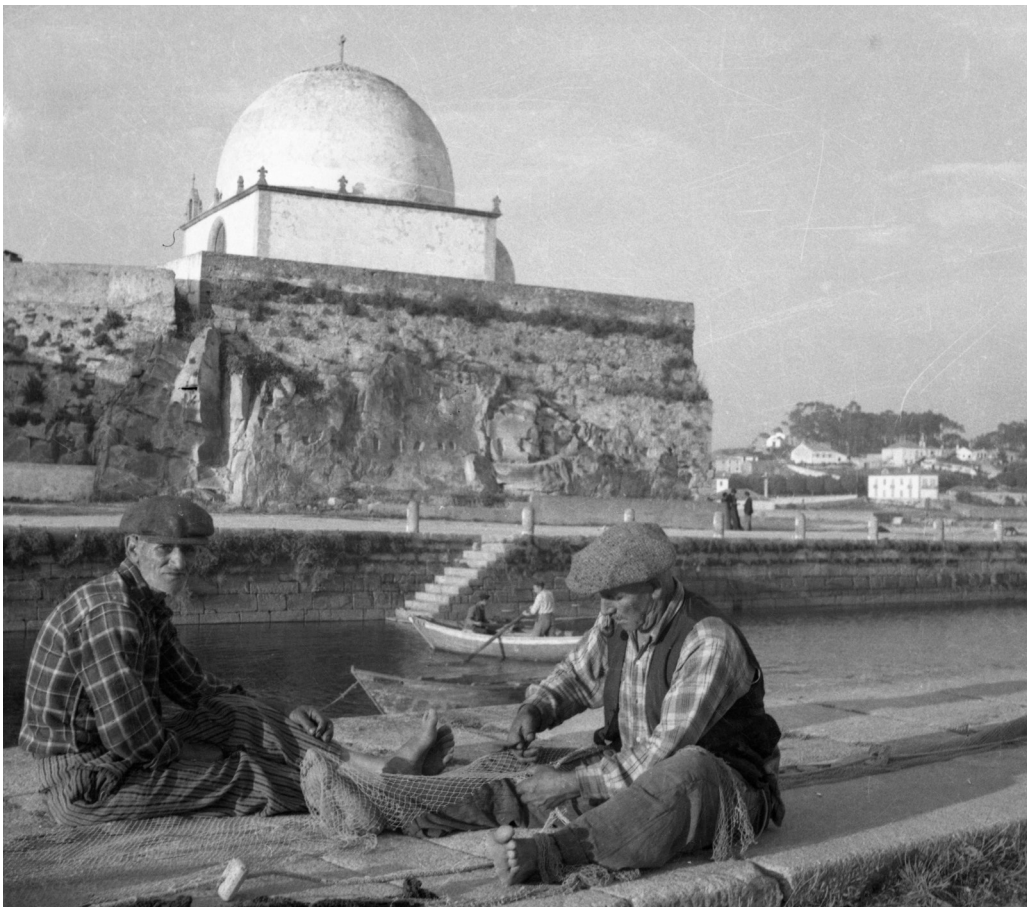
A- Núcleo histórico;

B- Núcleo da foz do Ave;

C- Núcleo balnear;

D- Núcleo piscatório.





O centro histórico,[13] desde a etimologia até à sua estruturação, foi objeto de estudo de diversos autores. Eugénio Freitas, confirma a primeira referência a Vila do Conde, no ano 953, numa carta de venda, e analisa, ao longo da sua obra, as principais personalidades e o património local.[14] Embora Amélia Polónia se dedique ao estudo dos edifícios emblemáticos deste núcleo, aprofunda a temática da expansão ultramarina como elemento determinante na construção da identidade vilacondense.[15] Já Ricardo Ferreira assinala o século XII como o período de consolidação do núcleo urbano, argumentando que a localização e a topografia do território proporcionavam uma via natural de comércio até ao rio, funcionando como um eixo primordial de circulação e distribuição de recursos.[16] Complementarmente, Júlia Abrantes defende que foram as próprias *"*gentes que habitavam o pequeno burgo*"* que lhe conferiram forma e escala à área, impulsionadas pelo domínio económico e social.[17]

Durante o século XVI, Vila do Conde foi alvo de um amplo processo de reconstrução e ampliação. Em consequência, os testemunhos monumentais anteriores ao período em estudo na dissertação são praticamente inexistentes, em virtude da sua substituição ou degradação. Ainda assim, a cidade conserva diversos elementos que se destacam na sua paisagem terrestre, embora muitos tenham perdido as suas características originais. O Mosteiro de Santa Clara, construído no século XIV, continua a ser o edifício mais proeminente da área urbana de Vila do Conde, situado no Monte São João.[18] No entanto, a Capela de Nossa Senhora da Guia, presumivelmente o monumento mais antigo,[19] desempenhou um papel de apoio na defesa da barra. O centro histórico consolidou-se entre os séculos XIII e XIV, [20] impulsionando a evolução urbana a partir de três polos principais: a Praça Velha,[21] o Monte do Mosteiro e a Capela do Socorro.

[04] O mosteiro Santa Clara, a igreja, o aqueduto, o rio e o casario, a partir do Monte Santana. AMVC.1930.

[05] Dois pescadores junto à doca. Ao fundo ,a capela de Nossa Senhora do Socorro. AMVC. S.d.

[13] Segundo Maria Gonçalves, "o conceito de centro histórico tem uma carga simbólica relacionada com 'identidade da cidade', referência para a comunidade de cidadãos, e 'imagem resumida da cidade para o visitante' e apresenta-se como um resultado de um processo de crescimento espontâneo e de ações de planeamento*"* (2012) p.7.
[14] Freitas, Eugénio (2001).
[15] Polónia, Amélia (1999).
[16] Ferreira, Ricardo (2022).
[17] Abrantes, Júlia (2000).
[18] Gabriela Caldelas afirma que funcionava como ponto estratégico e sobranceiro para a construção de um castro, posteriormente transformado num "prédio rústico", que, até ao século XII, se expandiu em seu redor, originando uma povoação urbana. (2021) p.17.
[19] É referenciada, pela primeira vez em 1059, como Ermida de São Julião, no inventário dos bens pertencentes ao Mosteiro de Guimarães. Gonçalves, Maria (2012) p.15.
[20] Caldelas, Gabriela (2012) p.19.
[21] A sua localização determinou a sua afirmação como centro principal das atividades mercantis, correspondendo ao atual Largo Antero de Quental.

USO
GAZCIDLA

O rio Ave foi muito relevante para a consolidação de Vila do Conde. Além de representar uma fonte natural de recursos, a região da foz destaca-se pela posição estratégica na defesa e no controlo do atravessamento fluvial. Um dos elementos-chave é o Forte de São Batista, cuja localização na desembocadura do Ave o transformou, desde a sua construção no século XIV,[22] um marco estrutural na paisagem regional. Por um lado, a fortificação ajudou a fixar as areias das dunas entre as leixões da praia; por outro, permitiu o controlo militar da foz e, finalmente, contribuiu para o açoramento dos terrenos de água salobra, desde a Ponte do Ave. No contexto da atividade piscatória, a pesca no rio assumia uma importância considerável.[23] Nesta área, registou-se um desenvolvimento urbano mais lento em comparação com outros núcleos, mantendo, por conseguinte, um caráter predominantemente rural.

No final do século XIX e início do século XX, aliadas à facilidade de acesso pelo mar e à constante exposição ao vento, estas condições tornaram o território ideal para o estabelecimento da indústria da seca do bacalhau. Infraestruturas semelhantes foram, inclusive, criadas em diversos portos ao longo da costa portuguesa.[24] A expansão progressiva desta atividade conferiu à Seca do Bacalhau de Vila do Conde uma escala considerável, tanto a nível físico, em termos de área, como paisagístico. Ao longo do século XX, a área dos estendais foi expandida e complementada, estabilizando-se em 1996.

As figuras 6 e 7 ilustram a denominada "Curva da Seca", uma das zonas mais desafiantes do percurso de vários eventos desportivos, tanto automobilísticos como hípicos.[25] Destacam-se, em particular, as corridas da "Princesa do Ave", com origem no Forte São João. Nas imagens, para além do terreno destinado à secagem do bacalhau e da área da foz, verifica-se a presença de numerosos espectadores, o que corrobora a análise de Ricardo Ferreira[26] acerca da projeção de Vila do Conde como palco de provas de elevado prestígio.

[06] Corridas de automóveis. Imagem a partir do Forte de São João Baptista. Ao fundo, a Seca do bacalhau, o rio Ave e a praia de Azurara. AMVC. 1950.

[07] Prova de hipismo. Imagem feita a partir do Forte de São João Baptista. Ao fundo, o mosteiro de Santa Clara. AMVC. 1940.

[22] Polónia, Amélia (1999) p.716.
[23] *"*Cria barbos, trutas, mugens, bogas, chaios, eiroses, taínhas, solhas, e nele se metem lampreias e sáveis, como também tem aparecido algumas lontras, sendo a maior abundância de barbos saborosos, por ser contínua em todo o ano*".* Freitas, Eugénio (2001) p.271.
[24] *"*Em Portugal, de Viana do Castelo ao Barreiro, eram estes estendais dos secadouros que caracterizavam a arquitetura do bacalhau*".* Tavares e Souza (2022) p.60.
[25] Com o aumento das preocupações relacionadas com a segurança do público e dos participantes, foi necessário implementar melhorias na infraestrutura local. A requalificação realizada em 2003 no âmbito do programa "Polis" alterou significativamente o traçado da via, reduzindo a faixa de rodagem e, consequentemente, inviabilizando a continuidade das competições. In Programa Polis. (2000).
[26] Ferreira, Ricardo (2022) p.31.

No final do século XIX e início do século XX, apesar de a estrutura urbana se ter mantido assente na matriz quinhentista, verificou-se um impulso no crescimento de Vila do Conde. Como a análise de Ricardo Ferreira tornou explícita,[27] as famílias burguesas, convencidas dos benefícios do mar para a saúde e bem-estar, passaram a frequentar as praias de forma regular, promovendo o desenvolvimento de uma nova malha urbana orientada no sentido nascente-poente em direção ao mar. Esta expansão, designada ao longo da dissertação como núcleo balnear, introduziu alterações significativas na cidade. Para responder ao rápido aumento populacional, tornou-se imperativa a criação de novas avenidas e ruas, alterando a escala de malha medieval.[28] Nesse processo, destacam-se a linha ferroviária[29] entre Porto, Vila do Conde e Póvoa de Varzim, a antiga Avenida dos Banhos[30] e, na sua perpendicular, a Avenida Júlio da Graça".[31]

A proximidade ao mar consolidou uma forte tradição de veraneio, tornando Vila do Conde num destino procurado para segunda habitação e turismo de média-alta qualidade.[32] Assim, este núcleo, definido por uma malha ortogonal com quarteirões regulares, caracteriza-se por uma arquitetura associada a um estilo de vida mais descontraído. A expansão da cidade e a consequente reconfiguração da malha urbana favoreceram a criação de novos núcleos associados a funções e modos de via ligados ao mar. Os trabalhadores do mar e a população ligada à pesca teve tendência a concentrar-se nesses núcleos. Foi neste contexto que surgiram as primeiras comunidades de pescadores, acompanhadas pela edificação dos bairros piscatórios das Caxinas e Poça da Barca,[33] consolidando, assim, a zona piscatória. Ao contrário do núcleo balnear, esta área caracteriza-se por uma ocupação linear e por construções de caráter precário, implementadas em lotes estreitos e compridos, refletindo os seus recursos limitados.

[08] Praia do Turismo, Vila do Conde. AMVC. S.d

[09] Avenida Júlio Graça. Ao fundo, o parque de jogos. AMVC. 1939.

[27] *Ibidem*, p.31
[28] *"*Rasgam-se as grandes avenidas em direção ao areal, constroem-se os jardins da Avenida Júlio Graça e da Praça Vasco da Gama, inaugura-se o teatro Afonso Sanches onde se ocupam os visitantes com espetáculos e jogos de casino… O início do século XX mostra Vila do Conde calma e pacata… A sua praia é cada vez mais procurada pela alta burguesia de então, erguendo-se os equipamentos necessários a uma estadia confortável e divertida, como o novo hotel da Avenida e o Casino*."* Miranda, Marta (1998) p.22.
[29] Apesar de contribuir para os acessos à nova malha urbana de Vila do Conde, a inauguração da linha ferroviária complementada com uma nova ponte que liga Porto-Viana, isolou a área nascente do monte do Mosteiro.
[30] Atualmente é definida por Avenida Doutor Artur Cunha Araújo e Bento Freitas.
[31] Caldelas, Gabriela. (2021) p.27.
[32] Segundo Júlia Abrantes: "À semelhança de outras cidades do país, verifica-se o alargamento da classe média, possuidora de maiores níveis de escolaridade e estilos de vida específicos e que se tem vindo a instalar no seu território, porque lhe agrada a qualidade de vida e o quadro ambiental existente*"* (2000) p.81-82.
[33] *"*Ao sul no fim do termo d'esta villa (Póvoa) e princípio de de Villa do Conde ao pé d'area da praia há no inverno uma lagoa chamada a Possa da Barca, a que accode alguma caça, e seca de verão.*"* Barbosa, Fernando. P.333.

I.II. As funções e trabalhos do homem e da mulher

As mulheres foram sempre figuras centrais nas práticas piscatórias, embora a tendência dos documentos oficiais e das principais narrativas associadas seja a valorização do trabalho masculino. Neste subcapítulo procuramos descrever as várias atividades associadas à faina nas décadas a que se dedica este estudo, compreendendo a posição relativa e as funções dos vários trabalhadores da pesca do bacalhau. Procura-se analisar como contribuíram para moldar a arquitetura de Vila do Conde, ao mesmo tempo em que se investiga a vivência individual e coletiva das famílias.

Os papéis sociais encontravam-se claramente definidos e estruturados por uma organização patriarcal, profundamente enraizada nos ideais do Estado Novo. Rosilda Portas destaca, na sua obra, como os homens enfrentavam o dilema de garantir um meio de subsistência, através da pesca, e o receio de serem mobilizados para a guerra.[34] Importa referir que a participação em, pelo menos, seis campanhas de pesca ou em seis anos consecutivos permitia a isenção do serviço militar nas colónias.[35] Assim, a pesca do bacalhau surgia como uma alternativa tanto ao serviço militar quanto à precariedade económica. Esse tema é aprofundado por Álvaro Garrido,[36] que enquadra as campanhas da pesca do bacalhau do Estado Novo, e por Joana Carvalho,[37] que analisa os perfis dos pescadores.

A pesca do bacalhau constituía uma importante fonte de recursos financeiros para os indivíduos e suas famílias. Paralelamente, as esposas dos pescadores desempenhavam um papel central na gestão financeira do agregado familiar, acumulando também a responsabilidade moral e prática pela educação dos filhos. Este cenário reforça a ideia de que a primeira socialização ocorria no seio da família. Ademais, a prática implicava longos períodos de ausência, geralmente entre cinco e seis meses,[38] devido às viagens aos mares da Terra Nova e Gronelândia.[39]

[34] Portas, Rosilda (2018) p.19.
[35] Diário do Governo n.º 73/1927, Série I de 1927-04-08. Decreto n.º 13441, Art.º 23 e 24.
[36] Álvaro Garrido estudou em pormenor a história do bacalhau durante o Estado Novo em diversos livros. No entanto, destaca-se a sua tese: *"O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau"* (2003).
[37] Carvalho, Joana Patrícia Simões (2019).
[38] "dependendo muito da abundância do pescado e da boa sorte em encontrar pesqueiros certos". Rego, Aurora Botão (2016) p.32.
[39] Mário Coutinho apresenta um longo trabalho e análise sobre a história e desenvolvimento da pesca do bacalhau em Portugal, nomeadamente a obra "*A história da pesca do bacalhau: por uma antropologia do «fiel amigo»"* (1985).

Dentro dessa dinâmica, o homem assumia a função de chefe de família e principal responsável pela obtenção de rendimentos, aliás, conforme a estrutura social determinada pelo Estado Novo, independentemente da profissão. Contudo, as mulheres constituíam um pilar fundamental nas comunidades piscatórias. Realizavam funções domésticas[40] e, frequentemente, atividades ligadas à pesca,[41] essenciais para assegurar a continuidade económica das famílias, ainda que muitas vezes desvalorizadas ou não reconhecidas oficialmente como profissões. Essa realidade, por vezes, sugeria a impressão de um aparente matriarcado. Ainda que os pescadores fossem enaltecidos a ponto de serem associados a um estatuto quase heroico, o seu papel era idealizado em termos de epopeia marítima:

> "A pesca do bacalhau é um dos mais rudes misteres que se pode impor ao marítimo, e que não se pode regatear a admiração por esses heroes obscuros, cujos actos de bravura e de coragem, abnegação e sacrifícios comporiam uma epopeia em cada viagem que fazem".[42]

No período em estudo, e nas pescas portuguesas, a pesca à linha era a técnica mais comum para capturar o bacalhau.[43] Considerada um trabalho duro e perigoso, essa técnica implicava o uso de lugres que faziam a viagem transatlântica até os bancos de pesca ao largo da Terra Nova e exigia que os pescadores se lançassem diariamente ao mar, partindo dos lugres em dóris individuais, pequenas embarcações de fundo chato. Em alto mar, os pescadores enfrentavam várias adversidades, tanto de foro geoclimático quanto de outras naturezas. Segundo Joana Carvalho, lidavam com nevoeiros intensos, a presença de baleias, ciclones e até gelo.[44] Tais condições elevam o risco de colisões com *icebergs* ou de perda de visibilidade, o que podia impedir o retorno seguro do dóri ao navio bacalhoeiro.

[40] Durante o Estado Novo, o regime político impôs "um discurso de domesticidade e docilidade para as mulheres, que deveriam regressar a casa, devolver os postos de trabalho aos homens e dedicar-se ao universo privado e à educação dos filhos, como verdadeiras guardiãs da moral". Almeida p.1 (2010, citado em Portas, Rosilda, 2018)

[41] As mulheres que trabalham diretamente com a pesca, através do arranjo/venda do peixe, ou até mesmo as mulheres dos pescadores, são nomeadas ainda hoje de pescadeiras ou mulheres da pescadaria. A obra de Sally C.Cole comprova isso mesmo, através de um estudo sob a área Vila da Praia. p.1-29.

[42] Moutinho, Mário (1985) p.53.

[43] *Ibidem.*

[44] Carvalho, Joana (2019) p.457-458.

A gestão quotidiana da vida familiar e económica recaía, predominantemente, sobre as mulheres. Maria Lamas descreve na sua obra precisamente como viviam e trabalhavam as mulheres portuguesas neste período, representadas por uma extensa reportagem fotográfica.[45] O contributo feminino raramente recebia reconhecimento formal, sendo interpretado como uma obrigação inerente à condição feminina num contexto social dominado pelo regime fascista.[46] Durante esse período, as mulheres enfrentavam o desafio da "dupla jornada", isto é, além das responsabilidades domésticas e dos cuidados com os filhos e idosos, trabalhavam para complementar o orçamento familiar.[47] Contudo, os ganhos obtidos eram, frequentemente, insuficientes para compensar os elevados custos associados ao embarque dos seus homens. Por esse motivo, muitas recorriam a atividades diretamente relacionadas com a pesca, como vendedeira de peixe,[48] e o trabalho na secagem natural do bacalhau, visando assegurar alguma autonomia financeira.

No caso de Vila do Conde, a produção de bacalhau seco, que seguia o processo de salga, era predominantemente atribuída à mão de obra feminina, representando um dos principais recursos económicos da comunidade local. As mulheres desempenhavam outras funções associadas, como a de saleira, que consistia em fazer "o transporte de sal em pequenas caixas ou cestos à cabeça para carregar o porão de um navio do bacalhau".[49] Para compreender a importância do papel feminino, é necessário analisar as características do bacalhau e o processo de transformação em bacalhau seco salgado. Na Seca do Bacalhau de Vila do Conde, o trabalho das mulheres concentrava-se, sobretudo, em assegurar as etapas finais de transformação do pescado, que já havia sido escalado e salgado a bordo:

> "Após ser capturado nos bancos da Terra Nova, era amanhado e escalado a bordo e salgado no porão, onde permanecia durante a campanha até ao regresso do navio de pesca ao porto de origem. Aí, era descarregado como 'peixe verde'."[50]

[10] Mulheres na separação do bacalhau. Marintimidades. S.d.

[11] Procedimento da secagem do bacalhau em Vila do Conde. AMVC. S.d.

[45] Lamas, Maria (1950).
[46] "Enquanto os lavradores tinham orgulho em afirmar que as mulheres das suas famílias não tinham que trabalhar nos campos, os pescadores tinham orgulho em validar a identidade das mulheres marítimas como trabalhadoras ativas e produtivas, responsáveis pelo bem-estar económico da família" Cole, Sally C. (1994) p.59.
[47] Uma das atividades que as mulheres dos pecadores do bacalhau exerciam era a renda de bilros, exclusiva das comunidades piscatórias de alto-mar. Atualmente, só existe em Vila do Conde.
[48] A venda de peixe efetuada pelas mulheres, conhecidas como as "mulheres de corrida", implicava grandes caminhadas pelas estradas para vender o peixe nas aldeias vizinhas.
[49] Magalhães, Batista. (2013).
[50] Tavares, André e Souza, Diego Inglez (2022).

Após essa primeira fase, a responsabilidade transferia-se maioritariamente para as mulheres. Embora a literatura sobre os papéis femininos nas secas do bacalhau seja menos extensa que a dedicada aos pescadores, os trabalhos de Rosilda Portas[51] e Amélia Polónia[52] destacam as tarefas desenvolvidas e a importância do papel da figura feminina. O primeiro passo consistia no transporte dos cestos de bacalhau até ao local de limpeza, realizado carregando-os à cabeça. Em seguida, o pescado era lavado em tanques: o primeiro com água suja e o segundo destinado à lavagem final. Uma vez lavado e escovado, procedia-se, mais uma vez, ao seu transporte até às mesas de secagem. Este processo, rigoroso e que exigia elevada atenção, implicava a distribuição manual do peixe, tarefa desempenhada, em sua maioria, por trabalhadores temporários, essencialmente mulheres.[53] De acordo com Maria Lamas, o recrutamento desse pessoal ocorria entre os meses de setembro e fevereiro, ou seja, após a temporada de pesca e antes do início do sol mais intenso da Primavera.[54] Essa escolha baseava-se nas características meteorológicas ideais: temperaturas moderadas, algum vento e baixa humidade. Além disso, visto que o bacalhau é seco pelo vento e não pelo sol, as mulheres monitorizavam também a exposição do peixe, protegendo-o das horas de sol intenso ou de chuva, garantindo que as suas características se mantivessem intactas para comercialização. O trabalho nas secas era exaustivo, tanto pela ausência de horários fixos,[55] quanto pelo desgaste físico nas mãos.[56]

O bacalhau, devido à sua baixa quantidade de gordura, adapta-se idealmente aos processos de salga e secagem, o que permite a sua transformação num produto de valor comercial.[57] Por essa razão, é na salga e na seca do bacalhau que se pode identificar o início do que se domina "arquitetura do bacalhau". A Seca do Bacalhau de Vila do Conde, exemplo emblemático dessa arquitetura, destacava-se pela extensa superfície de terreno exposta ao sol e ao vento na desembocadura do rio Ave. Essa área integra estruturas simples e funcionais: mesas de secagem compostas por estacas de granito e travessas de madeira, reforçadas com cabos de arame zincado, organizadas geometricamente e separadas por caminhos de acesso.

[12] Representação da figura feminina na Seca de Vila do Conde. AMVC. S.d.

[13] Duas mulheres na Seca de Vila do Conde. AMVC. S.d.

[51] Portas, Rosilda (2018).
[52]. Polónia, Amélia (1999) p.797-818.
[53] Tavares, André e Souza, Diego Inglez (2022) p.33-36.
[54] Lamas, Maria (1948-1950).
[55] As características meteorológicas ditavam as horas que as mulheres tinham de trabalhar. Isto é, podiam começar a trabalhar bastante cedo, mas se fosse necessário levantar o bacalhau à noite, teriam de fazê-lo. O mesmo acontece na duração do processo de secagem.
[56] A elevada quantidade de sal que o bacalhau verde continha quando chegava à seca provocava bastantes feridas durante o seu manuseio. Além disso, era frequente magoarem-se com as espinhas do peixe nas mãos:
[57] Para informação mais detalhada e explicativa da fisiologia do bacalhau, consultar a obra "*Arquitectura do Bacalhau*". Tavares, André e Souza, Diego Inglez (2022) p.33-36.

Em cada fileira, tal como ilustra as figuras 12 e 13, duas mulheres trabalhavam com a responsabilidade de virar o bacalhau em intervalos regulares para promover a secagem. Esse procedimento constituía a etapa final do processo de transformação, culminando no produto final – bacalhau salgado seco – pronto para ser valorizado e comercializado.

Ao refletir sobre a importância da participação feminina nas atividades relacionadas com a pesca do bacalhau, bem como sobre as potencialidwades e os desafios inerentes a esse perfil participativo, surgem algumas questões relevantes, nomeadamente: quem eram estas mulheres? Quais eram as suas origens e as experiências vivenciadas na Seca de Vila do Conde?

Para responder a essas questões, o trabalho desenvolvido por Abel Coentrão,[58] integrado na associação "Bind'Ó Peixe", mostrou-se de extrema relevância, uma vez que complementou o estudo com diversas entrevistas, análises de campo, relatos e fotografias, que confirmaram as ideias emergentes a este capítulo e que, paralelamente, preservam a memória da cultura marítima em Vila do Conde. O testemunho direto de Manuel Vasco, foi igualmente valioso.[59] O relato demonstrou que eram essencialmente mulheres oriundas do interior, como Braga, Aguçadoura, Estela, Criaz, Belinho, Castelo do Neiva, Vieira do Minho, Pizões e Vila Nova de Famalicão, que se deslocavam para Vila do Conde na esperança de substituir a agricultura por uma atividade que garantisse um vencimento base, alojamento e a possibilidade de constituírem família. Adicionalmente, a publicação jornalística de Artur Sousa do Bonfim, nas "Terras do Ave", revelou informações relevantes para o estudo. Nela constam informações relativas à Seca do Bacalhau e destaca duas secadoras e vendedeiras de bacalhau.[60]

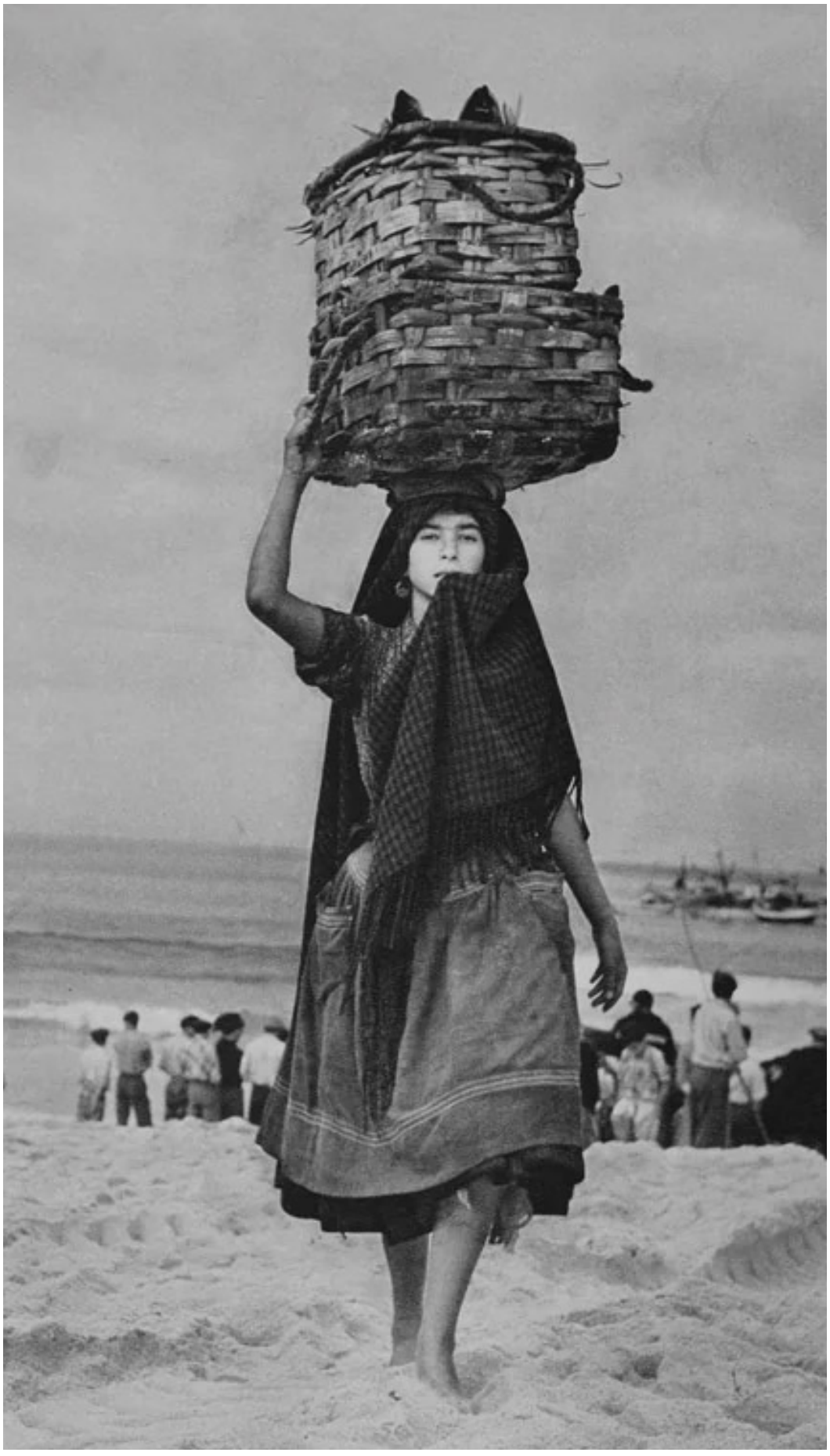
Em síntese, a atividade piscatória em Vila do Conde revela uma dinâmica social profundamente marcada por papéis de género assimétricos. Enquanto os homens enfrentavam os perigos do mar, as mulheres desempenhavam múltiplas funções essenciais, que sustentavam as famílias e contribuíam, de forma indireta, para a manutenção da economia piscatória local. Apesar da falta de reconhecimento oficial, o papel feminino, essencialmente nas atividades realizadas na Seca do Bacalhau, revelou-se indispensável para a consolidação das estruturas socioeconómicas e culturais associadas à pesca.

[14] Varina com cestos à cabeça. Praia da Nazaré. Artur Pastor. 1954-1957.

[58] Abel Coentrão é jornalista. Nasceu Caxinas, é filho, neto e familiar de pescadores poveiros e caxineiros. Escreve essencialmente sobre temas urbanos ligados à mobilidade e desenvolvimento sustentável das cidades. Em 2012 criou a associação cultural Bind'Ó Peixe. O seu principal objetivo é defender o património de Caxinas e Poça da barca

[59] Exposto no Anexo 01.

[60] *"*Seca do bacalhau*"*. Testemunho de Artur Sousa do Bonfim publicada a 14 de fevereiro de 2013 no jornal "*Terras do Ave*", página 15.



CAPÍTULO II

O BACALHAU E A ARQUITETURA

O Bacalhau e a Arquitetura

Ao longo deste capítulo são examinadas as arquiteturas de Vila do Conde que derivam diretamente do bacalhau, como a Casa dos Pescadores, o Bairro Piscatório, os núcleos Caxinas e Poça da Barca, bem como na Seca do Bacalhau. Contudo, é igualmente importante considerar o enquadramento internacional e nacional relativo ao bacalhau, com especial ênfase nas políticas do Estado Novo, conforme evidenciado nas obras de autores como Álvaro Garrido, Sally S. Colle e André Tavares e Diego Inglez de Souza. Adicionalmente, o trabalho desenvolvido por Jéssica Jaramillo complementa essa análise, esclarecendo as diversas expressões arquitetónicas associadas à Casas dos Pescadores e, essencialmente, as diferenças entre elas. O capítulo organiza-se em cinco subcapítulos, cada um dedicado a um tipo específico de arquitetura, oferecendo assim um contexto nacional, descrições detalhadas e fotografias que ilustrem as representações textuais. O Arquivo da Câmara Municipal de Vila do Conde desempenha um papel essencial, não só pela disponibilização de imagens, mas também por fornecer dados esclarecedores que não se encontram na bibliografia.

[15] Seca do Bacalhau de Vila do Conde. AMVC. S.d.

II.I. Descrição das arquiteturas

A influência da pesca em Vila do Conde foi objeto de diversas obras, nomeadamente por Ricardo Gonçalves,[61] Maria Ribeiro,[62] Eugénio Freitas,[63] e Amélia Polónia.[64] Contudo, nenhuma dessas obras investiga especificamente o papel da pesca do bacalhau na cidade, apesar de grande parte da sua estrutura urbana estar diretamente relacionada com essa atividade. Para compreender a relação entre a arquitetura e o bacalhau, é importante salientar que cada espécie, em função das suas características fisiológicas e ecológicas, origina formas arquitetónicas e paisagens particulares.[65]

No presente estudo, analisa-se o bacalhau (*Gadus morhua*) uma espécie caracterizada pela elevada massa muscular e pelo baixo teor de gordura, cujas propriedades permitem a secagem e a preservação das suas qualidades nutritivas durante longos períodos.[66] Esta peculiaridade desempenha um papel essencial na configuração dos espaços e das estruturas associadas à pesca e ao processamento do bacalhau seco salgado.

Mas, afinal, que tipo(s) de arquitetura(s) deriva a partir do bacalhau? A "arquitetura do bacalhau" é um conceito singular, que carrega na sua definição um conjunto de expressões arquitetónicas. Desde a sua captação até à sua transformação final em bacalhau seco salgado, o peixe evoca diferentes tipos de arquitetura, de formas e características distintas, mas, com o mesmo objetivo. Pode-se, inclusive, argumentar que a arquitetura do bacalhau tem início mesmo antes da sua captura, abrangendo também as embarcações utilizadas, as artes de pesca e as referências de navegação.

Durante o período de estudo, o bacalhau desempenhou um papel central na construção de uma parte significativa da paisagem portuguesa. No caso de Vila do Conde,[67] embora não fosse a maior localidade ligada a esta atividade, é um exemplo claro das relações da arquitetura com a pesca do bacalhau.

[61] Gonçalves, Ricardo da Silva (2004).
[62] Ribeiro, Maria (2002).
[63] Freitas, Eugénio (2001).
[64] Polónia, Amélia (1999).
[65] Designamos "economia do mar" porque é a partir da captura no mar que se inicia o processo de transformação do bacalhau até transformar-se num produto com valor atribuído pronto a ser comercializado.
[66] Tanto a fisiologia do bacalhau, como as suas características ecológicas consultar a obra "*Arquitectura do Bacalhau*". Tavares, André e Souza, Diego Inglez (2022) p.33-36.
[67]Ao longo da dissertação, é possível identificar Vila do Conde como «vila» uma vez que durante o período em estudo ainda não tinha sido elevada a cidade. Vila do Conde foi considerada a cidade em 1988, pela Lei nº5/88, de 1 de fevereiro 1988.

No início do século XX, a história de Portugal é marcada por uma reviravolta, tanto no âmbito político, económico, social, cultural como, e mais relevante para o desenvolvimento desta investigação, no contexto arquitetónico. Esta grande alteração iniciou-se com a revolução que dissolve a Primeira República Portuguesa, em 1926. Este movimento extingue partidos políticos, instituições políticas democráticas e implanta no país uma Ditadura Militar. Posteriormente, esta revolução militar encontra o seu epílogo no ano de 1933, quando no país se implanta uma outra constituição, juntamente com um novo regime, denominado Estado Novo; este novo governo teve como líder o primeiro-ministro da época, António Oliveira Salazar, que promoveu e tutelou fortemente a 'organização corporativa' em Portugal. A pesca do bacalhau também sofreu grandes alterações neste período, nomeadamente através da criação do GANPB pelo Estado Novo. Desenvolvido e publicado em 1935, foi considerado "o primeiro organismo corporativo do setor".[68]

O Grémio dos Armadores visava: desenvolver e orientar a pesca, a secagem, e a venda do bacalhau nacional; facilitar o desenvolvimento desta indústria; criar uma sociedade mútua de seguros; melhorar as condições de vida nas embarcações; assegurar a proteção contra os acidentes de trabalho e os riscos da profissão.[69] Ao longo do artigo "*Cod, God, Country and Family: The Portuguese Newfoundland Cod Fisher",*[70] percebe-se que o Grémio é também visto pelas pessoas como representante dos interesses dos armadores mercantes, enquanto a Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau[71] desempenhava o papel de representante do Estado. Conforme Álvaro Garrido, estes organismos deviam trabalhar em conjunto com os sindicatos nacionais e com as futuras Casas dos Pescadores de forma a abordar os "problemas do trabalho" e a da "previdência social",[72] contribuindo para a "regulamentação das atividades produtivas".[73]

[68] Garrido, Álvaro (2003) p.170.
[69] Diário do Governo n.º 272/1935, Série I de 1935-11-23. Decreto-Lei n.º 26106.
[70] Cole, Sally C. (1990). pp.1-29.
[71] A partir deste momento, utilizar-se-á a sigla CRCB.
[72] Garrido, Álvaro (2003) p.171.
[73] *Ibidem.*

II.I. A Casa dos Pescadores

As Casas do Povo e as Casas dos Pescadores foram concebidas inicialmente como organismos corporativos e associativos, encarregues de prestar assistência social, apoio económico, educacional e cultural às populações rural e marítima, respetivamente. A consulta aos Boletins de Celebração das Casas dos Pescadores, nomeadamente dos dez anos, doze e quinze, refletem precisamente essas intenções por parte do Estado Novo. Contudo, atualmente estas entidades já não desempenham exatamente as funções para as quais foram fundadas; tendo-se transformado, predominantemente, em instituições com uma missão cultural integrada com a prestação de apoio social. Localizadas em vilas costeiras, constituíram o elemento primário de base territorial da organização do trabalho marítimo no contexto cooperativista do Estado Novo,[74] sendo a sua ação coordenada pela Junta Central das Casas dos Pescadores.[75] Rosilda Portas confirma que a JCCP, enquanto associação, desempenhava as funções de previdência e assistência, construção elementar de adultos e crianças, recreação e ainda a formação profissional das artes de pesca.[76] À JCCP competia pôr em prática os ideais sociais do regime, como a construção de equipamentos de apoio às comunidades piscatórias, as escolas de pesca, casas de trabalho, escolas primárias, creches, lares dos pescadores e asilos para idosos.

Embora tanto as Casas do Povo e as Casas dos Pescadores tenham desempenhado papéis importantes, como refere Jessica Jaramillo,[77] apenas se encontraram referências e testemunhos arquitetónicos correspondentes à Casa dos Pescadores de Vila do Conde, entidade na qual se concentrará a análise deste subtítulo.

Inaugurada em 1938, a Casa dos Pescadores de Vila do Conde, localizada no que hoje se designa como Avenida do Brasil, simboliza o reconhecimento da vila como um importante centro de pesca.[78]

[16] Capela de Nossa Senhora dos Pescadores. AMVC. S.d.

[17] Avenida Comandante Coutinho Lanhoso. Bairro dos pescadores e Casa dos Pescadores à esquerda. AMVC. 1969.

[74] As Casas dos Pescadores visaram a perda das suas características de organismo corporativo após o 25 de abril de 1974 ,fim do Estado Novo, acabando por ser extintas em 1976. De acordo com o Decreto-Lei n.º 49/76 de 20 de janeiro, a Junta Central das Casas dos Pescadores passou a designar-se "Caixa de Previdência e Abono de Família dos Profissionais de Pesca." *In* Diário do Governo n.º 16/1976, Série I de 1976-01-20, páginas 107 - 108
[75] A partir deste momento, utilizar-se-á a sigla JCCP.
[76] Portas, Rosilda (2018) p. 28-29.
[77] Jaramillo, Jessica. (2012).
[78] A lei 1953 de 1937 autorizou a criação das Casas dos Pescadores em todos os centros de pesca portugueses, integrando Vila do Conde. *In* Diário do Governo n.º 58/1937, Série I de 1937-03-11, páginas 207 – 208. Lei n.º 1953, de 11 de março.

CASA DOS PESCADORES DE VILA DO CONDE
NOSSO SENHOR DOS NAVEGANTES

CASA
DOS
PESCADORES
DE
VILA DO CONDE

À semelhança do que acontecera ao longo da costa portuguesa, a sua construção seguiu três objetivos: representação profissional; educação e instrução, através do ensino básico para adultos e crianças; e a previdência e assistência, mediante a concessão de subsídios ou pensões.[79] Destaca-se, no entanto, o papel da educação e instrução, que contribuíram para a propagação do ideário do regime, bem como a implementação de escolas de pesca concebidas para desenvolver instrução profissional.

Apesar de a bibliografia não mencionar, deduz-se que, para além de responder às necessidades básicas dos pescadores, estas Casas desempenharam um papel estratégico na captação e manutenção da mão de obra, reforçando o sistema paternalista do Estado Novo, sustentado por uma retórica de subserviência e dependência, ilustrada por *slogans* que relembravam os princípios primordiais do regime: "Deus, Pátria e Família." Estes pareciam ser produzidos propositadamente para induzir a aceitação dos baixos salários e das más condições de trabalho por parte dos pescadores. Sally S. Colle faz referência a essas mesmas condições na sua obra, através de entrevistas a dois pescadores inscritos na Capitania do Porto de Vila do Conde.[80] Apesar das condições precárias impostas aos pescadores, estas Casas consolidaram-se como um pilar essencial tanto da estrutura social e económica da pesca do bacalhau como também para as suas famílias.

Durante a análise da bibliografia consultada relativa aos projetos arquitetónicos destas edificações, não foi encontrado qualquer indício que permita afirmar com segurança que estas se tenham desenvolvido a partir de um projeto-tipo. No caso de Vila do Conde, sabe-se que a Casa dos Pescadores contou com o apoio direto da JCCP e foi construída com a participação ativa dos próprios pescadores locais. A par desta, foi também construída a Capela de Nossa Senhora dos Pescadores, representada na figura 16, reforçando o carácter simbólico e identitário do conjunto. As dimensões e características programáticas destas casas variavam consoante o contexto urbano e social onde se inseriam, sendo adaptadas às necessidades específicas de cada localidade. Com a perda de relevância destas instituições após a instauração da democracia, a Casa dos Pescadores de Vila do Conde foi ocupada pelas instalações da Segurança Social, função que mantém até hoje. Tanto a Casa dos Pescadores como a JCCP desempenharam, ao longo do Estado Novo, um papel central e simbólico na vida quotidiana das comunidades e no desenrolar da atividade piscatória.

[18] Ao lado direito, a bandeira da Casa dos Pescadores de Vila do Conde e Nosso Senhor dos Navegantes. Em primeiro plano, o bacalhau. Ao fundo, o pão. AMVC. S.d.

[19] Retrato de um grupo de pescadores em frente à Casa dos Pescadores de Vila do Conde. AMVC. 1938.

[79] Diário do Governo n.º 194/1937, Série I de 1937-08-20, páginas 859 – 862. Decreto-Lei n.º 27978, de 20 de agosto.

[80] No artigo "*Cod, God, Country and Family: The Portuguese Newfoundland Cod Fisher"* observa-se o testemunho de dois pescadores, Joaquim e Manuel, que relatam a aceitação de salários baixos e poucas condições, quase como uma obrigatoriedade. Cole, Sally C. (1990) p. 1-29.

II.III. O Bairro dos Pescadores

Durante o Estado Novo, e face às difíceis condições de vida dos pescadores, percebeu-se a necessidade de construir moradias de cariz económico. Assim, implementaram-se melhorias urbanas destinadas a mitigar o problema da habitação, dando origem a um conjunto diversificado de iniciativas, entre as quais se destacam os programas das Casas Económicas e das Casas de Pescadores.[81] Inseridas nesse panorama social e político, as Casas dos Pescadores, sob a orientação e participação da JCCP, impulsionaram a edificação dos Bairros de Pescadores, com o objetivo de proporcionar à comunidade piscatória um lar digno e confortável. De acordo com Patrícia Silva e Rui Ramos,[82] esses bairros expandiram-se pelas zonas costeiras entre 1933 e 1972.

Em Vila do Conde, a implantação do bairro ocorreu fora do centro tradicionalmente ocupado pelos pescadores, longe dos portos de pesca, como se observa na figura 03. A localização parece um pouco contraditória, isto é, dado que o local anteriormente escolhido para viverem era definido pela proximidade ao trabalho e aos centros económicos, ao implantar-se o Bairro dos Pescadores fora dessa área cria-se uma grande rutura na relação trabalho-casa. Nesta perspetiva, levanta-se dúvidas relativamente à ajuda proveniente do Estado: se, por um lado, pretendia-se oferecer um lar digno e cómodo, por outro, a localização afastada dificulta a vida da população mais vulnerável financeiramente.

Através da consulta aos Boletins de Celebração das Casas dos Pescadores, a arquitetura das casas inseridas nos Bairros dos Pescadores parece bastante semelhante em todo o país, inclusive em Vila do Conde. Aqui, o Bairro dos Pescadores foi inaugurado em 1944,[83] a sudeste da Casa dos Pescadores. As figuras 19 e 20 representam as habitações simples, de apenas um piso, com cobertura inclinada de quatro águas e planta retangular. Os seus alçados sugerem que cada volume é ocupado por pelo menos duas famílias, uma vez que apresentam duas portas de entrada. São definidos por vãos pequenos com, pelo menos, oito janelas. Características essas que, ainda que não pudesse ser o objetivo, transmitem uma arquitetura pobre, refletindo a precariedade financeira da comunidade.

[20] Bairro dos Pescadores de Vila do Conde. AMVC. S.d.

[21] À esquerda, a Casa dos Pescadores e o Bairro, à direita. AMVC. S.d

[81] Segundo os autores Jean Rémy e Liliane Voyé (1997), "a habitação possui grande relevância na vida dos indivíduos, a casa é por excelência uma zona de investimento afetivo, sendo o bairro social assimilado como um local de identificação e reconhecimento, robustecido pelas interações e atuações dos indivíduos." Citado em: Portas, Rosilda (2018) p.30.

[82] Silva, Patrícia e Ramos, Rui (2016). "Comunidades Piscatórias: do legado da arquitetura popular às estratégicas habitacionais no período do Estado Novo"

[83] Informação disponível no Arquivo Municipal de Vila do Conde.

II.IV. Os núcleos piscatórios: Caxinas e Poça da Barca

Os primeiros indícios do que designamos por "núcleos piscatórios" desenvolveram-se a par da expansão de Vila do Conde para além do núcleo histórico. O uso dos espaços nas comunidades estava associado à exploração coletiva dos recursos necessários à comercialização do bacalhau, desde a sua captura à transformação e distribuição.

Caxinas e Poça da Barca constituem dois núcleos piscatórios integrados em Vila do Conde, localizados em proximidade geográfica. Ambos representam comunidades predominantemente formadas por pescadores vilacondenses com recursos económicos limitados, que ambicionavam habitações acessíveis para suprir as suas necessidades básicas e garantir condições para o seu desenvolvimento familiar. Estas comunidades consolidaram-se em torno da pesca e das atividades associadas ao bacalhau, com habitações frequentemente simples, mas adaptadas às exigências do trabalho marítimo. Estes dois núcleos não são apenas uma variante do que consideramos a "arquitetura do bacalhau". Não são uns simples aglomerados. São, sim, dois testemunhos da relação entre o homem e o mar. A sua dinâmica de ocupação e a ligação às infraestruturas de apoio à pesca moldaram a organização espacial e social. Além das funções residenciais, Caxinas e Poça da Barca transformaram-se também em centros culturais, onde se transmitem conhecimentos e tradições ligados à pesca, fortalecendo vínculos locais.

Embora sejam dois bairros piscatórios distintos são frequentemente associados pelo contexto em que foram estabelecidos e pelo mesmo motivo que foram construídos. O bacalhau assume também aqui um papel importante, funcionado como o elemento conector que influencia diretamente este tipo de arquitetura. Mais do que simples núcleos habitacionais, Caxinas e Poça da Barca representam o impacto da pesca do bacalhau na organização e transformação da imagem de Vila do Conde. Estes dois bairros não moldaram apenas a vida dos pescadores e das suas famílias, como também tiveram a capacidade de alterar a estrutura da cidade, contribuindo para a construção de novas infraestruturas.

[22] Casal caxineiro, na praia. AMVC. S.d

Os dois bairros piscatórios apresentam características arquitetónicas semelhantes às de outros aglomerados ligados à pesca do bacalhau, definidas por habitações de pequenas dimensões, agrupadas em ruas paralelas entre si, maioritariamente térreas, construídas em lotes compridos e estreitos, que tiram aproveito das frentes marítimas e permitem um elevado número de habitações.

Poça da Barca, situada a norte de Vila do Conde e fazendo fronteira com a Póvoa de Varzim,[84] integrada na paróquia das Caxinas, foi inicialmente habitada por pescadores provenientes da Póvoa de Varzim, mantendo, até aos dias de hoje, uma forte ligação histórica e cultural com essa cidade. Caxinas, por sua vez, distingue-se por uma cultura marítima profundamente enraizada num culto religioso associado à incerteza dos percursos dos pescadores em alto-mar.[85] Grande parte da sua população é composta por pescadores oriundos de Vila do Conde e Póvoa de Varzim, que, inicialmente se estabeleceram em Poça da Barca e, posteriormente, por necessidade, expandiram-se para a Caxinas. Esse crescimento transformou as antigas dunas e campos agrícolas em autênticos núcleos piscatórios, evidenciando a capacidade de adaptação e a resiliência destas comunidades.

No percorrer deste bairro, encontram-se vários elementos alusivos aos temas marítimos e religiosos, nomeadamente nas decorações das habitações, os espaços públicos e edifícios religiosos, provas tangíveis desta ligação simbólica. Destaca-se a igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, marco central na espiritualidade local. Considerada como a maior comunidade piscatória de Portugal, segundo Pedro Guedes,[86] a origem do nome "Caxinas" tem sido objeto de várias versões etimológicas ao longo do tempo. No entanto, a versão que atualmente goza de maior credibilidade entre os habitantes locais é a que remonta a palavra "*cacimba*", que designa o nevoeiro denso frequente nas zonas costeiras, ou, alternativamente, "*cachinare*", que significa "soltar gargalhadas de escárnio de forma efusiva",[87] relacionada com a vivacidade e animação típica das mulheres da região.

[23] A praia das Caxinas. Ao fundo, a designada "Casinha do Salva-Vidas" pelos populares. À sua frente, já na água, o farol. Fotografia Artur Pastor, Arquivo Municipal de Lisboa.

[84] *"*Ao sul no fim do termo d'esta villa (Póvoa de Varzim) e princípio de Villa do Conde ao pé d'area da praia há no inverno uma lagoa chamada a Possa da Barca, que accode alguma caça, e secca de verão*"* In Barbosa, Fernando. P.333; Citado em: Pinto, António (200) p.15

[85] Com a necessidade de os maridos estarem ausentes durante longos períodos, devido às exigências da atividade piscatória, as suas famílias encontravam na religião uma fonte de esperança, força e conforto espiritual. A marcada presença religiosa reflete uma obsessiva devoção, ligada a tragédias sofridas pelos pescadores locais, no mar. A fé desempenhava um papel importante, não apenas como uma forma de lidar com a incerteza e os perigos associados à vida do mar, mas também fortalecia os laços sociais e culturais.

[86] Guedes, Pedro (2019) p.22.

[87] *Ibidem*. P.23.

Caxinas é hoje um núcleo urbanisticamente integrado, sem distinções físicas evidentes em relação às zonas adjacentes, entre elas o restante da freguesia de Vila do Conde. Contudo, tais foram as mudanças estruturais na cidade que, aliadas à forte coesão social dos seus habitantes, conferem às Caxinas uma identidade própria, que transcende os limites geográficos. Atualmente, olha-se como um núcleo piscatório quase independente,[88] reconhecido por uma arquitetura peculiar, enraizada nas tradições locais, bem como por uma pronúncia singular e características culturais que o diferenciam – apesar de, oficialmente, serem vilacondenses, os seus habitantes são orgulhosamente conhecidos como "*caxineiros*", reforçando a singularidade e o caráter distintivo deste território no panorama cultural e social da região.

A expansão da malha urbana da zona costeira das Caxinas reflete uma evolução sociocultural e económica que transformou o padrão de utilização habitacional: o que, outrora, era regime de residência económica permanente, deu lugar a uma ocupação sazonal, orientada para o lazer, à semelhança do que aconteceu no núcleo balnear analisado anteriormente no capítulo I.I. Este novo padrão de utilização, tornou-se visível desde os anos 70, trazendo novos desafios e preocupações para o núcleo piscatório. O desenvolvimento do turismo balnear nesta área carece de profundas alterações à imagem destes bairros, muito diferente dos objetivos iniciais que orientaram a conceção original do projeto dos bairros habitacionais. Surge, assim, a possibilidade de que as características arquitetónicas e funcionais destas casas, concebidas para um contexto socioeconómico completamente distinto, revelam-se inadequadas face às novas exigências e dinâmicas sociais. O crescimento do turismo tem impulsionado a expansão urbana, mas também concebe à cidade uma sazonalidade de vivências locais, isto é, o verão, marcado por uma afluência massiva de visitantes e completamente orientado para o lazer, contrastando com o inverno de menor vitalidade, marcado por uma notória redução do movimento e da vivência local.

[88] Popularmente, Caxinas é vista como freguesia aos olhos dos seus habitantes. Essa vontade não foi atendida pela CMVC, mas não impediu que uma identidade intrinsecamente ligada ao mar não se formasse a partir de um núcleo piscatório.

Nos dias de hoje, a economia local equilibra-se entre a tradicional atividade piscatória e o impacto crescente do turismo. A situação torna-se ainda mais preocupante quando se questiona se esta exploração extensiva da habitação sazonal pode comprometer a identidade arquitetónica local, em especial quando se observa as típicas casas estreitas de apenas um piso a transformarem-se em prédios de vários andares. Este risco é agravado pelo crescimento urbano desordenado, onde as regras urbanísticas perdem a sua importância.

Em síntese, Caxinas e Poça da Barca, para além da sua relevância urbana, histórica e social, preservam uma identidade cultural singular dentro do contexto de Vila do Conde. Essa identidade reflete-se na prevalência de atividades ligadas ao setor das pescas, seja através da prática direta da pesca, seja pelo envolvimento a indústrias associadas, como é o caso da indústria conserveira e os congelados.

"Ia até Poça da Barca,
Meu muito amado local,
(E quem diz Poça da Barca
Diz Caxinas, sua igual)
E parava a olhar de longe,
Estátuas de bronze a andar,
As belas gentes do mar…"

José Régio

in *Romance de Vila do Conde*

II.V. A Seca do Bacalhau

As secas do bacalhau são referenciadas, essencialmente, em duas obras – *Arquitetura do Bacalhau*[89] e a *História da pesca do bacalhau: por uma antropologia do "fiel amigo"*[90] – como elementos emblemáticos da paisagem ao longo da costa portuguesa no século XX. Destacavam-se não só pela vasta área ocupada pelos estendais, mas também pela sua importância social e cultural que exerceram. Estas infraestruturas foram determinantes na consolidação urbana em torno da pesca e do processamento do bacalhau, transformando as cidades em polos de atividade económica e cultural.

As construções localizavam-se, maioritariamente, na foz dos principais rios, como o Ave, Douro, Lima, Mondego, Tejo e Vouga, aproveitando as condições naturais de vento e sol, fundamentais para o processo de secagem, e beneficiando da proximidade fluvial para facilitar o transporte e a logística associada à pesca. Mais do que espaços produtivos, as secas do bacalhau simbolizam a articulação entre economia, arquitetura e identidade cultural centrada na atividade piscatória:

> "A arquitetura do bacalhau e a qualidade de construção das secas em terra era um fator decisivo na equação de relações entre esforço de pesca e investimento".[91]

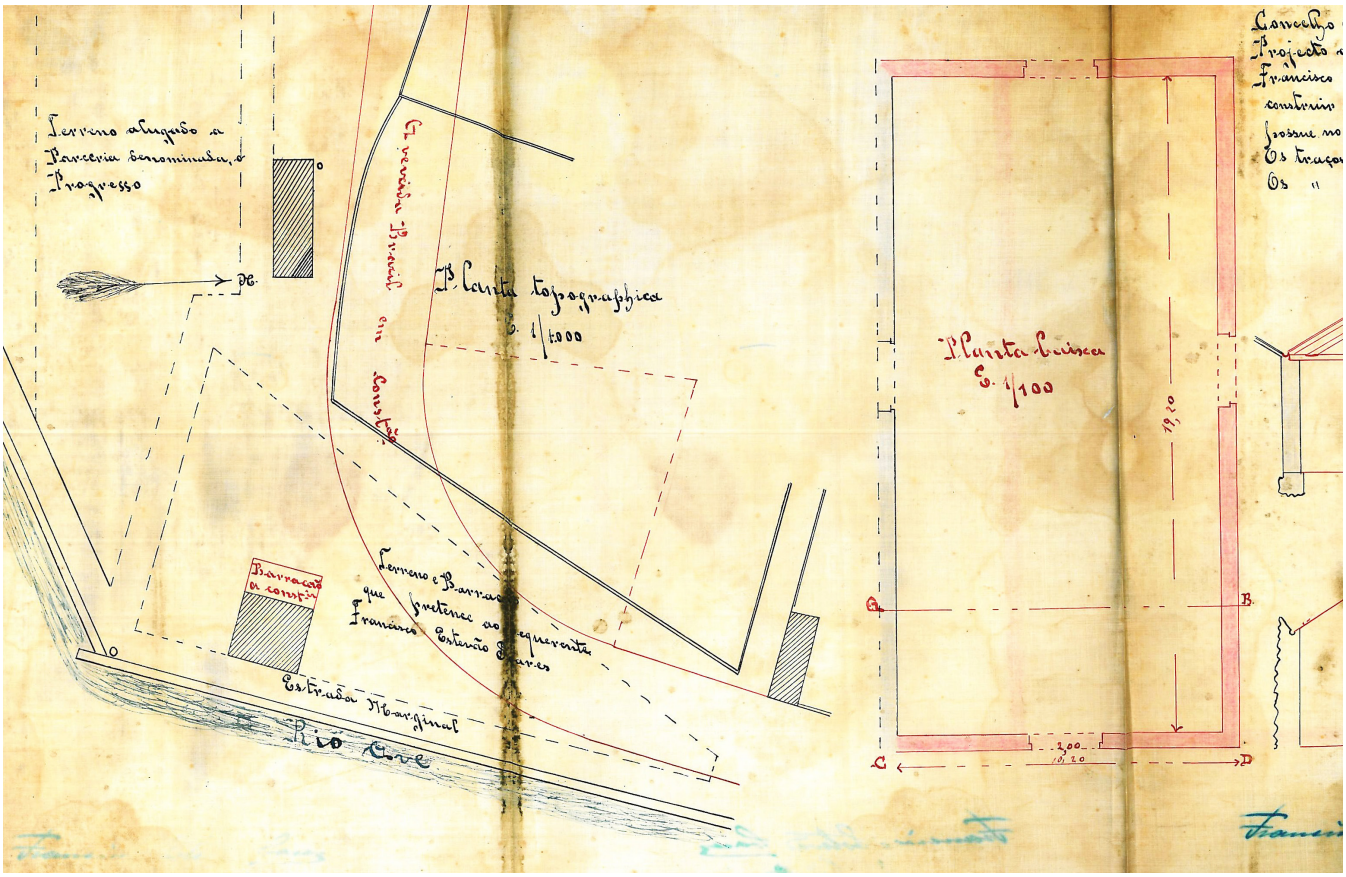
O maior exemplo deste tipo de arquitetura em Vila do Conde, ainda que tenha sido alvo de radicais alterações, é a Seca de Bacalhau situada no lugar da Senhora da Guia. Durante o período analisado nesta dissertação, a infraestrutura encontrava-se regime de aluguer por Artur Paiva, uma vez que o terreno era propriedade da Direção Geral dos Serviços Hidráulicos.

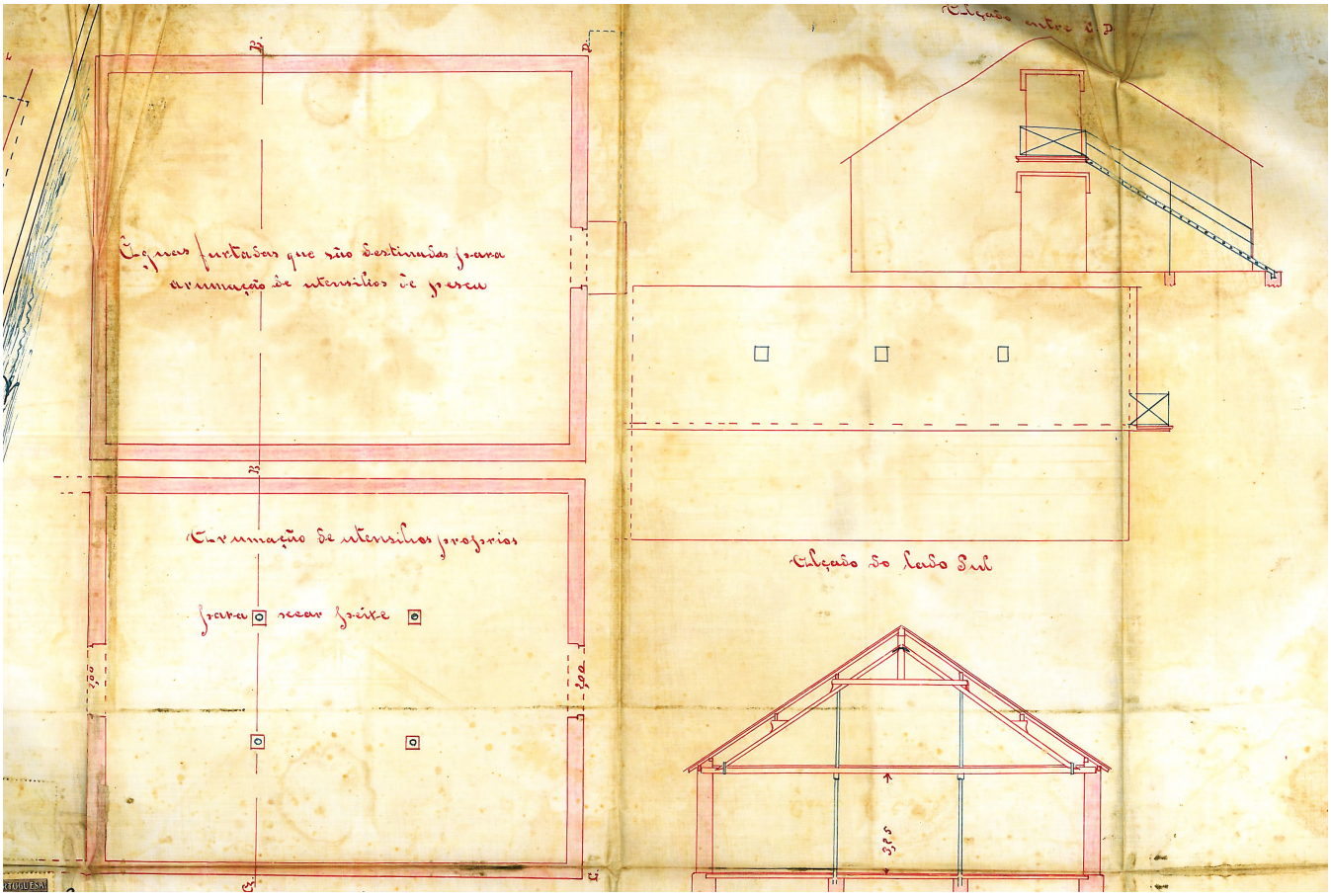
Apesar de acessível por via fluvial, rodoviária e ferroviária, a localização estratégica na foz do rio Ave era o principal fator impulsionador da atividade. Este proporcionava acesso direto ao mar, exposição constante ao vento, e um terreno predominantemente plano, arenoso e firme, adequado à instalação de estendais. Os acessos rodoviários tinham igualmente relevância, sobretudo para facilitar o transporte do bacalhau seco salgado.

[24] A Seca do Bacalhau de Vila do Conde e armazém. Fonte: Mais Seminário. 2020.

[25] A Seca do Bacalhau de Vila do Conde. Castro Barroso Gato Nogueira. 2016.

[89] Tavares, André e Souza, Diego Inglez (2022).
[90] Moutinho, Mário (1985).
[91] Tavares, André e Souza, Diego Inglez (2022).


Terreno adquirido a
Parceria denominada o
Progresso
Planta topographica
Planta baixa
Rio Cave


Cobertas fortadas que são destinadas para
a remoção de utensilios de pesca
Terminação de utensilios proprios
para a secar peixe
Elevação do lado Sul

A instalação da Seca era servida por uma estrada secundária que a atravessava e acedia à Estrada Nacional, a cerca de 500 metros de distância. O acesso ferroviário era realizado através da Estação de Caminho de Ferro de Vila do Conde, a 2 km.

A nível de abastecimento de água, o rio era também determinante. A água salgada, usada sobretudo nos processos industriais, era captada junto à sua foz, a apenas 75 metros; já a água doce, essencial à lavagem do peixe[92] e ao uso doméstico era proveniente de uma mina natural e poço no próprio terreno.

Dado que não existe nenhuma bibliografia específica sobre a Seca de Vila do Conde, recorreu-se à *Monografia dos Secadouros Nacionais,* pertencente à Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau,[93] que lista todas as secas nacionais em atividade entre 1938 e 1982. Desta forma, verificou-se que a Seca de Vila do Conde, nomeada como "Secadouro da Empreza de Pesca Portuense, Lda." não dispunha de armazéns refrigerados para peixe verde, mas incluía dois armazéns não refrigerados destinados ao bacalhau salgado verde. Ambos integravam o mesmo edifício, cuja construção remonta a 1895, posteriormente ampliado. O "Armazém n.º 1", designado pela CRCB, situava-se no topo do edifício, comunicando diretamente com o parque de lavagem e secadouro. Tinha cerca de 19 metros de comprimento, 11 de largura e 5 metros de altura.[94] Já o "Armazém n.º 2", representado pelos desenhos das figuras 26 e 27, situava-se a meio do edifício e comunicava, por um lado, com o parque de lavagem e, por outro, com o armazém de peixe em movimento de secagem. Os registos da Câmara Municipal de Vila do Conde sugerem que a sua construção data de 1911.[95] Com 19,20 metros de comprimento, 11 de largura e 6 de altura, este armazém dispunha de acesso direto à estrada que dividia o secadouro, utilizada para a descarga do peixe verde.

[26]Localização e planta de piso do "Armazém n.º 2".Os traços a preto, representam a situação existente e, a traço vermelho, o que se pretendia construir. AMVC. 1911.

[27] Plantas de piso, corte transversal e alçados do "Armazém n.º 2". AMVC. 1911.

[92] Para mais informações sobre o processo do bacalhau nas Secas do Bacalhau, ler o capítulo I.II.
[93] A partir deste momento, utilizar-se-á a sigla CRCB.
[94] Esta informação consta apenas na *Monografia dos Secadouros Nacionais*, uma vez que não existe documentação registada no AMVC.
[95] O Arquivo Municipal de Vila do Conde permitiu a análise dos documentos referentes à Seca e, na primeira Memória Descritiva registada, está presente um carimbo correspondente ao "Imposto do Sello: 1911". Pelo que, a partir daí, considera-se esta data. Pelas dimensões apresentadas nos desenhos, supôs-se que esse seria o armazém nomeado como "Armazém n.º 2" da *Monografia dos Secadouros Nacionais,* e também porque os desenhos apresentam-se com traço preto a situação existente e, a traço vermelho, o que se pretende construir.

TAVEIRA DA MOTA

A lavagem do peixe era realizada num parque localizado entre os dois armazéns referidos, de forma exclusivamente manual, com uso intensivo de água doce. O armazém destinado a este processo partilhava exatamente as dimensões dos anteriores e possuía três portas e três janelas viradas para a estrada, seca e rio. Orientado a norte, mantem-se o mesmo número de vãos. Usavam-se tinas duplas, uma espécie de tanques com divisória a meio onde a água doce está na tina superior que, por transbordo, passava para a inferior, onde se realiza a lavagem final e o peixe permanecia submerso. Este método assegurava a qualidade do produto final e garantia as condições sanitárias, com menor risco de contaminação. A capacidade diária de lavagem era de 100 quintais.

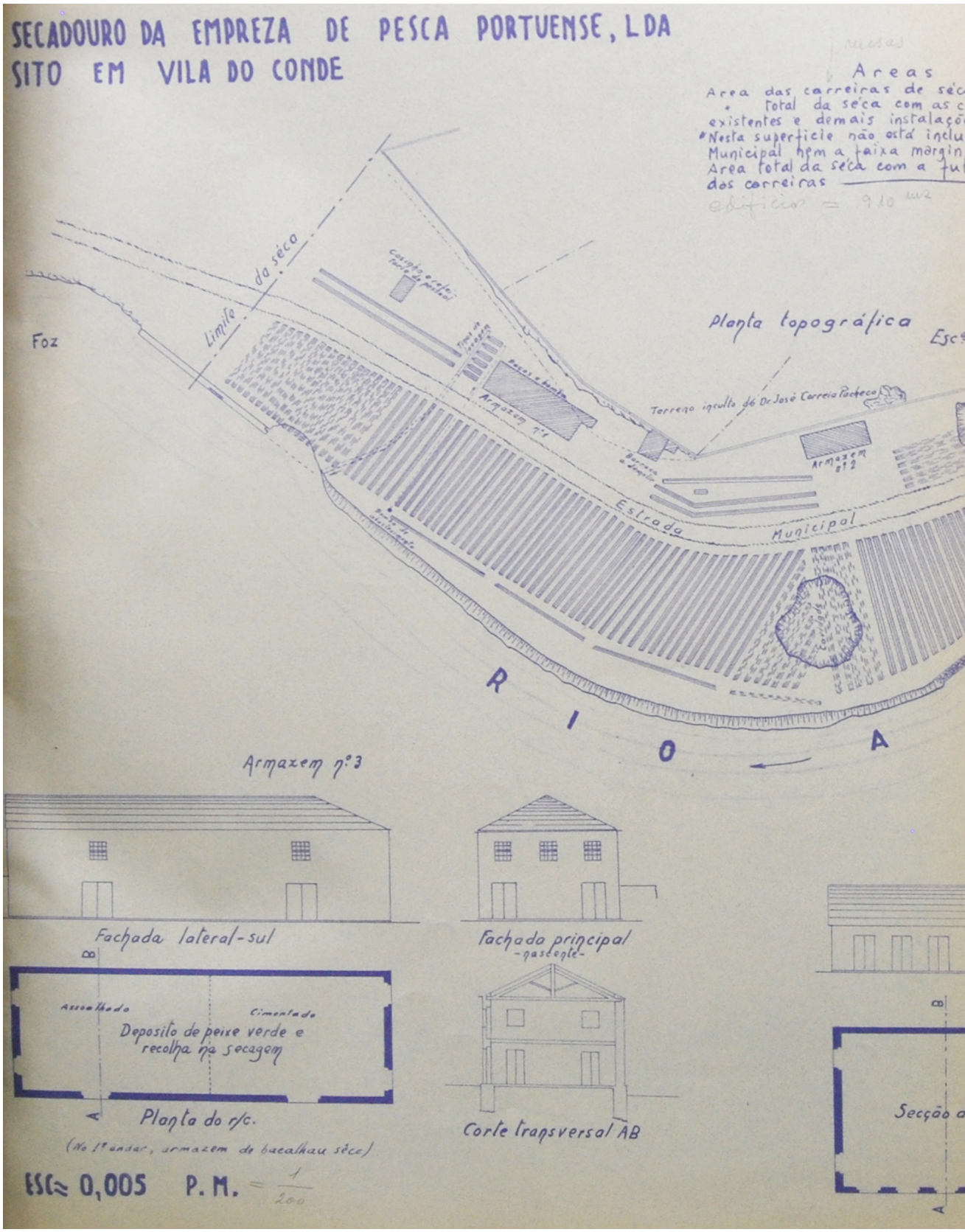
Registos fotográficos, como as figuras 28 e 29, evidenciam a enorme área de secagem, que dominava a paisagem urbana de Vila do Conde no século XX, ocupando 17 000 m^2 de área total, dos quais 8 800 m^2 eram ocupados por mesas de exposição relativamente simples, de arame, assentes em estacas de madeira, terminando em pilares de pedra, permitindo a exposição de cerca de 1 800 quintais de bacalhau. Os ventos predominantes, sobretudo o Norte,[96] favoreciam a secagem. O transporte do bacalhau entre espaços até às mesas de secagem, era feito através de carrinhos de mão e vagonetas com reboques mecânicos. Salienta-se, mais uma vez, que a secagem era inteiramente natural e exigia atenção constante: a distribuição do peixe nas mesas era realizada manualmente, tarefa maioritariamente desempenhada por mulheres.[97]

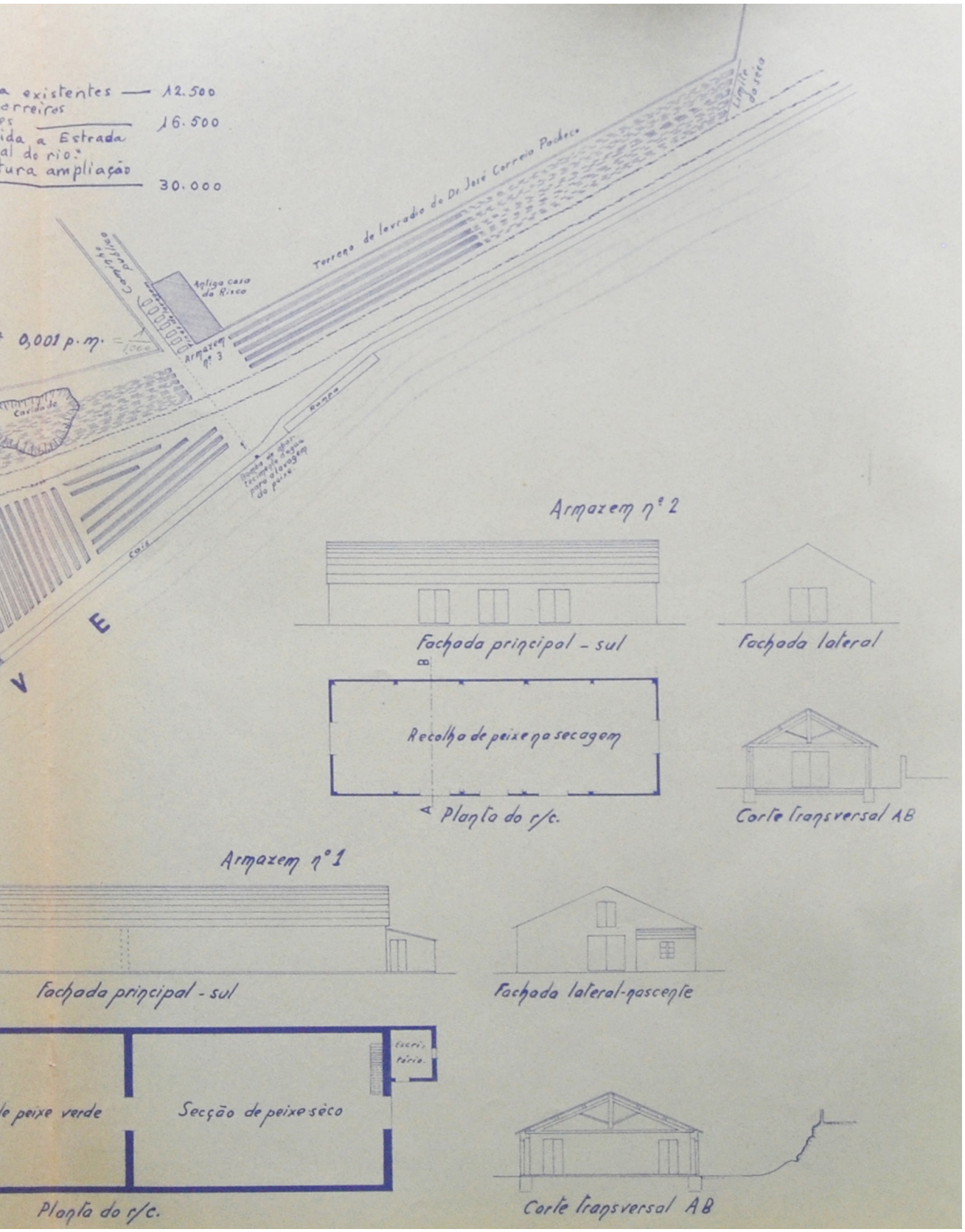
Quando as condições meteorológicas não permitiam a secagem, o bacalhau era guardado nos "Armazéns de peixe em movimento de secagem". Vila do Conde provinha de dois, na zona mais antiga do edifício. O "Armazém n.º 1" comunicava internamente com o Armazém n.º 2 de peixe verde e tinha acesso direto à secagem, mantendo os 11 metros de largura, mas mais alto e comprido, com 3,20 m e 14,50 m, respetivamente. Face ao rápido desenvolvimento da atividade, tornou-se necessário a ampliação do armazém por um mais amplo, o "Armazém n.º 2" sendo este o único que tem os seus desenhos registados. A sua implantação ocorreu em 1957, após um pedido formulado pelo proprietário, Artur Paiva, à Câmara Municipal, acompanhado pela Memória Descritiva, ao qual o AMCV cedeu acesso.

[28] A Seca do bacalhau e o Armazém "Taveira da Mota". AMVC. S.d.

[29] O terreno da Seca dividido pela Estrada Municipal. Ao fundo, o rio Ave. AMVC. S.d.

[96] Os populares denominam o vento que se faz sentir em Vila do Conde como "nortada", precisamente por esse motivo.
[97] Para mais informações sobre as funções e trabalhos das mulheres, consultar o capítulo I.II.


SECADOURO DA EMPREZA DE PESCA PORTUENSE, LDA
SITO EM VILA DO CONDE
Areas
Planta topográfica
Foz
Limite da séca
Estrada Municipal
Armazem nº 3
Fachada lateral-sul
Fachada principal
-nascente-
Deposito de peixe verde e recolha na secagem
Planta do r/c.
(No 1º andar, armazem de bacalhau sêco)
Corte transversal AB
ESC≈ 0,005 P. M. = 1/200


a existentes — 12.500
erreiros
ps — 16.500
ida a Estrada
al do rio.ª
tura ampliação — 30.000
Terreno de lavradio do Dr José Correia Pedroso
Limite da seca
Antiga casa do Risco
Armazem nº 3
0,001 p.m.
Caminho
Carvalhal
Rampa
Poço de abastecimento de água para alavagem do peixe
Cais
E
V
Armazem nº 2
Fachada principal - sul
Fachada lateral
B
Recolha de peixe na secagem
A
Planta do r/c.
Corte transversal AB
Armazem nº 1
Fachada principal - sul
Fachada lateral-nascente
Escritório
de peixe verde
Secção de peixe sêco
Planta do r/c.
Corte transversal AB

Desta forma, as dimensões do armazém alteraram-se para 36,50 metros de comprimento, 8,30 de largura e 4,90 de altura, ocupando uma área aproximada de 303 m^2 com uma capacidade de 1 484 m^3 de peixe. É possível observar-se 6 janelas e 2 portas, sendo que uma delas comunicava internamente com o armazém de peixe seco e a outra acedia diretamente ao secadouro. Além destas, possuía outras duas que se relacionavam com a estrada que atravessava a Seca.

Na fase final de transformação, o bacalhau seco era armazenado em dois armazéns específicos. Um deles, diretamente ligado ao "Armazém n.º 2" de peixe em movimento de secagem e com o armazém de peixe seco. Era neste que se realizava o enfardamento do bacalhau, com uma capacidade de 1 077 m^3, 26,50 metros de comprimento e 8,30 de largura. O outro, destinado à recolha do bacalhau já enfardado, permanece com a mesma largura, mas é significativamente mais pequeno no seu comprimento com 9,70 metros e uma capacidade de 394,50 m^3. Este, por sua vez, comunica com o armazém n.º 1 de peixe seco, mas não tem acesso direto à secagem. Além destes, existia ainda um terceiro armazém no piso superior dos anteriores, inicialmente destinado ao bacalhau seco enfardado, mas utilizado apenas como arrecadação devido à dificuldade de transporte dos fardos pelas escadas.

Finalmente, em 1966, o espaço da Seca estabilizou-se, tal como a sua estrutura, consolidando-se como uma das principais expressões arquitetónicas associadas à pesca do bacalhau. Nesta altura, integrava 17 800 m^2 de secadouro, 8 800 m^2 eram ocupados por mesas de secagem e 1 315 m^2 por edifícios. A figura 30, proveniente da CRCB, ilustra com clareza a organização funcional da Seca, distribuída por diferentes tarefas: à esquerda, o Armazém n.º 1, destinado essencialmente à primeira e à última fase da transformação do bacalhau – o armazenamento do peixe salgado verde e do bacalhau seco. Anexo a este, localiza-se a planta de piso do escritório. No centro do terreno, encontra-se o Armazém n.º 2, utilizado exclusivamente para a recolha do bacalhau durante o processo de secagem, o que justifica a sua posição estratégica. Já o terceiro armazém, à direita, servia ao mesmo tempo como depósito de peixe verde e ponto de recolha na secagem. No entanto, o elemento mais marcante do desenho é, sem dúvida, a extensa área ocupada pelas mesas de secagem, que dominam grande parte do terreno. Ainda assim, segundo a legenda da figura, é possível perceber a intenção de ampliar significativamente esta área, com planos para atingir cerca de 30 000 m^2 dedicados à secagem.

[30] Planta do Secadouro da Empresa de Pesca Portuense, Lda. Adicionalmente, as plantas de piso, cortes e alçados dos três anexos e descrição de áreas. CRCB. 1949-1965.

Uma vez realizado todo o processo de transformação do bacalhau para ser comercializado, segue-se o seu transporte. No caso da Seca de Vila do Conde, o produto final era transportado por camionetas alugadas, pois a Seca não possuía frota própria. Ainda assim, fazia parte da empresa armadora "Tavares Mascarenhas Neves e Vaz, Lda.", que preparava o peixe nestas instalações.

O impacto urbano e social da Seca torna-se claro ao analisar os dados sobre os trabalhadores. Segundo a *Monografia dos Secadouros Nacionais,* havia apenas dois funcionários permanentes, nomeadamente o mestre de seca e o encarregado. O pessoal eventual rondava os 85 trabalhadores, envolvidos nas tarefas de lavagem, movimento, secagem, empilhamento, classificação, enfardamento, entre outras. As condições laborais parecem precárias: existiam apenas três retretes com chuveiros e lavatórios; um balneário de 7 m^2 para 85 pessoas; dormitório com 30 camas de ferro, tipo beliche; um refeitório com cozinha; e uma casa ampla para o encarregado da Seca, com 40 m^2, contrastando com condições do restante pessoal. O escritório e arquivo localizavam-se junto ao "Armazém do peixe em movimento n.º 1", com una retrete e lavatório anexo.

Vila do Conde é marcada por estruturas simples, mas essenciais à secagem do bacalhau. Apesar de ter perdido, aos longos dos anos, alguns traços originais, especialmente com a intervenção da "Estrada do Circuito"[98] representada na figura 29 que dividiu o terreno, a Seca de Vila do Conde permanece como uma peça fundamental para compreender a articulação entre arquitetura, economia e cultura na pesca do bacalhau, sendo um testemunho vivo da integração desta atividade na vida urbana e comunitária da costa portuguesa. Em 2020, a Seca de Vila do Conde foi classificada como Conjunto de Interesse Municipal.[99]

[98] Atualmente, a Avenida Marquês de Sá de Bandeira.

[99] Em 2020 foi publicado no Diário da República o anúncio da classificação do edifício da antiga seca do bacalhau de Vila do Conde e estendais adjacentes, como Conjunto de Interesse Municipal. O edifício agora classificado é o que restou do núcleo de armazéns destinados à Seca do Bacalhau, teve como última denominação "Organizações Taveira da Mota, Guimarães Cardoso e Cª Lda". Para este espaço está a ser projetado o Centro Artes Náuticas (CAN), um Centro Interpretativo relacionado com a construção naval de madeira de Vila do Conde.

CAPÍTULO III

A ESTRTURA URBANA

A estrutura urbana

Este capítulo aborda evolução da estrutura urbana de Vila do Conde entre 1936 e 1976, com base na análise de documentos e cartografias históricas. Dividido em três subcapítulos, procura-se identificar tanto as alterações mais significativas como as mais subtis, enquadrando-as no seu respetivo contexto temporal para melhor compreender as ruturas e continuidades que marcaram a vila. Para isso, além da análise das cartografias históricas de Vila do Conde, destaca-se o Anteplano de Urbanização de 1952, elaborado por Agostinho Ricca e Miguel Rezende, e estudado em profundidade por Sara Sucena, que constitui o tema do primeiro subcapítulo. São depois apresentados e descritos três mapas, dos anos 1915, 1940 e 1976, que serão redesenhados e analisados. Esta abordagem, possibilita compreender e identificar a transformação da cidade ao longo do século XX, revelando as dinâmicas políticas, económicas e sociais que moldaram a identidade urbana e distribuição dos núcleos habitacionais e piscatórios.

[31] A foz do Rio Ave em primeiro plano. A Seca do Bacalhau e o Armazém. Ao fundo, o Mosteiro Santa Clara. AMVC. S.d

Nos capítulos anteriores, analisou-se como a biologia do bacalhau e as suas exigências de captura, transporte e processamento deram origem a diversas expressões arquitetónicas – das secas ao bairro piscatório – e como os contextos internacionais e nacionais, sobretudo ao longo dos séculos XIX e XX, impulsionaram o crescimento económico e a consolidação de uma memória coletiva profundamente ligada a esta atividade. Ficou também claro que o surgimento de núcleos urbanos distintos dentro de Vila do Conde e a necessidade de melhorar as acessibilidades exigiram controlo mais rigoroso do ordenamento do território, através de soluções integradas de planeamento urbano.

Este capítulo dedica-se à configuração e evolução da malha urbana de Vila do Conde, focando-se no período em que a industrialização das pescas[100] e o crescimento demográfico mais pressionaram a cidade, desde o final do século XIX ao início do século XX. Começou-se por examinar as infraestruturas estruturantes, nomeadamente a inauguração da Estrada Nacional nº13 (Porto-Viana), em 1865, e a chegada do caminho de ferro, em 1873, assim como a forma como elas alargaram o perímetro urbano e criaram eixos de desenvolvimento junto à costa e ao rio Ave. Em seguida, mostra-se como o contínuo aumento populacional obrigou ao alargamento das avenidas, à definição de novos arruamentos e à reutilização de lotes para habitação e atividades produtivas.

Paralelamente, enquadrou-se estas transformações no quadro político. A história do Estado Novo foi objeto de numerosos estudos, que caracterizaram o processo de imposição de uma ditadura militar de tendência fascista, reforçada com a Constituição de 1933, que instituiu o Estado Novo. Salazar, primeiro como Ministro das Finanças e, mais tarde, como Presidente do Conselho, convocou Duarte Pacheco como Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que implementou um programa de desenvolvimento de planos municipais destinados a orientar o crescimento dos principais aglomerados urbanos,[101] transformando o planeamento num "veículo de propaganda das ambições políticas",[102] como sublinha Sara Garcia a propósito de Vila do Conde. Ao colocar este pano de fundo, preparou-se as bases para entender tanto as conquistas como as limitações dos planos de urbanização em Vila do Conde e o seu legado na estrutura.

[100] Para mais informações sobre a industrialização das pescas e a consequente pressão ecológica no mar, recomenda-se a leitura da obra "*Arquitetura do bacalhau*" de André Tavares e Diego Inglez de Souza (2022).
[101] Lôbo, Margarida Souza. (1995).
[102] Garcia, Sara (1998) p.33-35.

III.I. Anteplano de Urbanização: 1952

O primeiro planeamento urbano para Vila do Conde data de 1952, com a elaboração de um Anteplano de Urbanização desenvolvido pelo Arquiteto Agostinho Ricca e pelo Engenheiro Miguel Rezende, inserido na política de ordenamento a nível nacional. Naquele momento, a cidade reunia as condições necessárias para se integrar na política nacional de ordenamento,[103] procurando responder à rápida expansão populacional e ao duplo papel de Vila do Conde como destino turístico e comunidade piscatória.

Os dois elementos mais revelantes apresentados pelos autores foram, por um lado a componente escrita, que caracteriza o local de intervenção tanto do ponto de vista físico como social, e por outro, o regulamento. O Anteplano "abrange a parte central de Vila do Conde, o núcleo principal da freguesia de Azurara, situada na margem esquerda do Rio Ave, fronteira à Vila, a zona piscatória de Caxina e Poça da Barca, ao norte em contacto com a Póvoa de Varzim, em largo espaço agrícola circundante".[104] De uma forma geral, o projeto comprometia-se a preservar as características e especificidades que distinguiam os diferentes núcleos urbanos, prevendo o seu crescimento de forma ordenada,[105] de modo a satisfazer da melhor maneira possível a função que cada um desempenhava no conjunto da estrutura urbana.

Após classificarem a cidade em diversas zonas, cada uma com perfis distintos, e elaborarem uma lista de edifícios de interesse público, estabelecendo, desta forma, as bases orientadoras do projeto, os autores apresentaram a planta. No que respeita ao material gráfico, apenas foi possível aceder à planta de urbanização e de trabalho, representada na figura 32. Contudo, nesta planta, não é clara a distinção entre o existente e o proposto, dificultada pela ausência de uma representação do construído. Ainda assim, Sara Garcia reconhece que alguns traços do planeamento parecem enquadrar este Anteplano no modelo cidade-jardim, influenciado pela Carta de Atenas, uma conclusão fundamentada pela análise da memória descritiva que acompanhava o documento.[106] As ideias implantadas pela referência da Carta de Atenas parecem evidenciar-se de forma mais clara na separação das funções urbanas, nomeadamente na concentração da indústria nas proximidades da EN13.

[103] O Decreto-Lei nº24802, de 21 de dezembro, exigia que integrassem no Plano as "localidades com mais de 2 500 habitantes que entre dois recenseamentos oficiais consecutivos acusem um aumento populacional superior a 10 por cento." *In* Diário do Governo n.º 299/1934, Série I de 1934-12-21, páginas 2137 - 2141
[104] *Anteplano Geral de Urbanização,* op. cit, p.3.
[105] Elaborado com base numa taxa média de crescimento por centena de habitantes obtida por relação do diferencial do número de habitantes a partir do ano 1900, segundo o recenseamento oficial.
[106] Garcia, Sara (1998) p.103-109.

Ainda assim, podem também ser identificadas influências nos edifícios de maior frente, implantados de forma mais solta em relação ao alinhamento da rua, como se observa na Avenida Júlio Graça.[107] O Anteprojeto contemplava também a urbanização de uma nova faixa habitacional junto ao mar e um parque verde dotado de serviços de apoio à população, aproveitando as zonas dunares que até então estavam desprovidas de uma utilização definida.

Apesar do potencial do Anteplano e da sua capacidade síntese das condicionantes políticas e económicas da época, Vila do Conde não dispunha, à data, de meios financeiros ou administrativos suficientes que justificassem levar o plano até à sua total implementação.[108] Margarida Souza Lôbo inclui este Anteplano de 1952 no seu inventário de planos municipais promovidos pelo Estado Novo, enquadrando-o na "fase alta" dos projetos de Duarte Pacheco e sublinhando que, embora conceitualmente avançado, permaneceu em grande parte por executar, revelando as limitações orçamentais e burocráticas do regime".[109]

O certo é que, apesar de o Anteplano de Miguel Rezende e Agostinho Ricca não ter sido implementado na sua totalidade, algumas das suas ideias acabaram por orientar intervenções pontuais em Vila do Conde, nomeadamente a transferência dos estaleiros para a margem esquerda do rio Ave; a execução do Cemitério das Caxinas, ainda que não seja na localização prevista; ou a canalização de tráfego na Estrada Nacional EN13. Outras propostas inovadoras foram gradualmente abandonadas, deixando à mostra as dificuldades de implementar um planeamento urbano coerente num contexto económico restrito.[110] Contudo, enquanto algumas ideias do Anteplano de 1952 ainda se consolidaram, outras foram consideradas inadequadas e, por isso, abandonadas, como a criação de um centro desportivo próximo da Avenida Júlio Graça, a implementação de um Parque Central na zona do campo do Castelo e a preservação do pinhal a norte da área balnear.

[32] Anteplano Geral de Urbanização. Planta de Trabalho e Urbanização. Autoria do Engenheiro Miguel Rezende e Arquiteto Agostinho Ricca. AMVC. 1952.

[107] Aliás, o espaço verde de grandes proporções proposto neste plano pode ter sido concebido como uma necessidade de criar uma barreira física e funcional entre os diferentes usos urbanos.
[108] De acordo com o relatório de Miguel Rezende e Agostinho Ricca realizado durante o estudo para o Anteplano, a população era de médios e baixos recursos, com tendência a permanecer assim segundo os seus estudos para a proposta.
[109] Lôbo, Margarida Souza. (1995).
[110] Garcia, Sara (1998), p. 117-118.

III.II. As fontes documentais: 1915, 1940 e 1977

Para analisar a evolução da estrutura urbana de Vila do Conde entre 1936 e 1976, procedeu-se à recolha e análise de material gráfico, com especial destaque para as cartografias históricas. Tendo em conta que a dissertação abrange quatro décadas e a escassez de mapas históricos relativos a esses anos, optou-se por selecionar três cartografias de referência – datadas de 1915,[111] da década de 1940 e de 1977 – que permitem comparar um intervalo de tempo similar. Embora tenha sido cedida pelo AMVC a planta de 1952, correspondente ao Anteplano de Urbanização de Vila do Conde, optou-se por não a incluir como fonte documental. Por um lado, a falta de resolução desta planta e o facto de representar apenas uma parte da cidade, não permitia uma comparação com os outros anos. Por outro lado, importa referir que, por se tratar de um Anteplano de Urbanização, grande parte das propostas representadas não chegaram a ser concretizadas, ou pelo menos não no período correspondente à sua data, o que comprometeria a fidelidade histórica da análise.

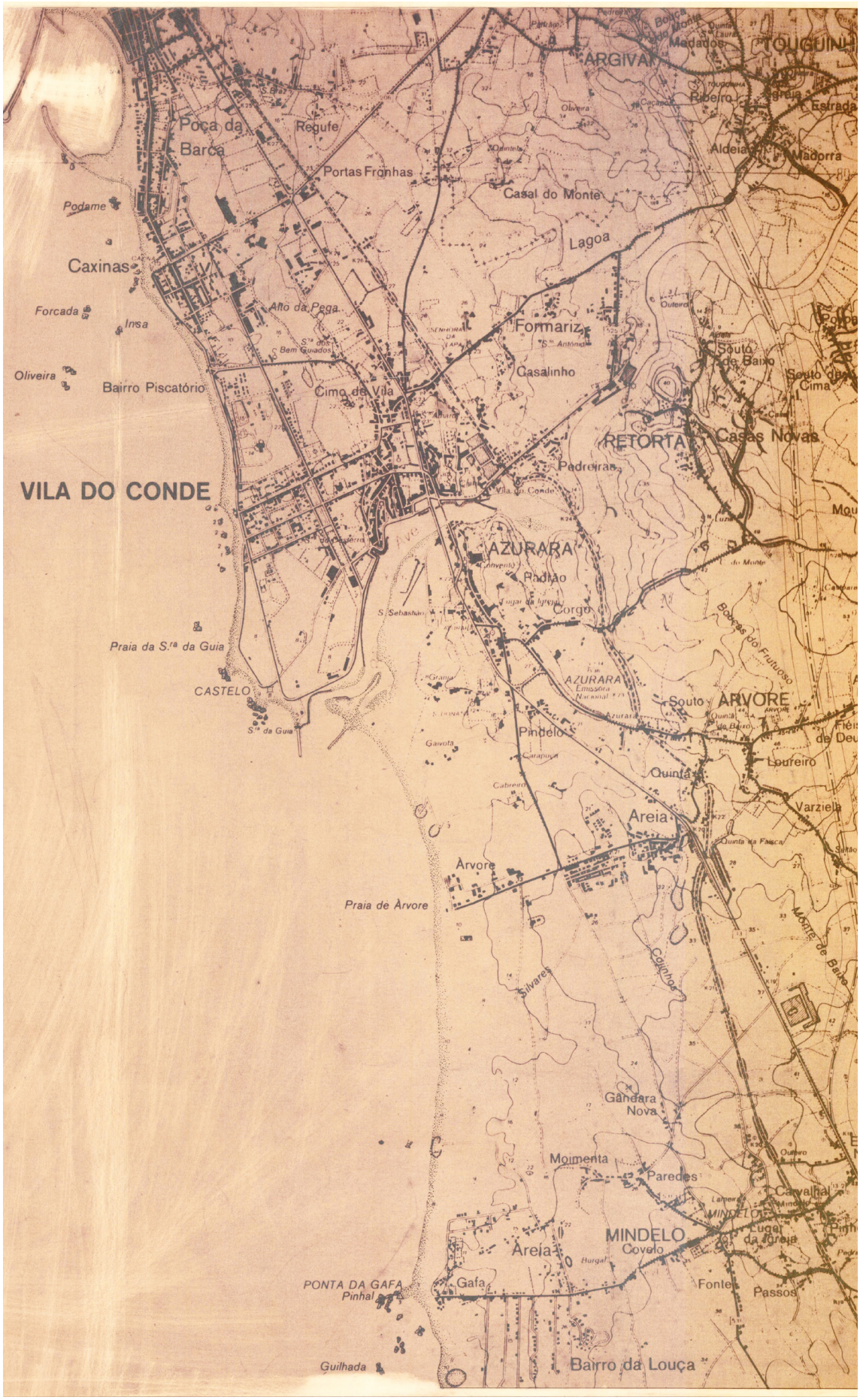
Ainda que o mapa de 1915 seja anterior ao período considerado nesta investigação, constitui um importante ponto de partida, representando a realidade urbana de Vila do Conde no início do século XX. Como muitos outros núcleos urbanos portugueses dessa época,[112] a cidade surge como um aglomerado compacto, cuja concentração coincidia com o centro histórico, facilmente identificável na cartografia. As poucas vias que se ramificam em direção ao litoral, em alinhamento nascente-poente, sinalizam já o início de uma pressão de expansão, perpendicularmente ao mar. Este mapa, representado na figura 33, evidencia ainda a interdependência com a cidade vizinha, Póvoa de Varzim, por meio de uma estrutura viária consolidada e pela presença já estabelecida da linha de caminho de ferro.

No entanto, comparativamente às restantes cartografias mencionadas, este mapa representava uma área muito reduzida Vila do Conde. Como resposta a esse problema, contactou-se o Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim[113] que cedeu a planta da cidade datada entre 1904 e 1915, para entender-se a continuidade urbana entre as duas.

[33] Planta topográfica de Vila do Conde. AMVC. Estipulado em 1915.

[111] Este registo cartográfico apesar de não estar datado com o ano em específico, o AMVC supõe que seja de 1915 ou aproximadamente.
[112] Essa comparação é feita através da leitura antecedente da obra "*Cidade e Democracia*" de Álvaro Domingues (2006).
[113] A partir deste momento, utilizar-se-á a sigla AMPV.

OCEANO ATLANTICO
PLANTA
TOPOGRAFICA
VILA DO CON
ESCALA: 1: 2.500


VILA DO CONDE
ARGIVAI
TOUGUINHA
Madados
Ribeiro
Estrada
Aldeia
Madorra
Poça da Barca
Regufe
Portas Fronhas
Casal do Monte
Lagoa
Podame
Caxinas
Forcada
Insa
Alto da Pega
Formariz
Souto de Baixo
Souto de Cima
Oliveira
Bairro Piscatório
Cimo de Vila
Casalinho
RETORTA
Casas Novas
Padreiras
AZURARA
Padrão
Corgo
Praia da S.ra da Guia
CASTELO
S.ta da Guia
Souto
ARVORE
Pindelo
Loureiro
Quinta
Areia
Varziela
Árvore
Praia de Árvore
Gândara Nova
Moimenta
Paredes
Carvalhal
MINDELO
Areia
Covelo
Fontes
Passos
PONTA DA GAFA
Pinhal
Gafa
Guilhada
Bairro da Louça

O mapa da década de 1940, nomeado como figura 34, reflete a realidade urbana durante a primeira metade do século XX em Vila do Conde. Entre 1915 e 1940, a cidade sofreu uma transformação profunda, mantendo visível a identificação do primeiro núcleo, o histórico, enfatizando a cidade e reforçando as características particulares deste. Caracterizado pela consolidação dos espaços vazios, anteriormente ocupados por áreas agrícolas ou dunares, e pela expansão em direção à frente marítima, reforçam a importância dessa zona no crescimento da cidade.

Por fim, a escolha da cartografia de 1977, representada na figura 35, justifica-se por retratar a estrutura urbana da cidade na segunda metade do século XX. Aqui, observa-se uma expansão urbana mais controlada em comparação com o mapa anterior. A malha medieval mantém-se reconhecível no centro, mas a paisagem costeira exibe densificação habitacional, com casas unifamiliares na zona balnear e aumento de loteamentos residenciais em Azurara. Os terrenos livres junto ao mar são agora escassos, e a periferia – sobretudo a norte – acolhe novas expansões, ainda que de carácter irregular. A ligação a Póvoa de Varzim perde a nitidez, revelando-se uma continuidade urbana que ultrapassa as fronteiras administrativas. Adicionalmente, verifica-se a implementação de algumas ideias propostas por Agostinho Ricca e Miguel Rezende no Anteplano de 1952, nomeadamente a transferência dos estaleiros para Azurara, margem esquerda do rio Ave e a edificação do cemitério das Caxinas num terreno visivelmente agrícola na cartografia anterior de 1940.

[34] Planta topográfica de Vila do Conde. AMVC. 1940.

[35] Planta topográfica de Vila do Conde. AMVC. 1977.

PÓVOA DO VARZIM
S. Braz
Poça da Barca
Regufe
Portas Franhas
Podame
Caxinas
Alto da Pega
Sr.ª dos Bem Guiados
Bairro Piscatório
Cimo da Vila
ATLÂNTICO
VILA DO CONDE
RIO AVE
Praia da Sra. da Guia
CASTELO
Sra da Guia
Granja
Gaivota

III.III. O redesenho e a análise

Após a seleção das cartografias utilizadas como base para uma comparação entre as diferentes décadas, procedeu-se ao seu redesenho. Este processo revelou-se essencial para uma leitura mais atenta da evolução da estrtutra urbana de Vila do Conde, permitindo não apenas uma melhor perceção dos elementos caracterizadores da cidade em cada momento histórico, mas também dos detalhes de menor escala e âmbito local – como ruas, caminhos secundários ou pequenos aglomerados habitacionais, frequentemente associados ao crescimento populacional. Além disso, o redesenho proporcionou uma base coerente para a análise comparativa de aspetos revelantes, nomeadamente a redefinição da linha costeira, a distribuição da habitação e o assoreamento do rio Ave. Os parágrafos seguintes descrevem de forma pormenorizada os documentos gráficos redesenhados, seguindo uma organização cronológica.

No mapa de 1915, observou-se que Vila do Conde ainda mantinha uma malha urbana centrada no seu núcleo histórico,[114] preservando, em grande parte, a estrutura medieval. Contudo, na zona norte, junto à fronteira com a cidade vizinha Póvoa de Varzim, o desenvolvimento urbano já seguia uma lógica distinta – mais próxima da tendência nacional de expansão linear – possivelmente influenciada pela urbanização mais avançada da Póvoa, evidenciada na presença de eixos viários estruturantes e alinhamentos habitacionais. Neste mapa, destacam-se algumas alterações significativas, nomeadamente no sistema viário, com especial ênfase na Estrada Nacional,[115] e a predominância de ocupação periférica nos quarteirões, cujos interiores permaneciam, em muitos casos, por construir, mantendo a lógica de expansão contínua. As consequências do turismo já se fazem notar neste período, refletida na localização preferencial das casas em avenidas próximas ou de fácil acesso à frente marítima, estabelecendo os primeiros traços do núcleo balnear (C). A arquitetura de veraneio,[116] pensada para segunda habitação, introduz um novo tipo de tecido urbano: ruas quem em continuidade com as direções dominantes da cidade, se cruzam ortogonalmente, resultando em quarteirões regulares, embora de dimensões variadas, divididos em lotes que preveem a implantação para futuras construções, sobretudo casas unifamiliares.

[114] Para relembrar a designação dos núcleos e a sua delimitação, consultar o capítulo I.I.
[115] A abertura desta estrada pode estar também associada ao facto de ambicionarem ligar diretamente à Póvoa de Varzim, uma vez que estava já bastante desenvolvida, tornando-se uma necessidade da população. Atualmente é a Avenida 25 de Abril.
[116] Para mais informações sobre a tipologia das construções, consultar a obra de Marta Miranda, "*O Bairro balnear: contributos para a História Contemporânea de Vila do Conde*" (2015).

Destaca-se ainda, como elemento de permanência, a presença de espaços dedicados ao lazer, como o jardim envolvido pela Avenida Júlio Graça, que perdura como espaço estruturante da cidade há mais de um século.

Assim, o núcleo balnear evidencia-se como a área onde ocorrem as maiores alterações na malha urbana, modificando a escala da estrutura medieval[117] que prevalecia até então. Como argumenta Sara Sucena, esses fatores reforçam a perceção de uma crescente pressão construtiva, impulsionada pela atratividade e rentabilização dos terrenos junto ao mar.[118] No mapa de 1915, Poça da Barca surge como o único bairro piscatório claramente identificável, sem qualquer referência a Caxinas, o que confirma, uma vez mais, que os primeiros assentamentos populacionais ligados à pesca se estabeleceram em Poça da Barca. A Seca do Bacalhau de Vila do Conde também já se encontra representada neste período, assim como os armazéns de apoio. Verifica-se, ainda, a inexistência de ruas ao longo da linha da praia e a presença de uma vasta área agrícola que se estende por toda a vila – em consonância com as obras dos autores como Eugénio Freitas,[119] Joaquim Neves,[120] António Pinto,[121] e Ricardo Gonçalves[122] que destacam a agricultura, a par da pesca, como atividades fundamentais para o desenvolvimento económico e social de Vila do Conde. Na zona mais a sul, Azurara, apresenta-se praticamente desprovida de construções, revelando ainda um caráter rural e periférico.

Com uma diferença de 35 anos entre os mapas de 1915 e o da década de 40, é visível uma rápida e significativa transformação da estrutura urbana. Os quatro núcleos abordados no capítulo I revelam, neste segundo momento, uma presença consolidada e são facilmente distinguíveis no tecido da cidade. Ao contrário do mapa anterior, tanto Caxinas como Poça da Barca surgem agora claramente delimitadas e estendem-se ao longo da frente marítima. Esta expansão poderá estar relacionada com o crescimento natural das famílias de pescadores e a consequente necessidade de habitação. Ambos os núcleos apresentavam uma ocupação predominantemente linear, paralela à linha da costa, com lotes regulares e organizados segundo uma matriz ortogonal. As construções concentravam-se em arruamentos de pequenas dimensões, com lotes estreitos e compridos, onde as habitações se implantavam com acesso direto à via pública. Apesar de se observar uma tendência de expansão orientada para sul, as infraestruturas continuavam limitadas e a ligação entre núcleos mantinha-se precária, tornando a área pouco atrativa para aqueles que não

[117] Miranda, Marta (1998) p.22.
[118] Sucena, Susana (1998) p.101.
[119] Freitas, Eugénio (2001) p.203.
[120] Neves, Joaquim (1987).
[121] Pinto, António (2000).
[122] Gonçalves, Ricardo (2004).

dependiam diretamente da pesca como meio de subsistência. No contexto da atividade bacalhoeira, o mapa já introduz novas expressões arquitetónicas associadas ao setor, nomeadamente a Casa dos Pescadores e o Bairro Piscatório. Por outro lado, a agricultura apresenta um cenário contraditório: se, por um lado, observa-se uma significativa redução nos terrenos agrícolas, por outro, verifica-se uma tendência de ocupação construtiva nas áreas outrora rurais.

Tal como no mapa de 1915, as construções mantem-se alinhadas com os arruamentos, respeitando o seu traçado e orientação. A zona sul da vila, Azurara, reflete esta mesma lógica, registando um aumento expressivo de edificações, sobretudo ao longo da estrada que prolonga a ponte sobre o rio Ave. Embora a linha da costa seja um elemento instável para comparação direta, é possível identificar uma alteração evidente na morfologia do rio, possivelmente devido ao assoreamento. A estrutura urbana de Póvoa de Varzim continua a revelar um desenvolvimento mais denso e consolidado do que Vila do Conde. A estrada que atravessa a Seca e acompanha a linha costeira, conhecida por ser o percurso das célebres corridas na "Curva da Seca", já aparece representada.

A partir do mapa de 1977, percebe-se que o crescimento urbano prossegue em consonância com a evolução registada no mapa anterior, sem alterações radicais. Os núcleos urbanos permanecem claramente identificáveis, delineando a estrutura da cidade tal como a conhecemos atualmente, o que reforça as especificidades morfológicas e funcionais de cada um deles. Nesta fase, ao contrário do que acontecia anteriormente, a fronteira entre Vila do Conde e Póvoa de Varzim torna-se progressivamente menos percetível. As duas cidades passam a partilhar características semelhantes ao nível da ocupação dos lotes e da estrutura viária, sugerindo a consolidação de uma continuidade urbana. Nos núcleos piscatórios, o crescimento populacional mantém o seu perfil original, com a construção de habitações de carácter geralmente precário, térreas, implantadas em lotes estreitos e profundos. O mapa de 1977 reflete a desorganização urbanística apontada por Ricardo Esteves, que descreve Caxinas, no final do século XX, como um território marcado por habitações clandestinas, amplamente toleradas como tal.[123] A estrutura urbana começa a revelar sinais de urbanismo descontrolado, sobretudo nas áreas a norte da cidade – fenómeno que poderá estar relacionado com facto de o Anteplano de 1952 não ter sido implementado na íntegra.[124]

[123] "Caxinas era uma povoação com um planeamento completamente ilegal, com habitações clandestinas, mas aceites como tal". Madureira, António; citado na obra de: Ferreira, Ricardo (2022) p.28.
[124] Susana Sucena desenvolve com detalhe, ao longo da sua obra, os planos de organização do território em Vila do Conde, assim como faz um contexto político concentrado nos planos municipais. Sucena, Susana (1998).

1915

N
10
100
200
300
400

1940

N
10
100
200
400
400

1977

N
10
100
200
300
400

Contudo, contrariamente ao que se verifica nos mapas anteriores, registam-se melhorias significativas ao nível das infraestruturas, o que favoreceu a ligação entre Caxinas e Poça da Barca aos restantes núcleos principais da vila. Estas melhorias tornaram essas áreas mais atrativas para o setor turístico, originando uma certa dualidade funcional, também assinalada ao longo da obra de Pedro Guedes.[125]

De modo geral, pode-se concluir que o mapa de 1977 reflete o aumento populacional da cidade evidenciado por um consequente aumento de construções na área de Vila do Conde, ainda que se trate de um movimento construtivo incipiente. Observa-se uma progressiva união dos quatro núcleos urbanos através do preenchimento dos espaços vazios confrontantes com as vias principais e a expansão da malha urbana. Na proximidade com o mar, os terrenos ainda desocupados são cada vez mais escassos, e verifica-se um maior aproveitamento do interior dos quarteirões. A partir do redesenho do mapa de 1977, percebe-se também que a periferia de Vila do Conde passou a constituir uma escolha frequente para novos assentamentos habitacionais, destacando-se particularmente a zona de Azurara. Já no interior da cidade, visualiza-se um aumento dos espaços edificados, embora se mantenha uma considerável extensão de terrenos com características agrícolas, praticamente inalterados em relação ao mapa dos anos 40. Estes espaços são, pontualmente, intercalados por pequenos aglomerados habitacionais compostos, na sua maioria, por casas de tipologia rural, alinhadas à lógica de ocupação junto a vias de atravessamento ou nas proximidades das novas unidades fabris que se implementadas ao longo da Estrada Nacional.

A análise comparativa dos três mapas de 1915, 1940 e 1977, revela a evolução da estrutura urbana de Vila do Conde ao longo do século XX, marcada por profundas transformações. O levantamento de 1915 retrata uma cidade ainda ancorada na sua malha medieval, consolidada desde o século XVI, com um núcleo urbano compacto e uma forte presença agrícola. Este cenário contraste com o mapa de 1940 que evidencia uma expansão mais estruturada com a consolidação dos diferentes núcleos urbanos e um crescimento articulado com o desenvolvimento de infraestruturas. No entanto, o desenvolvimento urbano até 1977 não foi alvo de alterações radicais, em parte, devido às restrições impostas pela política conservadora do Estado Novo. Ainda que se verifique a continuidade do crescimento urbano, este ocorre segundo padrões menos regulamentados, particularmente na zona piscatória, revelando a ausência de um planeamento urbanístico eficaz.

[125] Guedes, Pedro Chaves (2019).

A fusão gradual entre Vila do Conde e Póvoa de Varzim é também evidente, traduzindo uma ocupação territorial progressivamente interligada entre as duas cidades. Dessa forma, a leitura comparativa dos mapas permite compreender o impacto direto da pressão populacional e das atividades económicas, nomeadamente a pesca do bacalhau, na configuração do território urbano.

Contudo, a comparação entre três momentos distintos, a partir de plantas topográficas pode limitar a perceção da realidade urbana de Vila do Conde ao longo do século XX. Assim, procuraram-se fontes complementares que possibilitassem uma leitura mais abrangente e próxima da paisagem da cidade nesse período. Recorreu-se, para tal, ao Arquivo Histórico da Marinha, com o intuito de obter cartas hidrográficas que oferecessem uma visão mais alargada da vila, ainda que centrada nos aspetos anteriormente analisados. A carta hidrográfica que se revelou mais pertinente foi a de Viana do Castelo a Vila do Conde, datada de 1951, por proporcionar um retrato fiel da cidade a meio do século XX, no ano antecedente à elaboração do Anteplano. As imagens recolhidas foram posteriormente organizadas de forma a construir um panorama aéreo contínuo. Nesta sequência visual, destacam-se as estruturas que mais impulsionaram o desenvolvimento de Vila do Conde, que paralelamente correspondem a expressões arquitetónicas associadas à atividade bacalhoeira, nomeadamente os núcleos piscatórios Poça da Barca e Caxinas, o caminho de ferro, a "Casinha Salva-Vidas", o Bairro dos Pescadores, a Casa dos Pescadores, o bairro balnear, a Avenida Júlio Graça, o centro histórico marcado pela presença imponente do Mosteiro Santa Clara e a extensa área destinada à Seca do Bacalhau.

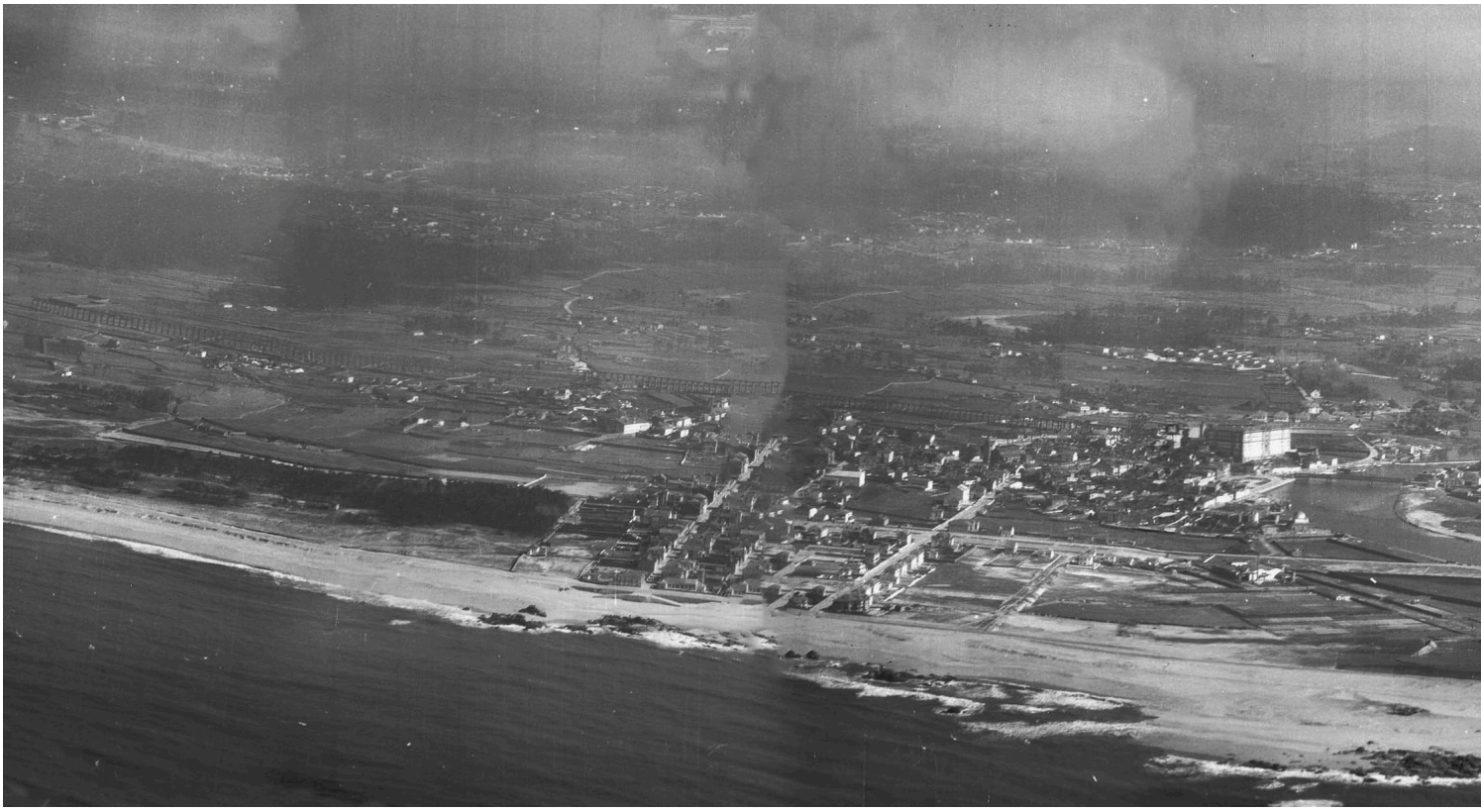
A comparação entre as plantas topográficas e as cartas hidrográficas, ao permitir a sobreposição entre o espaço construído e o contexto geográfico mais alargado, oferece uma leitura crítica do planeamento urbano e das suas limitações, apontando para a ausência de estratégias coerentes de ordenamento, especialmente nas décadas em que o crescimento foi mais acelerado. Esta leitura visual e documental revela, assim, não apenas a cidade construída, mas também as intenções (e omissões) dos modelos de desenvolvimento que a moldaram.

[36] Planta da estrutura urbana de Vila do Conde, em 1915. Figura da autora. 2025.

[37] Planta da estrutura urbana de Vila do Conde, na década de 40. Figura da autora. 2025.

[38] Planta da estrutura urbana de Vila do Conde, em 1977. Figura da autora. 2025.

[39] Fotomontagem de várias capturas realizadas ao longo da Hidrografia Viana de Castelo-Vila do Conde. Arquivo Histórico da Marinha. 1951. Realizada pela autora.



CAPÍTULO IV

OS PESCADORES

Os Pescadores

Este capítulo aborda o papel dos pescadores nas dinâmicas da pesca do bacalhau, com especial destaque para os residentes de Vila do Conde. Estruturado em três subcapítulos, inicia-se com a apresentação da base de dados utilizada como fonte documental central para a análise desenvolvida. Essa base de dados resulta de informações disponibilizadas pelo Arquivo Digital do Museu Marítimo de Ílhavo. Para visualização destes dados, foram produzidas representações gráficas e cartográficas. Os subcapítulos seguintes aprofundam a caracterização e a relevância destes pescadores no contexto da pesca do bacalhau, contribuindo para uma melhor compreensão do seu papel social e económico. Além disso, analisam-se os percursos profissionais, os vínculos com as embarcações e os padrões de recrutamento locais, destacando as especificidades da ligação de Vila do Conde à faina maior.

[40] Pescador no dóri. Tripulante do navio Santa Maria Manuela. Hector Lemiuex. 6 de maio de 1966.

Os pescadores são os protagonistas deste estudo. Foram estes homens que, com uma resiliência admirável, enfrentaram longos períodos de ausência, navegando até aos bancos da Gronelândia e da Terra Nova. Como analisado no capítulo I, a pesca à linha foi, durante este período, a técnica dominante nas pescas portuguesas. Tratava-se de um método exigente, quase artesanal, que requeria não só destreza, mas também uma enorme resistência física e psicológica.

Cada pescador lançava-se diariamente ao mar, partindo dos lugres em dóris individuais – representadas nas figuras 41, 42 e 43 – uma pequena embarcação de fundo chato. A fragilidade deste meio contrastava com a imensidão e a violência do oceano, onde o perigo era uma constante, pelos nevoeiros densos, tempestades súbitas, colisões com icebergs e até encontros com baleias faziam parte do quotidiano. A perda de tripulantes, inevitavelmente, fazia parte da equação, muitas vezes causada por desorientação, acidentes ou naufrágios.

As dinâmicas da pesca do bacalhau incutiram um ritmo particular ao crescimento de Vila do Conde, refletindo na forma como os bairros piscatórios se foram estruturando. Caxinas e Poça da Barca são, por isso, espaços de forte vivência comunitária, marcados por um quotidiano profundamente ligado ao mar.

Para melhor compreender esta correlação entre a pesca e a estrutura urbana, foi desenvolvida uma base de dados que compila informações detalhadas sobre os pescadores residentes de Vila do Conde, os seus agregados familiares, condições de vida e tipologias de habitação. Esta ferramenta, permitiu uma análise mais objetiva e aprofundada das interligações entre o setor primário e o tecido urbano ao longo do século XX. Estudar a pesca do bacalhau é, assim, mais do que analisar uma prática económica: é compreender um desenvolvimento territorial, urbano e cultural. É reconhecer, nos pescadores, não apenas trabalhadores do mar, mas agentes da transformação espacial e social.

[41] Arrear dos dóris no navio "Vila do Conde". Museu Marítimo de Ílhavo. 1966.

[42] Dóris a partirem para a pesca. Museu Marítimo de Ílhavo. 1966

IV.I. A fonte documental: 1936 a 1976

Numa primeira fase, foram explorados recursos do Arquivo Digital do Museu Marítimo de Ílhavo, delimitando a amostra aos pescadores residentes em Vila do Conde entre 1936 e 1976. Foram identificados 1 181 registos,[126] organizados em quatro tabelas. Este conjunto de dados permitiu uma leitura inicial dos percursos profissionais, familiares e territoriais destes homens, revelando as interdependências entre a pesca do bacalhau e a configuração urbana da cidade ao longo do século XX.

A primeira tabela, figura 44, reúne os dados principais dos pescadores, incluindo o nome completo e o número de cédula marítima atribuída, organizados por ordem alfabética. Este documento é fundamental para a identificação de cada indivíduo, uma vez que a pesca do bacalhau era frequentemente uma atividade familiar, transmitida entre gerações. Ou seja, era comum que os filhos dessem continuidade ao ofício dos pais, ou que irmãos embarcassem juntos. A coincidência de nomes e alcunhas entre pescadores torna a cédula marítima essencial para evitar ambiguidades na identificação destes homens.

Num segundo momento, elaborou-se uma tabela que amplia a informação dos pescadores, distribuída por dez campos distintos. À semelhança da tabela anterior, integra o nome completo e o número da cédula marítima, acrescendo a data de nascimento – que permite identificar a idade em que iniciavam as campanhas – cidade e zona de residência (confirmando a aplicação dos filtros na pesquisa), rua de registo,[127] estado civil, nome completo do cônjuge (quando aplicável), número de filhos e a categoria profissional exercida a bordo. Entre as funções registadas destacam-se a de pescador, moço,[128] piloto, ajudante de motorista, cozinheiro, ajudante de cozinheiro, aluno AEP, criado, enfermeiro e praticante de redeiro. Uma análise preliminar indica um crescimento significativo no número de pescadores registados entre 1936 e 1960, com um pico na década de 60, seguido de um declínio progressivo a partir de 1970. Em 1977, os registos tornam-se muito escassos, o que ajudou na definição do intervalo temporal desta dissertação.

[126] Este número resulta de um processo de pesquisa manual no Arquivo Digital do Museu Marítimo de Ílhavo, o que, apesar do rigor metodológico aplicado, pode comportar uma margem de erro associada à possibilidade de falha humana.
[127] É importante referir que a informação da residência está sempre assente na altura que efetuaram o registo no GANMP e, por isso, não se considera as alterações de morada efetuadas posteriormente.
[128] Denomina-se "moço" aos rapazes que ainda estavam a começar a aprender acerca da pesca do bacalhau, e por isso, ajudavam nas diversas tarefas necessárias a bordo.

A terceira tabela compila dados de todas as embarcações. O levantamento detalhado sobre as embarcações revelou-se fundamental para compreender os requisitos técnicos exigidos a uma embarcação dedicada à frota bacalhoeira. Foram recolhidos dados como o nome da embarcação, número de registo, ano de início e fim da atividade, dimensões (comprimento, boca e pontal), tonelagem líquida e bruta, tipo de armação e conservação, arte de anzol, ano e local de construção, estaleiro e construtor, primeiro armador, material de construção e dados relativas à motorização (número, marca e potência dos motores, quando aplicável). Ao longo das quatro décadas analisadas, verifica-se que algumas embarcações originalmente destinadas à pesca à linha foram convertidas em arrastões, espelhando os avanços tecnológicos que reduziram o esforço humano e o número de tripulantes necessários – o que pode explicar a diminuição dos registos de pescadores a partir de 1970. Dado que os pescadores se distribuíam por diversos navios, sem um padrão fixo, não foi viável aplicar algum tipo de filtro para reduzir a amostra.

A quarta tabela, por sua vez, reúne todas as campanhas bacalhoeiras realizadas ao longo das quatro décadas analisadas e os respetivos tripulantes, totalizando 16 922 entradas. Para garantir a clareza e a rastreabilidade da informação, cada campanha recebeu um código de identificação, iniciado por CP, seguido do número a que corresponde. Adicionalmente, integra-se nesta tabela o ano da campanha, nome da embarcação, respetivo número de registo no Arquivo Digital do Museu Marítimo de Ílhavo e, a partir do código de identificação da campanha (ID), foi possível associar todos os tripulantes participantes a cada campanha.

A análise dos dados recolhidos permitiu confirmar o papel estruturante da pesca do bacalhau na configuração urbana de Vila do Conde entre 1936 e 1976, revelando uma forte correlação entre a vida dos pescadores e o crescimento dos núcleos piscatórios, frequentemente mencionados no campo da residência. Apesar das limitações impostas pela escassez e fragmentação de registos, estes materiais permitiram traçar um retrato demográfico, profissional e territorial desta comunidade, fazendo já aqui se notar as transformações tecnológicas no setor. A transição da pesca à linha para os arrastões, afetou diretamente o número de pescadores envolvidos nas campanhas e, consequentemente, a estrutura social e espacial da cidade. Trata-se, assim, de uma ferramenta de análise que permite novas leituras sobre os impactos sociais e espaciais da economia bacalhoeira, contribuindo de forma significativa para a investigação académica sobre o desenvolvimento urbano e marítimo de Vila do Conde.

[43] Conjunto de capturas realizadas a partir da base de dados. Figura da autora. 2025.

1.

Nome	Cedula
Abel Coentrão	3534
Abel da Silva Maravalhas	2767
Abel da Silva Santos	5732
Abel Francisco Coentrão	1057
Abel Gonçalves Cascão	1745
Abel Pontes Coentrão	5401
Abílio da Silva Ferreira	4943
Abílio Gavina Ribeiro	3601
Abraão Maio Vieira	5063
Abraão Pontes da Silva	4712
Abraão Ribeiro Pontes	3460
Acácio António	5166
Acácio Coentrão Pontes	4832
Acácio Sebastião Alves	3537
Adão Gomes Cascão	4738
Adelino da Silva Mar	1748
Adelino Gomes Martins	4709
Adelino Pereira da Silva	4652
Adelmaro Ferreira Maravalhas	2776
Adriano Agra Marques	4597
Adriano Cadilhe Fangueiro	5338

4.

ID Campanha	Ano de Campanha	Embarcação	Registo	Tripulantes	Número pescado (em quintais)
CP06	1936	Brites	B-226	Adelino Ferreira Sardo	SI
CP06	1936	Brites	B-226	António Fernandes Cadilhe	SI
CP06	1936	Brites	B-226	António Martins dos Santos	100.00
CP06	1936	Brites	B-226	António Rodrigues Júnior	145.00
CP06	1936	Brites	B-226	António Rodrigues Maio	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Eleutério Paulo	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Etelvino Bonança	90.00
CP06	1936	Brites	B-226	Francisco Dias Batista	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Gil Martins	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Henrique Rodrigues Maio	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Horácio Sacramento Fernandes	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Jacinto Martins	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Januário Viegas	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Jeremias Fernandes Pereira	SI
CP06	1936	Brites	B-226	João Cabral	SI
CP06	1936	Brites	B-226	João Faleiro	110.00
CP06	1936	Brites	B-226	João Maria da Silva Peixe	183.00
CP06	1936	Brites	B-226	Joaquim Carlos	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Joaquim da Silva Caetano	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Jorge Correia	90.00
CP06	1936	Brites	B-226	José Caeira	90.00
CP06	1936	Brites	B-226	José de Sousa	SI
CP06	1936	Brites	B-226	José Dias Batista	180.00
CP06	1936	Brites	B-226	José dos Santos Viana	105.00
CP06	1936	Brites	B-226	José Faleiro	SI
CP06	1936	Brites	B-226	José Graça dos Santos Viana	120.00
CP06	1936	Brites	B-226	José Inácio	SI
CP06	1936	Brites	B-226	José Martins	107.00
CP06	1936	Brites	B-226	José Rocha	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Luís Gonçalves	SI
CP06	1936	Brites	B-226	Manuel Carlos	167.00
CP06	1936	Brites	B-226	Manuel da Graça Conceição	155.00
CP06	1936	Brites	B-226	Manuel da Paixão	130.00

2.

Nome	Cedula	Data nascimento	Cidade	Zona	Rua	Estado civil	Conjuge	Filhos	Categoria	.
Abel Coentrão	3534	22/10/1926	Vila do Conde	Caxinas	Rua Nº1, 138	Sl	Sl	0	Pescador	
Abel da Silva Maravalhas	2767	12/12/1914	Vila do Conde	Caxinas		Casado	Helena Gomes Marafona	1	Pescador	
Abel da Silva Santos	5732	07/06/1954	Vila do Conde	Caxinas	Avenida Cidad	Sl	Sl	0	Pescador	
Abel Francisco Coentrão	1057	17/12/1887	Vila do Conde	Caxinas		Casado	Rosa Clara	10	Pescador	
Abel Gonçalves Cascão	1745	23/12/1901	Vila do Conde	Poça da Barca		Casado	Ana Francisca	2	Pescador	
Abel Pontes Coentrão	5401	05/09/1950	Vila do Conde	Caxinas	Avenida Dr.Pin	Sl	Sl	0	Pescador	
Abílio da Silva Ferreira	4943	25/07/1945	Vila do Conde	Poça da Barca	Rua nº1, 187	Sl	Sl	0	Pescador	
Abílio Gavina Ribeiro	3601	29/10/1927	Vila do Conde	Poça da Barca		Sl	Sl	0	Pescador	
Abraão Maio Vieira	5063	30/07/1946	Vila do Conde		Avenida Dr.Ca	Sl	Sl	0	Pescador	
Abraão Pontes da Silva	4712	09/08/1942	Vila do Conde		Bairro dos Pes	Sl	Sl	0	Pescador	1960
Abraão Ribeiro Pontes	3460	13/09/1924	Vila do Conde	Caxinas	Bairro Piscatór	Casado	Maria Adelaide Coentrão	2	Pescador	
Acácio António	5166	23/08/1947	Vila do Conde	Caxinas	Rua do Posto,	Sl	Sl	0	Pescador	
Acácio Coentrão Pontes	4832	02/04/1944	Vila do Conde	Caxinas	Rua nº3	Sl	Sl	0	Pescador	
Acácio Sebastião Alves	3537	02/08/1926	Vila do Conde		Rua Nº1, 98	Sl	Sl	0	Pescador	
Adão Gomes Cascão	4738	30/01/1943	Vila do Conde	Caxinas	Rua nº1, 468	Sl	Sl	0	Pescador	
Adelino da Silva Mar	1748	10/01/1900	Vila do Conde	Caxinas		Casado	Maria da Assunção Pereira	7	Pescador	
Adelino Gomes Martins	4709	04/09/1939	Vila do Conde		Rua Joaquim M	Sl	Sl	0	AEP	
Adelino Pereira da Silva	4652	02/01/1941	Vila do Conde	Caxinas	Rua nº1, 442	Sl	Sl	0	Pescador	
Adelmaro Ferreira Maravalhas	2776	16/10/1914	Vila do Conde	Caxinas		Casado	Mariana da Graça Fontes	2	Pescador	
Adriano Agra Marques	4597	05/06/1940	Vila do Conde	Caxinas		Sl	Sl	0	AEP	
Adriano Cadilhe Fangueiro	5338	24/09/1949	Vila do Conde	Poça da Barca	Rua do Fieiro	Sl	Sl	0	Pescador	
Adriano Cadilhe Milhazes	3903	26/01/1930	Vila do Conde	Poça da Barca	Rua da Alegria	Sl	Sl	0	Pescador	
Adriano do Céu Coentrão	4834	09/12/1938	Vila do Conde		Bairro dos Pes	Sl	Sl	0	Pescador	
Adriano Moreira Maciel	3326	01/01/1923	Vila do Conde	Caxinas		Casado	Deolinda da Silva Marques	0	Pescador	
Afonso Ferreira Maciel	5651	08/07/1953	Vila do Conde		Travessa da Av	Sl	Sl	0	Pescador	
Afonso Maia da Silva	5662	29/09/1953	Vila do Conde	Poça da Barca	Rua da Alegria	Sl	Sl	0	Pescador	
Afonso Maia da Silva	5662	29/09/1953	Vila do Conde	Poça da Barca	Rua da Alegria	Sl	Sl	0	Pescador	
Afonso Moreira Maia	4119	30/08/1932	Vila do Conde	Poça da Barca	Rua Nº1, 212	Solteiro	NA	0	Pescador	
Agonia Francisco Fangueiro	2572	15/01/1912	Vila do Conde	Poça da Barca		Casado	Margarida Fraga	1	Pescador	
Agostinho da Silva Eusébio	5686	22/11/1948	Vila do Conde	Caxinas	Avenida Dr.Pin	Sl	Sl	0	Pescador	1969
Agostinho Gomes Eusébio	3513	08/10/1921	Vila do Conde		Rua Dr.Elias d	Casado	Antonina de Almeida Martin	0	Pescador	
Albano Francisco Nunes	2371	30/12/1907	Vila do Conde	Poça da Barca		Casado	Zulmira Festas	4	Pescador	
Albertino Aurora	7879	25/01/1944	Vila do Conde	Poça da Barca		Sl	Sl	0	Pescador	
Albertino da Silva Marques	2971	16/08/1916	Vila do Conde	Poça da Barca	Nº116	Casado	Rita Fernandes da Silva	0	Pescador	
Albertino da Silva Sencadas	3373	02/01/1924	Vila do Conde	Caxinas	Rua Nº1, 154	Casado	Maria Adelaide Gavina	1	Pescador	
Albertino Gomes Marafona	1413	21/09/1896	Vila do Conde	Caxinas		Casado	Henriqueta Rosa	9	Pescador	
Albertino Gonçalves Ribeiro	2340	01/01/1909	Vila do Conde	Poça da Barca	Nº5	Casado	Maria da Conceição dos Sar	5	Pescador	
Albertino Pereira Marafona	4682	02/02/1942	Vila do Conde	Caxinas	Rua nº1, 420	Casado	Ironina Martins Marques	0	Criado e moço	
Albertino Rodrigues Maio	1453	15/10/1896	Vila do Conde	Poça da Barca		Casado	Jovia Fernandes Braga	3	Pescador	
Albertino Rodrigues Maio	3379	12/04/1924	Vila do Conde	Poca da Barca	Rua da Poca d	Solteiro	NA	0	Pescador	

3.

Nome	Registo	Inicio Actividade	Fim Actividade	Comprimento (m)	Boca (m)	Pontal (m(	Tonelagem liquida (ton)	Tonelagem bruta (ton)	Armação	Conservação	Artes de anzol	Ano construção	Local	Estaleiro	Construtor	Primeiro Armador	Material	Motorização	Número de motores	Marca de Motores	Potencia dos Motores (hp
Águia	A-216	1919	1941	34.67	9.36	3.62	152.65	207.76	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1919	Gafanh	Estaleiros I	Manuel Ma	Companhi	Madeira	NA	NA	NA	NA
Alcion	A-215	1920	1953	32.52	7.08	3.33	134.50	179.36	Lugre-escu	Salgador	Pesca à lin	1904	Cumberlan	Dundee Sh	Sl	Sociedade	Madeira	1936	1	DEUTSCHE	145
Algarve 5º	614	1923	1939	38.75	9.50	3.75	360.58	379.55	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1922	Portimã	Sl	Joaquim Pe	João Antón	Madeira	1936	1	VOLUND	220
Ana Primei	B-263	1935	1950	37.34	8.67	3.41	193.25	276.65	Lugre c/mc	Salgador	Pesca à lin	1918	Øravik	Sl	Karl Johan	Sociedade	Madeira	Sl	1	SKANDIA	130
Argus	NO-484	1885	1958	39.54	7.85	3.99	208.13	270.64	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1873	Dundee	Dundee Sh	Sl	William Th	Madeira	NA	NA	NA	NA
Bretanha	500-E	1929	1938	40.00	9.64	3.49	321.50	387.38	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1923	Figueira	Estaleiros (	António Mo	Sociedade	Madeira	NA	NA	NA	NA
Brites	B-226	1936	1966	43.07	10.20	5.16	291.61	422.96	Lugre c/mc	Salgador	Pesca à lin	1936	Gafanh	Estaleiros I	Manuel Ma	Brites, Vaz	Madeira	NA	1	DEUTSCHE	300
Esperança	B-181	1924	1939	39.10	9.25	3.87	221.86	304.97	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1924	Apúlia e	Sl	José Linha	Sl	Madeira	1934	1	VOLUND	170
Fernando	407-E	1922	1939	38.75	9.40	4.10	198.76	298.85	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1921	Funchal	Sl	Luís Basíli	Bagão, Nur	Madeira	1932	Sl	SULZER	100
Gafanhoto	B-218	1919	1952	34.70	8.60	4.03	182.11	247.90	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1919	Pardilhó	Sl	Joaquim Di	Bagão & Ril	Madeira	1934	1	GULDNER	125
Gazela Prin	375-B	1929	1969	45.00	8.11	5.01	220.96	323.89	Escuna	Salgador	Pesca à lin	1837	Southar	Sl	Sl	Sl	Madeira	1938	1	BENZ	180
Georgina	B-121	1936	1938	40.55	9.50	4.06	251.83	378.25	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1918	Vila Nov	Sl	Sl	António do	Madeira	1935	1	SUOER-SK	200
Granja	A-237	1921	1941	46.00	8.70	4.10	198.44	278.39	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1919	Figueira	Sl	Sebastião	Nunes, Gu	Madeira	1938	1	OTTO-DEU	250
Groenlândi	G-354	1935	1957	44.65	9.47	4.38	310.88	441.86	Lugre-escu	Salgador	Pesca à lin	1922	Vila do (	Chantiers I	Sl	La Morue (	Madeira	1935	1	POLAR	240
Hortense	422-F	1930	1964	45	9.93	5.16	284.15	373.68	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1930	Gafanh	Estaleiros I	Manuel Ma	Parceria G	Madeira	1933	1	SULZER	200
Ilhavense 2	A-246	1937	1955	40	8.9	3.89	208.97	283.82	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1918	Gafanh	Estaleiros I	Manuel Ma	Companhi	Madeira	1937	1	DEUTSCH	220
Infante	C-111	1933	1938	41.04	9.48	3.73	225.28	319.63	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1915	Vila do (	Sl	Jeremias M	Empresa d	Madeira	1936	1	SUPER-SK	160
Infante de	A-225	1921	1951	44.30	9.50	4.05	282.76	297.64	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1921	Gafanh	Sl	Manuel Jos	Socieadad	Madeira	1933	1	SKANDIA	160
João José	A-297	1926	1956	41.44	9.60	3.75	198.73	261.97	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1923	Figueira	Sl	António Ma	Empresa Fi	Madeira	1934	1	SKANDIA	130
João Migue	461-F	1932	1937	37.74	8.10	3.44	241.17	267.54	Lugre-escu	Salgador	Pesca à lin	1895	Norway	Sl	A.Thorsten	Sl	Madeira	1936	1	SKANDIA	140
José Albert	B-262	1935	1968	55.03	9.87	3.49	442.99	687.21	Lugre c/mc	Salgador	Pesca à lin	1923	Marstal	H.C.Christ	Sl	Sociedade	Aço	NA	2	HERA	240
Júlia III	B-407	1889	1936	31.46	7.67	3.11	145.30	170.11	late	Salgador	Pesca à lin	1876	Apúlia e	Sl	José Gome	Sl	Madeira	NA	NA	NA	NA
Júlia IV	436-C	1915	1949	38.56	8.63	3.47	193.54	256.69	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1914	Figueira	Sl	António Ma	Atântica, C	Madeira	1937	1	SKANDIA	130
Júlia Prime	420-B	1936	1957	33.09	8.04	3.79	207.23	218.13	late	Salgador	Pesca à lin	1853	United S	Sl	Sl	Sl	Madeira	NA	NA	NA	NA
Labrador	499-F	1935	1958	38.40	8.80	4.08	226.09	307.44	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1919	Korsør	Korsor Skit	Sl	Sl	Madeira	1935	1	VOLUND	150
Laura	B-204	1921	1958	36.90	9.40	3.96	212.51	292.88	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1921	Gafanh	Estaleiros I	José Maria	Empresa d	Madeira	1934	1	GULDNER	150
Leopoldina	280	1903	1947	35.96	8.10	3.53	174.95	220.00	Lugtre-pat	Salgador	Pesca à lin	1899	Caminh	Sl	António Di	José Maria	Madeira	NA	NA	NA	NA
Luzitânia	C-298	1919	1977	45.28	9.30	3.78	223.42	318.84	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1918	Vila Nov	Sl	José da Silv	Lusitânia, (	Madeira e	1932	1	SULZER	100
Maria Carl	C-106	1927	1947	36.60	8.51	3.58	155.87	211.40	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1918	Dayspri	N.S.M.Lear	Sl	Moulton Fi	Madeira	NA	NA	NA	NA
Maria da Gl	B-201	1921	1942	37.45	9.00	3.60	270.44	320.14	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1921	Gafanh	Estaleiros I	Sl	Empresa d	Madeira	1937	1	OTTO-DEU	225
Milena	B-225	1935	1958	55.04	10.88	4.99	582.72	765.63	Lugre c/mc	Salgador	Pesca à lin	1918	Milton, I	Sl	Bagdad S.E	Sl	Madeira	NA	1	POLAR	330
Navegante	A-232	1921	1962	39.00	8.90	3.85	230.37	231.97	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1921	Gafanh	Sl	Justino Dia	Empresa N	Madeira	1937	1	DEUTZ-WE	220
Neptuno	A-275	1922	1936	44.50	9.10	3.80	248.45	333.06	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1922	São Mar	Sl	Joaquim Jo	Companhi	Madeira	1935	1	VOLUND	220
Neptuno 2	357-F	1927	1948	36.72	7.90	3.82	170.50	243.30	Patacho	Salgador	Pesca à lin	1873	Vila do (	Sl	Manuel An	Casa Bens	Madeira	NA	NA	NA	NA
Normandie	B-223	1935	1941	38.19	9.10	3.56	219.37	289.02	Lugre-Pata	Salgador	Pesca à lin	1918	Shelbur	Sl	J.N.Quillo	Empresa d	Madeira	NA	NA	NA	NA
Paços de B	B-178	1923	1951	33.01	8.20	3.36	134.71	187.34	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1920	Marysto	Sl	John Forse	Sl	Madeira	NA	NA	NA	NA
Palmira	B-167	1921	1936	33.57	8.95	3.79	190.07	251.53	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1882	Runcorn	Sl	Sl	Sl	Madeira	NA	NA	NA	NA
Patriotismo	B-182	1924	1939	40.04	8.64	3.92	194.11	287.25	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1923	Apúlia e	Sl	José dos S	Parceria M	Madeira	1934	1	VOLUND	170
Rainha San	B-211	1929	1943	36.69	9.55	3.75	194.93	254.29	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1929	Gafanh	Sl	José Maria	Pascoal &	Madeira	1934	1	POLAR-DIE	180
Rio Lima	65	1920	1951	43.68	9.80	4.47	264.42	317.33	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1919	Viana d	Sl	José Lopes	Sociedade	Madeira	1934	1	VOLUND	225
Rosita	B-200	1930	1938	33.32	7.96	3.93	169.31	222.30	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1916	Shelbur	Shelburne	Sl	Copérnico	Madeira	1934	1	VOLUND	130
Santa Izabe	B-209	1929	1958	41.73	10.00	4.17	257.52	345.24	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1929	Gafanh	Estaleiros I	Manuel Ma	Empresa d	Madeira	1934	1	GULDNER	175
Santa Joan	B-227	1936	1982	71.11	10.64	5.24	621.10	1198.60	Arrastão cl	Salgador	Arrasto	1936	Nakskov	Nakskov Sl	Sl	Empresa d	Aço	NA	2	GULDNER	900
Santa Mafa	B-210	1929	1952	41.98	9.99	4.42	263.24	353.25	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1929	Gafanh	Estaleiros I	Manuel Ma	Empresa d	Madeira	1933	1	GUELNER	175
Santa Quite	C-118	1935	1941	41.25	8.93	4.31	263.60	368.13	Lugre	Salgador	Pesca à lin	1919	Køge	Sl	L.Larsen	Empresa d	Madeira	1938	1	VOLUND	180
Santa Regi	B-216	1933	1938	34.38	8..17	3.68	158.66	199.81	Lugre-escu	Salgador	Pesca à lin	1902	Odense	Sl	N.F.Hanse	José Gonç	Madeira	NA	NA	NA	NA

IV.II. Recolha e processamento de dados

A análise inicial foi importante para a identificação dos recursos do Arquivo Digital do Museu Marítimo de Ílhavo e para a definição das quatro tabelas-base que estruturam a base de dados desta dissertação. No entanto, aceder a estes materiais através da plataforma pública do Arquivo revelou-se um processo demorado e pouco eficiente. A instituição foi contactada, e em função dos resultados da análise preliminar, foi solicitado um pacote de dados que permitiu expandir a amostra consideravelmente.

Esta ampliação do *corpus* documental implicou a reestruturação das tabelas inicialmente desenvolvidas, permitindo assim a incorporação não só de novos campos relativos aos pescadores, mas também de dados mais precisos sobre as embarcações e os volumes de pescado capturado de forma individualizada, representado no anexo 02.

A primeira tabela permanece dedicada a informações relativas aos pescadores. O número de indivíduos registados passou de 1 181 para 3 836 pescadores. Esta nova tabela é composta por 15 campos de informação, iniciando-se com um *link* de acesso direto à ficha individual digitalizada de cada pescador. Os restantes campos dizem respeito ao nome completo, eventual alcunha, número e data de emissão da cédula marítima, porto de inscrição na capitania, data de nascimento, concelho e freguesia de naturalidade, rua de residência, freguesia e concelho, estado civil, cônjuge e filhos (quando aplicável).

A segunda tabela foi totalmente refeita. Com a integração dos dados recentemente pelo Arquivo, considerou-se pertinente a criação de uma folha que sistematizasse todas as funções desempenhadas pelos pescadores a bordo das embarcações, nas campanhas realizadas entre 1932 e 1976. Esta tabela tem como objetivo possibilitar uma análise mais detalhada da relação entre as funções exercidas e a quantidade de pescado capturado, perspetivando-se também, numa fase posterior, a representação geográfica da distribuição dessas funções em Vila do Conde, com base nos locais de residência. Para a concretização desta tabela, o número da cédula marítima foi fundamental, permitindo identificar com rigor cada indivíduo. A estrutura adotada organiza, numa única linha por pescador, todas as funções que este desempenhou ao longo dos anos analisados, distribuídas cronologicamente, oferecendo assim uma leitura transversal do percurso profissional de cada homem no contexto das campanhas bacalhoeiras.

À semelhança da terceira tabela da base de dados anterior, esta terceira folha mantém o foco exclusivo nas embarcações, embora apresente um número significativamente superior de campos informativos e uma abordagem organizacional mais eficaz. A principal alteração introduzida nesta versão reside na forma de apresentação dos dados: enquanto anteriormente os registos das embarcações repetiam-se consoante os anos em que participaram nas campanhas, nesta nova estrutura optou-se por consolidar toda a informação relevante de cada navio numa única linha, evitando redundâncias e garantindo uma visão sistematizada e completa. Esta reorganização permitiu conservar integralmente os dados, assegurando simultaneamente uma maior eficiência na leitura e análise. Verificou-se, assim, que entre 1932 e 1976 foram identificadas 144 embarcações envolvidas em campanhas bacalhoeiras. Tal como nas demais folhas, o primeiro campo foi sempre disponibilizado para o *link* direto à fonte de informação. Seguem-se, por ordem alfabética, o nome da embarcação, número de registo, datas de início e fim da atividade, comprimento, boca e pontal (em metros), tipo de armação e método de conservação, arte de anzol, ano, local e estaleiro de construção, nome do construtor e do primeiro armador, material do navio, marca dos motores (quando aplicável), assim como a potência, unidade de potência, número de cilindros e rotações por minuto (rpm), capacidade de carga de pescado e o número inicial de tripulantes.

A quarta tabela mantém-se centrada na relação entre as embarcações e os tripulantes embarcados em cada campanha, tal como na base de dados anterior. Contudo, verificou-se que a antiga quarta apresentava sobreposição de dados, o que comprometeria a clareza da visualização e dificultava o processo analítico. Além disso, a abordagem anterior exigiu a seleção criteriosa de apenas quatro embarcações, que operassem simultaneamente em seis anos distintos, para, através de uma recolha manual, registar o volume de pescado capturado individualmente por cada tripulante a bordo. No entanto, compreendeu-se que tal metodologia resultava numa amostra demasiado limitada, o que poderia comprometer a robustez e representatividade da análise. Com a disponibilização de novos dados fornecidos pela empresa gestora do portal do Arquivo Digital do Museu Marítimo de Ílhavo, tornou-se possível reorganizar esta quarta tabela, integrando agora, sempre que disponível, o registo do número de quintais de bacalhau capturado individualmente por cada tripulante dos 36.844 aqui totalizados.

A estrutura da tabela inicia-se, como habitual, com o *link* direto para a ficha digital da embarcação, seguido do ano da campanha – sendo que cada linha corresponde a uma campanha distinta da mesma embarcação – ,o nome da embarcação, o número de registo do navio, um segundo *link* de acesso direto à ficha individual digital do tripulante que estava a bordo neste navio, o respetivo número de cédula marítima, o nome completo do tripulante e, por fim, numa leitura transversal, o número de quintais capturados individualmente durante essa campanha, quando esta informação é aplicável e se encontra disponível.[129] O registo da quantidade de pescado assume particular relevância para os objetivos desta investigação, mas constitui, simultaneamente, uma das suas limitações mais significativas, uma vez que, sobretudo nos períodos iniciais e finais considerados, há lacunas documentais que impedem a sua sistematização total.

Foi ainda criada uma quinta tabela, onde se georreferenciam as moradas dos pescadores residentes em Vila do Conde. O primeiro campo de informação corresponde ao nome completo, seguido do número da cédula marítima, a respetiva morada completa de residência, do concelho e do país. Por fim, são indicadas, efetivamente, as coordenadas geográficas (x para longitudes e y para latitudes[130]). Importa referir que, nos casos em que a morada não se encontra totalmente especificada – por exemplo, ausência do número de porta ou de nome da rua – foi definido um ponto de referência representativo, como o centro da via identificada ou o centroide do concelho em questão, garantindo assim a coerência espacial dos dados.

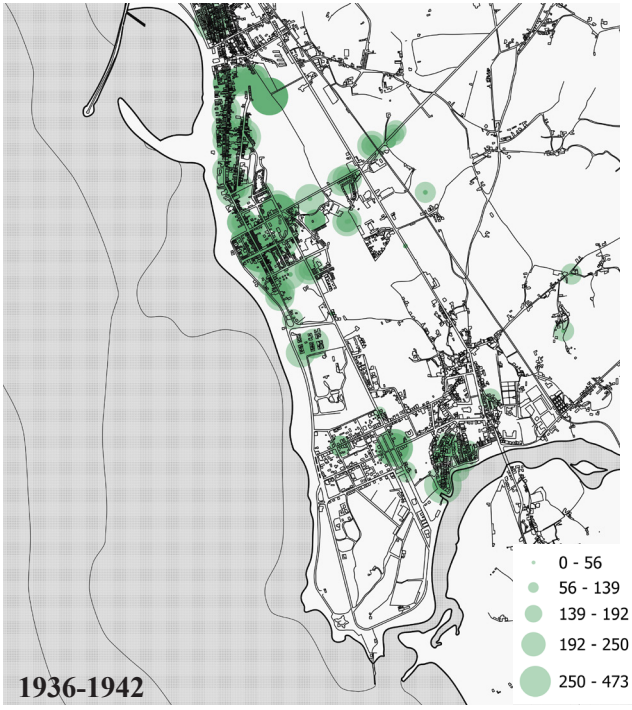
De forma complementar, foram considerados os dados do Instituto Nacional de Estatística, relativos aos Recenseamentos da População, de modo a determinar a percentagem da população de Vila do Conde relacionada com a indústria da pesca.

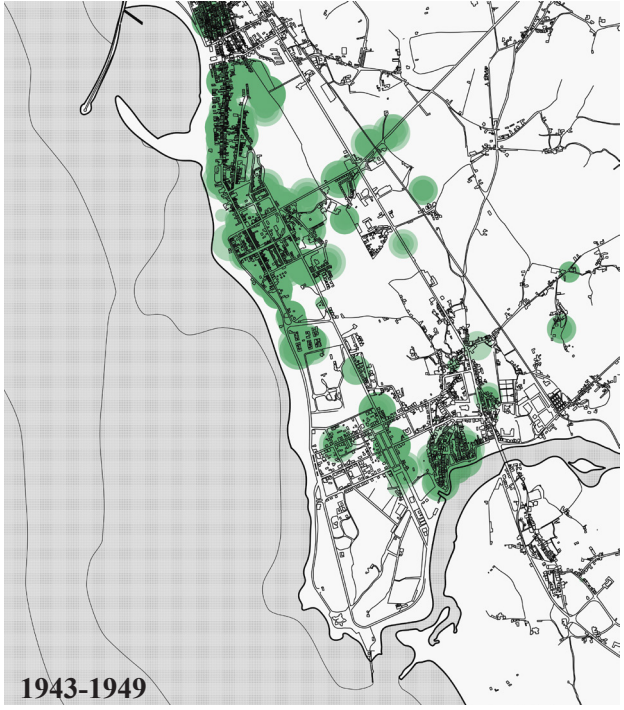
[129] Importa salientar que, nesta tabela, não foi aplicado qualquer filtro aos tripulantes registados em embarcação, o que significa que todos os indivíduos embarcados foram incluídos, independentemente da função exercida. Assim, em muitos casos, o campo relativo à quantidade de pescado surge como "0", não por ausência de registo documental, mas porque determinadas funções a bordo (como capitão, motorista, cozinheiro ou outros cargos de natureza não operacional na pesca) não implicavam a captura direta de bacalhau, tornando esse campo naturalmente inaplicável.

[130] Usando o sistema de coordenadas EPSG:3857 - WGS84.

Com base na análise,[131] construiu-se um quadro que apresenta, de forma clara e sintética os resultados obtidos. Para garantir a consistência e representatividade desta leitura, foi necessário ampliar o espaço temporal da investigação, tendo-se definido 1900 como ponto de partida e 1970 como o ano final, cobrindo assim um período de sete décadas. Paralelamente, foram analisados outros casos de estudo, com o objetivo de contextualizar a estrutura urbana de Vila do Conde em comparação com localidades de dimensão semelhante, como a Póvoa de Varzim, e outras de maior escala, Matosinhos. A leitura desse quadro permite, desde logo, constatar um crescimento progressivo da população total de Vila do Conde ao longo do tempo. Contrariando, até certo ponto, a perceção gerada pela análise cartográfica anteriormente realizada, verifica-se que, em todos os momentos do período estudado, Vila do Conde apresentava um número de habitantes superior ao da cidade vizinha Póvoa de Varzim. Ambas registam um crescimento gradual, ainda que mais modesto quando comparado com Matosinhos, cuja evolução populacional revela um aumento bastante acentuado, coerente com a sua maior dimensão territorial e urbana.

[131] Para esta análise, consultaram-se: Instituto Nacional de Estatística - *X Recenseamento Geral da População no continente e ilhas adjacentes*, 0 horas de 15 de dezembro de 1960. Lisboa : INE, 1964. Disponível em: *<url:https://www.ine.pt/xurl/pub/72846651>*. e Instituto Nacional de Estatística - *11º Recenseamento da População. 1º Recenseamento da Habitação : continente e ilhas* : 1970. Lisboa : Sociedade Tipográfica, 1971. Disponível em*: <url:https://www.ine.pt/xurl/pub/66631947>*.


0 - 56
56 - 139
139 - 192
192 - 250
250 - 473
1936-1942


1943-1949

1950-1956

1957-1963

1964-1970

1971-1976

IV.III. Resultados da análise

Após a construção, reestruturação e sistematização da base de dados, bem como a recolha complementar de informação estatística e documental, tornou-se possível avançar para uma fase de processamento e representação gráfica dos dados. Esta etapa corresponde aos resultados do processo analítico, permitindo não apenas a visualização dos dados, mas também a identificação de padrões, relações e tendências que, de outro modo, permaneceriam dispersas ou ocultas nos registos. Os gráficos e mapas apresentados ao longo deste subcapítulo resultam, assim, da consolidação da informação reunida e estruturada nas várias folhas da base de dados, e refletem as dimensões demográfica, profissional, geográfica e produtiva da comunidade bacalhoeira de Vila do Conde entre 1936 e 1976. Mais do que simples representações visuais, estes elementos funcionam como instrumentos de leitura crítica e suporte à interpretação dos fenómenos urbanos, sociais e económicos que marcaram a cidade neste período.

O conjunto de mapas apresentados à esquerda [44] representam, de forma sequencial, a quantidade de quintais de bacalhau capturado individualmente por cada pescador durante as campanhas realizadas ao longo de seis períodos distintos: 1936-1942, 1943-1949, 1950-1956, 1957-1963, 1964-1970 e 1971-1976. A quantidade de informação foi espacializada com base na morada dos pescadores, sendo que a quantidade de pescado capturado está simbolizada por círculos de diferentes dimensões. Cada círculo corresponde à localização residencial de um pescador e à respetiva quantidade de bacalhau que este capturou num dado período. Para facilitar a leitura, estabeleceu-se, a partir da base de dados, o intervalo entre o menor valor de pescado registado (0) e o maior (473). Este intervalo foi posteriormente dividido em cinco classes, de modo a garantir uma leitura visual mais intuitiva e padronizada, tendo sempre as informações da base de dados como base. Esta representação permite, portanto, observar padrões de concentração ou dispersão da atividade piscatória ao longo do tempo, assim como identificar possíveis transformações na dinâmica espacial da comunidade bacalhoeira.

A análise dos mapas permite verificar uma tendência de crescimento gradual tanto no volume do bacalhau capturado como no número de pescadores ativos até 1963. Esta conclusão torna-se evidente através do aumento progressivo do número de círculos representados nos mapas, bem como do aumento da sua dimensão, indicadores diretos do volume de capturas. Este crescimento sugere uma fase de estabilidade e até de expansão da pesca do bacalhau. No entanto, a partir de 1964, verifica-se uma inversão desta tendência.

[44] Conjunto de mapas sequenciais, por ano, da quantidade de bacalhau capturado, em quintais. Figura da autora. 2025.

1936-1942

1943-1949

1950-1956

1957-1963

1964-1970

1971-1976

Entre 1964 e 1970, observa-se um decréscimo subtil tanto no número de pescadores como no volume por eles capturados, culminando num declínio bastante mais acentuado no último período analisado, 1971-176. Esta redução significativa pode ser interpretada face às transformações tecnológicas ocorridas no setor durante este intervalo, nomeadamente a transição progressiva da pesca artesanal com dóris para métodos mecanizados, como o arrastão, que, consequentemente, eliminaram a necessidade de registos individuais de captura, provocando um impacto direto no número de tripulantes. Importa ainda destacar que a localização geográfica dos pescadores se mantém relativamente constante ao longo dos anos, com uma forte concentração nas áreas das Caxinas e da Poça da Barca. Esta permanência espacial confirma a centralidade histórica destes núcleos piscatórios na estrutura urbana de Vila do Conde, conferindo, assim, robustez e coerência às informações já anteriormente analisadas a partir da base de dados e da documentação complementar.

O segundo conjunto de mapas apresentado à esquerda [45], representa a distribuição territorial de cédulas marítimas realizadas a partir da Capitania do Porto de Vila do Conde. Tal como no conjunto de mapas anterior, a informação foi organizada por intervalos temporais regulares de seis anos (1936-1942, 1943-1949, 1950-1956, 1957-1963, 1964-1970 e 1971-1976), permitindo observar a evolução ao longo de quatro décadas. O mapeamento deste estudo teve por base a morada de residência de cada pescador à data de emissão da sua cédula marítima, o que possibilitou associar geograficamente a dinâmica administrativa da pesca à estrutura urbana da cidade.

Para facilitar a leitura e interpretação desta informação, optou-se por representar todas as emissões de cada período com círculos uniformes, de igual dimensão, uma vez que o objetivo central deste conjunto de mapas não é evidenciar diferenças quantitativas entre as emissões, mas sim a sua distribuição espacial ao longo do território. Este critério contribui para uma perceção mais eficaz da dispersão ou concentração das emissões por área residencial, independentemente do número exato de cédulas marítimas emitidas em cada ponto. Desta fornam os mapas permitem identificar padrões espaciais e temporais na emissão de cédulas marítimas, pela relação entre os espaços habitacionais e a atividade piscatória formalizada, bem como sobre a progressiva consolidação de certos núcleos urbanos como centros estruturantes da prática da pesca do bacalhau em Vila do Conde. A observação e análise deste segundo conjunto de mapas permitiram retirar conclusões que, em muitos aspetos, dialogam com os resultados do conjunto anterior.

[45] Conjunto de mapas com a distribuição das cédulas marítimas registadas. Figura da autora. 2025.

Até ao ano 1963 é visível um crescimento progressivo no número de emissões de cédulas marítimas, evidenciado pelo aumento da densidade de círculos representados no território. Esta observação reflete, de forma clara, a intensificação da atividade piscatória e a correspondente formalização profissional dos pescadores neste período. No entanto, a partir de 1964, esse padrão altera-se significativamente: verifica-se uma redução gradual, ainda que inicialmente subtil, culminando numa redução acentuada no último intervalo temporal (1971-1976), no qual se regista apenas quatro emissões.

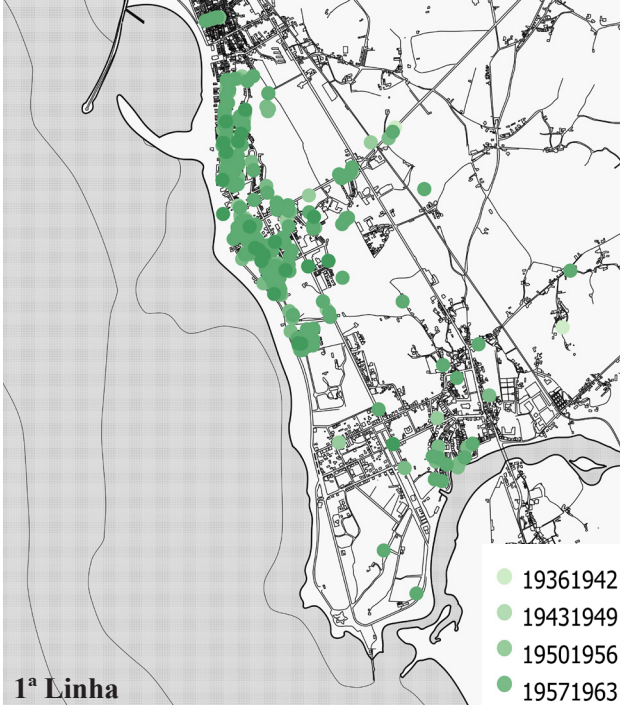
No primeiro período analisado não se observa qualquer padrão territorial consistente, sendo as emissões relativamente dispersas, o que poderá refletir uma maior heterogeneidade nos locais de residência dos pescadores ou uma fase inicial menos estruturada da atividade. Contudo, à medida que os anos avançam, torna-se evidente uma concentração progressiva dessas emissões em áreas muito específicas da cidade, com destaque para os bairros Caxinas e Poça da Barca. Estas zonas afirmam-se, ao longo da dissertação, como núcleos piscatórios de elevada relevância, e é precisamente no período de 1964 a 1970 que esta transformação espacial atinge a sua expressão mais marcante com a formação de agrupamentos de círculos nestas localizações.

As funções desempenhadas pelos pescadores constituíram também um campo de investigação particularmente relevante durante a reorganização da base de dados. Foram criados seis mapas [46], seguindo a mesma divisão temporal dos conjuntos de mapas anteriores, com o objetivo de representar a distribuição das diferentes categorias profissionais. Importa destacar que os dados relativos às funções eram particularmente dispersos, uma vez que, numa única embarcação, coexistiam diversas categorias, abrangendo áreas tão distintas como a saúde, a cozinha, a navegação e, mais diretamente relevante para a investigação, a pesca. Por esse motivo, tornou-se necessário proceder a uma seleção criteriosa das funções a representar, com base na sua frequência na base de dados e na sua ligação direta à atividade piscatória. A partir desta análise, identificaram-se as seis funções profissionais mais recorrentes e com maior relevância para os objetivos do estudo, nomeadamente: pescador de 1ª linha, 2ª linha, 3ª linha, escalador, pescador (categoria genérica) e salgador.

Para cada uma das categorias profissionais selecionadas, foi elaborado um mapa que representa a sua distribuição espacial ao longo das quatro décadas em estudo, através de círculos com diferentes tonalidades. A variação cromática destes círculos está relacionada com o intervalo temporal, ou seja, os períodos mais afastados do ano final da dissertação (1976) são representados por tonalidades de verde mais claro, enquanto os períodos mais próximos de 1976 são ilustrados com verdes progressivamente mais escuros.

De uma forma geral, através do conjunto de mapas da página seguinte, observa-se que as categorias de pescador de 1ª linha, 2ª linha e 3ª linha são as mais recorrentes, o que denota a sua centralidade na hierarquia funcional na pesca bacalhoeira. No mapa correspondente à função de pescador de 1ª linha, geralmente atribuída aos mais experientes e produtivos, consta-se uma presença significativa já desde o primeiro período (1936-1942), com uma distribuição relativamente dispersa. Contudo, nas décadas mais recentes, verifica-se uma tendência de concentração desta função nos núcleos piscatórios tradicionais, nomeadamente Caxinas e Poça da Barca, bem como a zona de fronteira com a Póvoa de Varzim. Relativamente à categoria de pescador de 2ª linha, uma função intermédia, mas mais recorrente que a anterior, observa-se, até 1963, uma distribuição mais uniforme ao longo de Vila do Conde. A partir deste ponto, no entanto, a função começa a apresentar uma tendência de concentração no norte da cidade, coincidindo com os principais bairros piscatórios, o que reforça a ideia de uma especialização espacial progressiva. No caso da 3ªlinha, habitualmente desempenhada por pescadores iniciantes ou considerados menos produtivos, é o mapa que revela a maior densidade de círculos entre todas as categorias, o que reflete a elevada incidência desta função na base de dados. Embora, nos períodos iniciais, a sua distribuição seja relativamente dispersa, à semelhança dos mapas anteriores, em 1963 e 1976 regista-se um aumento expressivo da sua presença, com aglomerações significativas não só nos núcleos piscatórios, mas também no núcleo balnear da cidade, sugerindo um possível alargamento no perfil socio espacial dos pescadores.

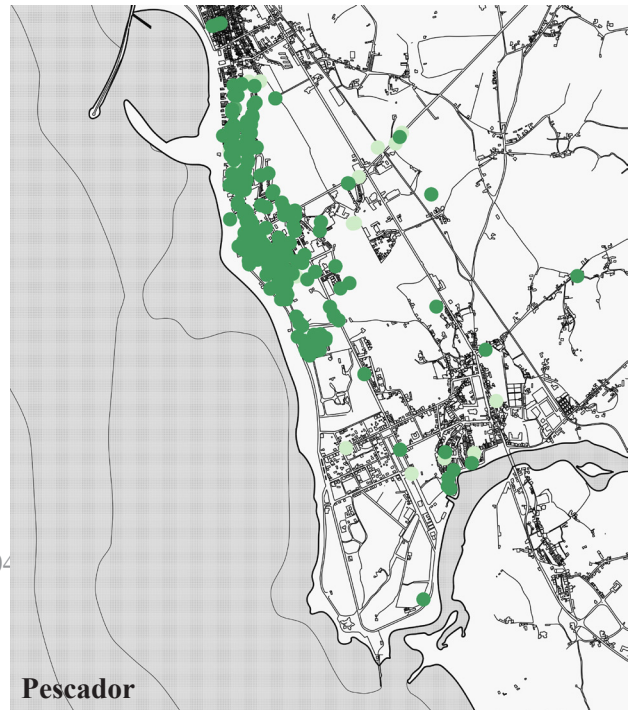
A variação da densidade de círculos entre os mapas de três categorias pode estar relacionada com a classificação dos pescadores, o qual estava, e muitos casos, diretamente relacionado com o volume de bacalhau pescado individualmente. Assim, o maior número de pescadores na 3ª linha pode refletir a relativa facilidade de acesso a esta categoria, por oposição à 1ª linha, que exigia elevados níveis de produtividade.


19361942
19431949
19501956
19571963
1ª Linha

2ª Linha

3ª Linha

Escalador


Pescador

Salgador

A predominância de tonalidades mais claras no mapa da 1ª linha, correspondente a períodos temporais mais distantes e, contrariamente, a presença marcante de tonalidades mais escuras no mapa de 3ª linha, sugerem também um possível declínio da pesca de bacalhau ao longo do tempo, sobretudo em dóris, tanto em termos de volume como de especialização profissional. Este fenómeno poderá estar, em parte, associado à crescente industrialização da atividade e à transformação estrutural do setor ao longo do final do século XX.

O pescador, sendo esta uma designação generalizada e frequentemente atribuída na base de dados, revela-se particularmente interessante, sobretudo pela sua incidência temporal no último intervalo temporal definido (1971-1976). A concentração de registos neste período específico levanta algumas questões: por um lado, pode refletir uma lacuna de dados para os períodos anteriores, por outro, poderá estar relacionada com as transformações na pesca do bacalhau, nomeadamente a crescente industrialização do setor. Com a redução da pesca à linha e a diminuição da necessidade de contabilização individual das capturas, é possível que a categorização funcional dos tripulantes tenha sido simplificada, generalizando-se a designação de pescador sem distinções hierárquicas. O mapa relativo à função de escalador, responsável por escalar o bacalhau antes de ser salgo, revela-se menos expressivo em termos de números de registos. Esta função, embora fundamental no processo de preparação do bacalhau, não apresentava grande destaque na estrutura da base de dados. A dispersão dos círculos neste mapa não permite identificar um padrão territorial claro, nem tão pouco aferir uma tendência temporal consistente. Por fim, o mapa correspondente à função de salgador, encarregado de salgar e acondicionar o bacalhau a bordo, assegurando a sua conservação durante a campanha, mostra também uma quantidade limitada de registos. Ainda assim, observa-se uma ligeira tendência de concentração espacial destes profissionais nas áreas tradicionalmente piscatórias, a partir de 1963.

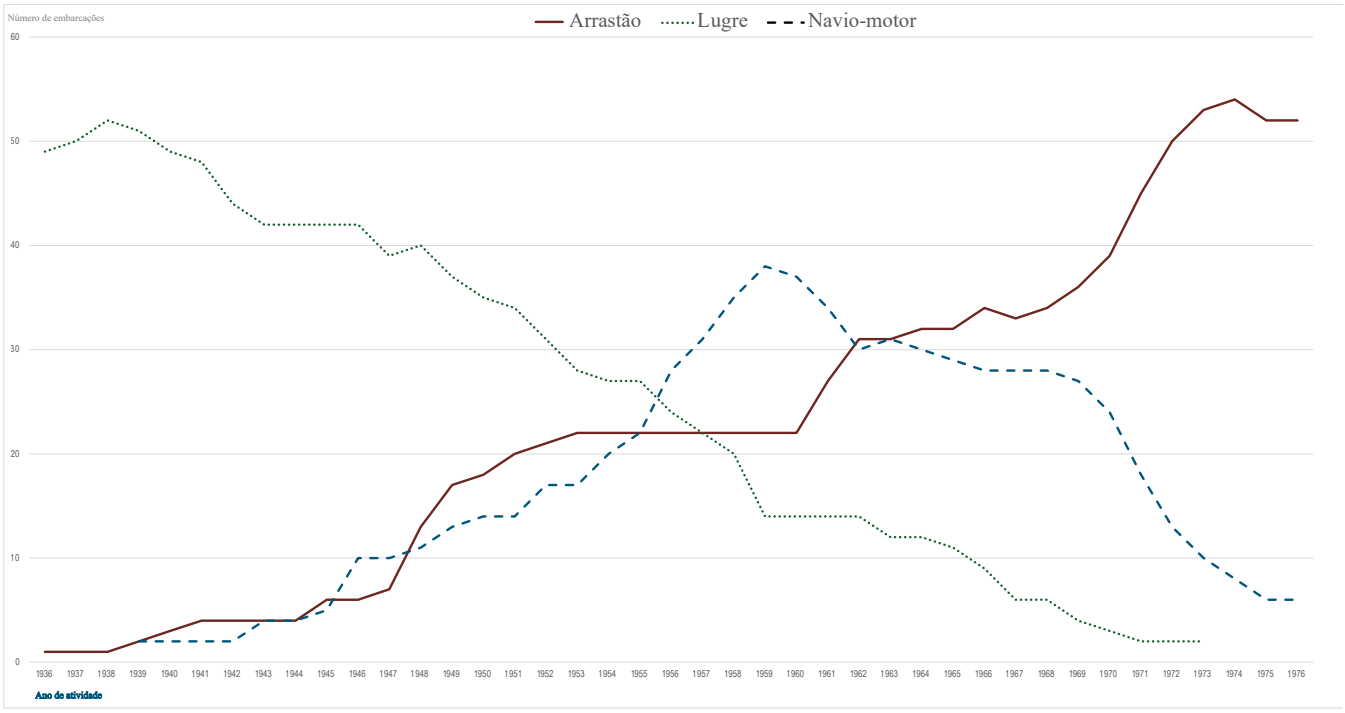
Em síntese, este conjunto de mapas permite não só identificar padrões espaciais de residência dos profissionais ligados à pesca, como também refletir sobre a hierarquia funcional e a evolução das categorias ao longo do tempo. As funções diretamente ligadas à à captura de bacalhau (1ª linha, 2ª linha e 3ª linha) apresentam maior densidade de registos, o que está em consonância com o modelo de renumeração individual e a centralidade dessas atividades nas campanhas.

[46] Conjunto de mapas com a distribuição individual das funções profissionais. Figura da autora. 2025.

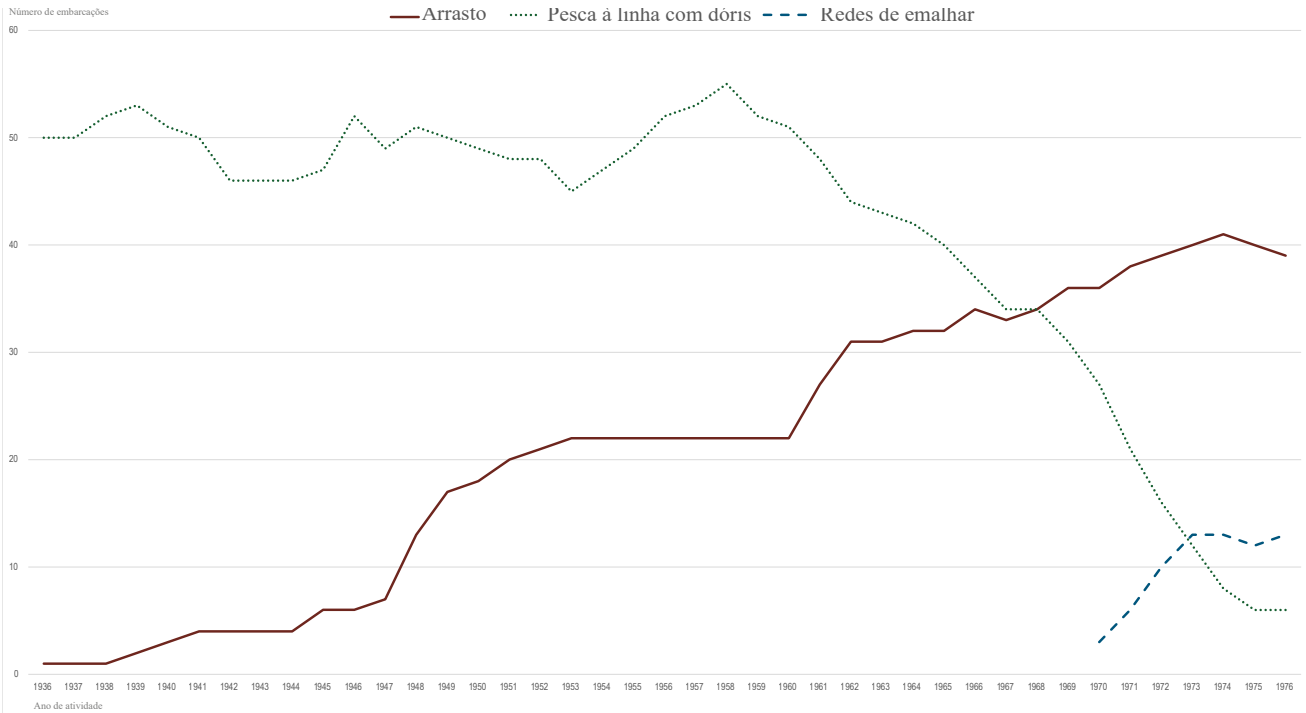
Em contraste, funções auxiliares como escalador e salgador, embora essenciais, surgem em menos número, refletindo a sua menor expressão quantitativa a bordo. No entanto, em quase todos os mapas é possível constatar uma tendência comum: a forte concentração das atividades ligadas à pesca nos núcleos piscatórios das Caxinas e Poça da Barca, o que corrobora muitas das observações feitas ao longo da presente dissertação. Depois de representadas espacialmente as informações consolidadas a partir da base de dados, constatou-se que, apesar da importância destes mapas, havia registos cuja natureza ou formato não permitia uma representação geográfica eficaz. Ainda assim, tratava-se de dados relevantes para a compreensão das dinâmicas da pesca do bacalhau e, por isso, não podiam permanecer apenas no formato tabular. Para facilitar a leitura e interpretação dessas informações, foram desenvolvidos diversos gráficos, funcionando como um complemento visual e analítico, permitindo observar tendências, comparar variáveis e sustentar conclusões relativas a fenómenos urbanos, sociais e económicos que moldaram Vila do Conde.

O primeiro gráfico, à direita [47], representa as tipologias de armação utilizadas na pesca do bacalhau ao longo do período analisado (1936 a 1976). Embora existam subcategorias dentro de cada tipologia, optou-se por agrupar e generalizar os dados em três categorias principais, nomeadamente o arrastão, o lugre e o navio-motor. Este gráfico revela uma acentuada e contínua queda na utilização dos lugres, que em 1936 eram a tipologia mais utilizada e, progressivamente, perderam a relevância até se encontrarem praticamente extintos em 1973. Em contrapartida, observa-se um aumento significativo do número de arrastões, cuja introdução só ocorre após 1938, refletindo diretamente os avanços tecnológicos aplicados à pesca industrial. Esta tipologia ganha cada vez mais protagonismo, assumindo-se como a dominante no final do período estudado. Quanto ao navio-motor, verifica-se um crescimento consistente entre 1938 e 1958, seguido de um declínio marcado na sua utilização. Esta trajetória pode estar relacionada com a concorrência dos arrastões, mais eficazes e modernos, que passaram a denominar a rota.

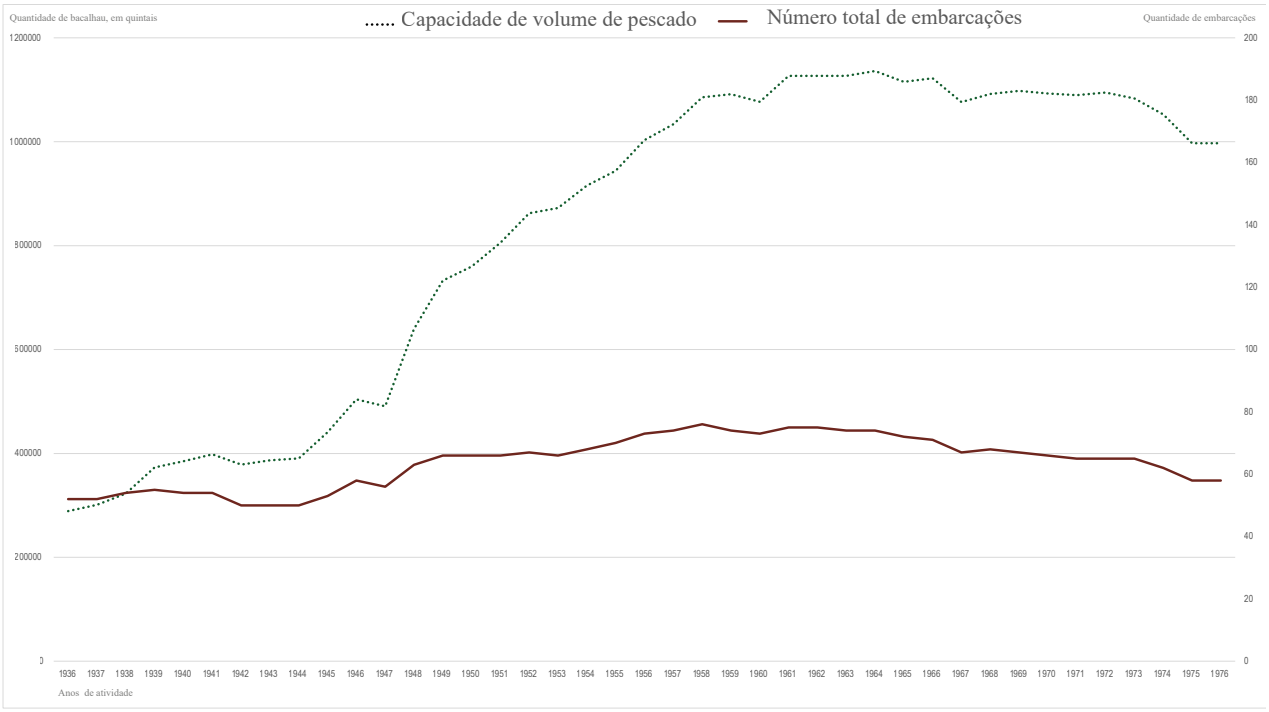
O segundo gráfico [48] explora as artes de pesca utilizadas para a captura do bacalhau, nomeadamente o arrasto, pesca à linha com dóris e redes de emalhar. Até 1958, a pesca à linha surge como a arte predominante, sendo gradualmente substituída pelo arrasto. Tal como nos tipos de embarcação, esta mudança reflete uma transformação no modelo de pesca, que passa de um sistema quase artesanal para um sistema industrializado. É também relevante destacar o surgimento das redes de emalhar numa fase mais tardia, ainda que com uma expressão modesta, indicando uma diversificação das artes utilizadas na reta final do período em estudo.



[47] Gráfico representante do número de navios por tipo de armação simplificada. Figura da autora. 2025.



[48] Gráfico representante do númerode embarcações por ate de pesca. Figura da autora.2025


Quantidade de bacalhau, em quintais
Capacidade de volume de pescado
Número total de embarcações
Quantidade de embarcações
1200000
1000000
800000
600000
400000
200000
0
200
180
160
140
120
100
80
60
40
20
0
1936 1937 1938 1939 1940 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1948 1949 1950 1951 1952 1953 1954 1955 1956 1957 1958 1959 1960 1961 1962 1963 1964 1965 1966 1967 1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976
Anos de atividade

O terceiro gráfico [49] apresenta uma análise cruzada entre dois indicadores: o número total de embarcações registadas na base de dados e a sua capacidade combinada de volume de pescado, em quintais. Esta relação é particularmente relevante para compreender as dinâmicas evolutivas da frota bacalhoeira, já que permite observar não apenas a quantidade de navios em atividade, mas também a sua eficácia operacional. Através desta representação, conta-se que, ao longo das quatro décadas em análise, o número de navios mantém-se relativamente estável, nunca ultrapassando as 80 unidades. No entanto, verifica-se um aumento significativo na capacidade total de carga as embarcações, sobretudo a partir da década de 1950. Este fenómeno reflete uma mudança estrutural na lógica da atividade bacalhoeira, onde a quantidade de navios deixa de ser o principal fator de produtividade, sendo substituída pela eficiência e dimensão das embarcações. Em suma, o gráfico revela com clareza os efeitos da modernização tecnológica da frota, sugerindo que os novos navios foram concebidos com maior capacidade de armazenamento de bacalhau, o que se traduz numa capacidade de pesca muito superior.

A análise integrada dos dados estatísticos e cartográficos aqui apresentados evidencia a relevância de Vila do Conde no panorama nacional da pesca do bacalhau entre 1936 e 1976. A expressiva concentração de pescadores, a elevada especialização funcional, a centralidade territorial dos bairros piscatórios, confirmam a relevância deste setor na cidade. Não apenas foi um centro produtivo, mas também se afirmou como um espaço estruturante na organização social e profissional.

[49] Gráfico representante da relação entre a capacidade dos navios e o número de embarcações. Figura da autora. 2025.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação procurou analisar o impacto da pesca do bacalhau na estrutura urbana de Vila do Conde entre 1936 e 1976.

Ao longo do trabalho procurou-se, numa primeira fase, estabelecer um enquadramento territorial e histórico de Vila do Conde, identificando os principais núcleos definidos e a relação histórica da cidade com o mar. Esta leitura contextual foi acompanhada por uma caracterização das funções sociais no âmbito da pesca do bacalhau, evidenciando os papéis desempenhados, tanto pelos homens como pelas mulheres, na consolidação de práticas e infraestruturas que moldaram a identidade local. Num segundo momento, a investigação focou-se sobretudo na análise das arquiteturas associadas ao bacalhau, acompanhada por uma reflexão expandida da arquitetura, com especial destaque para a Casa dos Pescadores, o Bairro dos Pescadores, os núcleos piscatórios Caxinas e Poça da Barca, e a Seca do Bacalhau. A terceira parte da dissertação centrou-se na estrutura urbana de Vila do Conde, através da análise, redesenho e interpretação de três cartografias históricas, correspondentes a diferentes momentos dentro do intervalo temporal em análise, de forma a observar as dinâmicas de expansão e consolidação da cidade. O quarto e último momento parte sobretudo através do desenvolvimento de um trabalho de recolha, organização e análise de dados relativos aos pescadores locais, com base nas fichas de inscrição do GANPB. Esta base de dados constituiu o principal suporte para o estudo, viabilizando a construção de um retrato quantitativo da participação de Vila do Conde na pesca do bacalhau durante o período em estudo, tal como a sua articulação com os elementos arquitetónicos e urbanos identificados nos capítulos anteriores.

Os resultados da investigação evidenciam como esta atividade, realizada nos bancos da Terra Nova e da Gronelândia, desempenhou um papel relevante na configuração urbana e social desta cidade. A relação entre a pesca e a cidade, ou a "arquitetura do bacalhau", não se resume às infraestruturas associadas à pesca, o processamento de produtos alimentares, ou a navegação, mas reflete-se também nos modos de vida e na organização e ocupação territorial destas comunidades piscatórias.

A nível social, a análise dos registos dos pescadores permitiu construir uma representação demográfica e profissional da comunidade que integrou esta atividade. As diferentes categorias de pescadores, assim como a sua distribuição territorial, os laços familiares e os percursos individuais revelam uma realidade organizada em torno dos ritmos das campanhas bacalhoeiras.

A associação dos dados estatísticos com a cartografia, permitiu visualizar como as dinâmicas da pesca do bacalhau influenciaram os processos de transformação urbana de Vila do Conde. Os dados recolhidos e tratados ao longo da dissertação confirmam precisamente que a pesca do bacalhau exerceu uma influência estruturante na definição da cidade. Aliás, a articulação dos diferentes elementos permitiu identificar uma concentração significativa nos núcleos de Caxinas e Poça da Baca, revelando uma distribuição espacial que coincide com os espaços habitacionais e arquiteturas de carácter precário implantadas sobre lotes geralmente estreitos. A sobreposição entre ocupação social e a forma urbana demonstrou como a pesca moldou não apenas a vivência local, mas também o próprio desenho da cidade, numa lógica em que a proximidade ao mar e às estruturas de apoio à pesca bacalhoeira foi determinante.

Além disso, a análise dos dados permitiu ainda evidenciar assimetrias significativas na participação dos pescadores ao longo do tempo, com flutuações que coincidem com períodos de maior investimento estatal e reorganização da frota bacalhoeira, consequente da industrialização generalizada das pescas. Por outro lado, verificou-se o papel central das mulheres no processamento e secagem do peixe, na Seca de Vila do Conde, cuja área de 17 800 m2 e a organização funcional revelam uma arquitetura ao serviço de uma economia local marcada pela sazonalidade e pela atribuição diferenciada entre homens e mulheres.

Um dos principais contributos deste trabalho é o desenvolvimento de um método que articula a análise histórica, arquitetónica e territorial com as dinâmicas ligadas à pesca. A explicação detalhada deste processo — desde a recolha e organização da informação até à forma como os dados foram cruzados e representados — permite que este método possa ser aplicado noutros casos de estudo. Desta forma, o trabalho contribui para a construção de abordagens interdisciplinares que ligam a arquitetura ao contexto ecológico e produtivo em que se insere.

Outro contributo é a recolha, tratamento e sistematização de dados sobre os pescadores de Vila do Conde. Ao tornar esta informação visível e organizada, o trabalho facilita futuras investigações e valoriza o conhecimento sobre a história local. Por fim, destaca-se a perspetiva adotada ao longo do estudo: ao colocar o peixe no centro da análise, foi possível abordar a história arquitetónica e urbana de Vila do Conde a partir de uma nova perspetiva, que considera as relações entre a cidade, o mar e as atividades que historicamente as ligam.

Algumas limitações podem também ser assinaladas. Uma das limitações deste estudo tem que ver com a ausência de dados nacionais que permitam enquadrar a relevância das capturas realizadas pelos pescadores de Vila do Conde. Esta comparação seria importante para contextualizar a importância local da atividade no panorama mais alargado da pesca do bacalhau em Portugal.

Outra limitação diz respeito à natureza dos dados disponíveis sobre as campanhas. Estes apenas registam as capturas de bacalhau realizadas com recurso a linhas e dóris. Com a transição dos lugres para os arrastões, e a consequente alteração dos sistemas de contabilização e remuneração dos pescadores, deixou de se registar a quantidade de pescado por navio. Assim, não é possível comparar diretamente o volume de bacalhau capturado com linha com aquele capturado pelos arrastões, uma análise que poderia revelar importantes mudanças no impacto da pesca ao longo do tempo.

Apesar de terem sido considerados alguns testemunhos orais de antigos pescadores e trabalhadores da Seca, a ampliação destes registos seria também um contributo relevante para a investigação. Em particular, seria importante recolher mais informações sobre o papel das mulheres nestas comunidades.

Além disso, o estudo limita-se ao caso de Vila do Conde. Seria no futuro aplicar a mesma abordagem a outras cidades e comunidades piscatórias, de forma a permitir uma análise comparativa do mesmo fenómeno em diferentes contextos. Além disso, o cruzamento dos dados locais com dados de âmbito nacional permitiria uma leitura mais abrangente da importância territorial e económica da pesca do bacalhau em Portugal.

Por fim, o percurso da dissertação demonstrou que é possível abordar a arquitetura e o urbanismo a partir da perspetiva do peixe, neste caso, do bacalhau, e da sua expressão espacial e territorial, mas também social e económica. A pesca do bacalhau no século XX revelou-se, em Vila do Conde, algo que vai além de uma simples atividade económica. O seu impacto ultrapassou os limites do mar e transformou o território, moldando bairros, infraestruturas e modos de vida que ainda hoje definem a identidade local. Assim, esta dissertação não se encerra apenas com uma leitura sobre Vila do Conde, mas propões um olhar mais amplo sobre a forma como os recursos naturais e as práticas humanas se entrelaçam na construção de um espaço.

01. Testemunho do Sr. Manuel Vasco sobre a Seca do Bacalhau de Vila do Conde

- Sobre Manuel Vasco

Manuel Fernando Ferreira Vasco, nasceu a 27 de março de 1959, na freguesia e concelho de Vila do Conde. Exerceu funções no Município de Vila do Conde durante 46 anos, encontrando-se atualmente aposentado desde dezembro de 2024. É o filho mais novo de Fernando José Baltazar Vasco, último encarregado geral da Seca do Bacalhau de Vila do Conde. Por esta razão, a residência permanente da sua família localizava-se precisamente no interior da própria Seca, facto que o leva a afirmar-se como "nascido e criado" neste espaço. Embora nunca tenha desempenhado funções laborais oficiais na Seca, Manuel Vasco cresceu imerso neste ambiente, testemunhando de perto a vivência de familiares que ali trabalharam durante décadas. O seu bisavô, avô, pai, mãe e irmãos estiveram todos profissionalmente ligados à Seca, assegurando uma continuidade geracional que remonta a mais de um século. A sua ligação àquele local insere-se, assim, numa linhagem familiar associada à gestão desta local sob a designação dos "Baltazares", nome pelo qual a família é ainda hoje reconhecida localmente.

- O testemunho

"Nos anos de 1950…instalada nos "Terrenos" juntos à atual Lota de Vila do Conde… mais tarde (anos 60) foram construídos uns armazéns destinados à Seca do Bacalhau, na Avenida Marques Sá Bandeira, junto à Foz do Ave – Vila do Conde, pelo Comendador Artur Paiva, posteriormente apelidados de: 'Organizações Taveira da Mota' – Guimarães Cardoso Com.Lda., essas instalações funcionaram até finais da década de 1990. Atualmente alguns estendais, mais parte do edifício norte, ainda são visíveis, ainda que em ruínas! Além da Seca também existia o Navio motor Bacalhoeiro "Vila do Conde". Foi construído na Gafanha da Nazaré para a pesca do Bacalhau à linha… Assim, a indústria ligada ao Navio "Vila do Conde" que nos mares longínquos da Terra Nova e Gronelândia e aos maiores portos de pesca do mundo levava o nome desta Vila, Vila do Conde. Neste contexto, a pesca e a secagem do Bacalhau fez com que o nome de Vila do Conde ultrapassasse regiões e fronteiras… especialmente em Espanha, onde a 'cura amarelada' era muito apreciada, pois a mesma era reconhecida como a melhor! De excelência! Por todos os 'secadores de bacalhau'. A secagem de seu nome 'natural'… (ao ar livre/ ao tempo), era sem dúvida o ex-libris da Seca do Bacalhau de Vila do Conde.

Vila do Conde era um local reconhecido e falado em qualquer lar, mercearia e revendedores deste país, todos preferiam o Bacalhau de secagem com as iniciais SVC nos fardos, ou seja – Seca de Vila do Conde. A tudo isto, há que salientar o pessoal, as ditas 'Mulheres' que nela trabalhavam… vindas de várias regiões do país…. Caxinas, Aver-o-Mar, Aguçadoura, Estela, Criaz, Belinho, Castelo do Neiva, Braga, Vieira do Minho, Pizões, Vila Nova de Famalicão, entre outras! Em resumo, as Mulheres eram, em grande parte, do interior, uma opção para deixarem de trabalhar na 'terra/campo' passando a ter um emprego, com vencimento base e um horário, dito normal e não de sol a sol, como acontecia nas suas terras. Além disso, fazia parte do contrato a estadia, em camaratas, bem como cantina… Numa análise geral iam a casa de mês a mês e, aquelas mais novas na idade do namoro, prolongavam em muito essas idas. Muitas delas namoravam, acabaram por casar e por cá fizeram vida. Existem bastantes famílias Vilacondenses que têm origem no emprego da Seca do Bacalhau… De salientar, que o pessoal da 'zona', Caxinas, Aver-o-mar e Estela, começaram a trocar a Seca pelas Fábricas de Conservas, diziam ser um trabalho menos pesado e, como iam dormir a casa, as conserveiras também proporcionavam um horário mais apetecível.

A chefia e a orientação da Seca do Bacalhau pertenceram, desde sempre, à família 'Baltazar', durante mais de uma centena de anos… (José Barão Vasco, Ana Vasques, Fernando Baltazar Vasco, Ana Ferreira, Ezequiel Vasco, Sara Vasco e João Vasco).

O seu encerramento deveu-se muito à industrialização na secagem do bacalhau, com as conhecidas 'Secas Artificiais', onde diariamente o número de quilos de secagem era e é programado, secagem impensável ao ar livre, pois é o tempo (sol + vento) que ditava essa secagem. No entanto, no país foi a que mais se manteve em funcionamento… Uma síntese da tão importante existência que teve a Seca do Bacalhau de Vila do Conde, onde levou o nome desta linda cidade ao mundo… Ainda hoje, apareceram artigos diversos com fotos da seca, na época, com o bacalhau estendido nos estendais a secar, tirada pelos (estrangeiros/turistas) que visitavam a nossa cidade e apreciavam, e muito, este método de secagem pioneiro, apenas visível em poucas…. Vila do Conde, Matosinhos, Lavadores, Gaia e Aveiro… Todas elas superadas pela Seca de Vila do Conde, pois era delimitada por uma estrada municipal (no meio da mesma) e os turistas, quase sempre, interagiam com as 'mulheres' ajudando-as a empurrarem as tão conhecidas 'vagonas', carrinhos manuais que transportavam o bacalhau nas suas várias vertentes de secagem."

02. A base de dados

A base de dados completa está disponível, para consulta, através do seguinte link: https://drive.google.com/drive/folders/1AtTdaJKwVSUqwPIwAmm13p2RQx8slzJV?usp=drive_link

1.

Link_homem	Nome	Alcunha	Cedula	Emissao_cedula	Capitania_cedula	Data_nascimento	Natural_concelho	Natural_freguesia	Residencia	Residencia_freguesia	Residencia_concelho	Estado_civil	Conjuge	Filhos	Pais
https://homens	Abel Coen	Do Abel	3534	15056	Vila do Conde	9792	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 1 138	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abel Coen	Pintado	5272	23131	Vila do Conde	17703	Vila do Conde	Vila do Conde	Av. Dr. Carlos	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abel da Silv	--	2767	9869	Vila do Conde	5460	Vila do Conde	Vila do Conde	Caxinas n 51	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Helena Gor	Maria das Dores Gomes	
https://homens	Abel da Silv	Ratinho	5732	24996	Vila do Conde	19882	Vila do Conde	Vila do Conde	Av. Cidade de	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abel Franc	--	1057	13957	Vila do Conde	35781	Vila do Conde	Vila do Conde	--	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Rosa Clara	António Francisco Coen	
https://homens	Abel Gonc	--	1745	5084	Vila do Conde	723	Vila do Conde	Vila do Conde	n 30	Poca da Barca	Vila do Conde	Casado	Ana Francis	José Cascão (1932-05-(	
https://homens	Abel Pereir	Caramelho	7658	20221	Vila do Conde	14477	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Rua da Alegria	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abel Ponte	--	5401	23631	Vila do Conde	18511	Vila do Conde	Vila do Conde	Av. Dr. Pinto Fe	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abilio Barb	--	5344	16520	Figueira da Foz	10279	Figueira da Foz	Lavos	Santa Luzia	Lavos	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Abilio da Si	Lambuco	4943	21767	Vila do Conde	16643	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 1 187	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abilio da Si	--	7269	26975	Figueira da Foz	20000	Figueira da Foz	Alhadas	Almagreira	Pombal	--	--	--	--	
https://homens	Abilio Fern	--	2310	5614	Figueira da Foz	1894-10-08	Figueira da Foz	Buarcos	Largo da Corti	Buarcos	Figueira da Foz	Casado	Patrocinia I	Maria Martins Alves (192	
https://homens	Abilio Gavi	--	3601	15321	Vila do Conde	10164	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua da Poca d	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abilio More	Moreira	3921	16390	Vila do Conde	10611	Esposende	Marinhas	Facho	Vila Cha	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abraao Ma	--	5063	22150	Vila do Conde	17013	Vila do Conde	Vila do Conde	Av. Dr. Carlos	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abraao Ne	--	5436	23795	Vila do Conde	18661	Matosinhos	Matosinhos	Rua da Fraga S	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abraao Nu	Lucaia	5483	23963	Vila do Conde	18847	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua Latino Co	Povoa do Varzim	Povoa do Varzim	--	--	--	
https://homens	Abraao Poi	--	4712	20806	Vila do Conde	15562	Vila do Conde	Vila do Conde	Bairro dos Pes	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Abraao Rib	Coca	3460	14410	Vila do Conde	9023	Vila do Conde	Vila do Conde	Bairro Piscato	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Maria Adeli	Acácio Coentrão Pontes	
https://homens	Acacio Ant	Do Xena	5166	22515	Vila do Conde	17402	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua do Poato	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Acacio Cor	Coca	4832	21311	Vila do Conde	16164	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 3 Caxin	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Acacio Fer	Barbeiro	3354	13817	Vila do Conde	3398	Vila Nova de Famalic	Brufe	Portas Fronha	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Maria Gom	Alcides Gomes Leite (19	
https://homens	Acacio Set	Casquilho	3537	15070	Vila do Conde	9711	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 198	--	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adao Gom	Fama	4738	20904	Vila do Conde	15736	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 1 468	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adelino An	--	5742	17999	Figueira da Foz	9083	Figueira da Foz	Lavos	Gala	Figueira da Foz	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Adelino Bo	--	6057	20218	Figueira da Foz	13770	Figueira da Foz	Sao Pedro	Gala	Figueira da Foz	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Adelino da	--	1748	5178	Vila do Conde	11	Vila do Conde	Vila do Conde	Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Maria da As	Zacarias (1919-12-15)Al	
https://homens	Adelino do	--	5469	16881	Figueira da Foz	11641	Figueira da Foz	Sao Pedro	Cova	--	--	--	--	--	
https://homens	Adelino Fe	--	5708	17901	Figueira da Foz	9067	Figueira da Foz	Lavos	Rua Soc. Joao	Lisboa	Lisboa	--	--	--	
https://homens	Adelino Gc	--	4709	20740	Vila do Conde	14492	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua Joaquim M	--	--	--	--	--	
https://homens	Adelino Ma	--	6983	24923	Figueira da Foz	19640	Figueira da Foz	Lavos	Costa de Lavo	--	--	--	--	--	
https://homens	Adelino Pe	Peixinho	4652	20341	Vila do Conde	14978	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 1 442	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adelmaro I	Pintado	2776	9909	Vila do Conde	5403	Vila do Conde	Vila do Conde	Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Mariana da	José Fontes Maravalhas	
https://homens	Adolfo de J	--	5622	17554	Figueira da Foz	11231	Figueira da Foz	Sao Pedro	Cova	Lavos	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Adolfo Gor	--	3666	9004	Figueira da Foz	3612	Figueira da Foz	Sao Pedro	Gala	--	--	Casado	Maria Estre	Alzira Pereira Gonçalves	
https://homens	Adolfo Lop	Serrao	7477	19150	Povoa de Varzim	13488	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Rua Poca da B	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adolfo Per	--	1110	16329	Cascais	10577	Figueira da Foz	Sao Pedro	Beco Torto n 1	Cascais	--	--	--	--	
https://homens	Adriano Aq	--	4597	20086	Vila do Conde	14767	Vila do Conde	Vila do Conde	Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adriano Ca	--	5338	23321	Vila do Conde	18165	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua do Fieiro	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adriano Ca	Bale	3903	16341	Vila do Conde	10984	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua da Alegria	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adriano Cc	--	4454	12961	Figueira da Foz	5929	Figueira da Foz	Sao Pedro	Cova	--	--	--	--	--	
https://homens	Adriano do	Coentrao	4834	21315	Vila do Conde	14223	Vila do Conde	Vila do Conde	Bairro dos Pes	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adriano do	--	6669	23637	Figueira da Foz	12245	Figueira da Foz	Vila Verde	Lares	Vila Verde	Figueira da Foz	Casado	Maria Glória	--	
https://homens	Adriano Fa	Vilao	4623	20214	Vila do Conde	14598	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n. 3 175	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adriano Fe	--	2816	6065	Figueira da Foz	1006	Figueira da Foz	Buarcos	Travessa Mate	Buarcos	Figueira da Foz	Casado	Juvelina Ga	José Fernandes Guerra	
https://homens	Adriano Ma	Milhazes	4642	20341	Vila do Conde	15202	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Bairro dos Pes	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Adriano Mc	Piloto	3326	13682	Vila do Conde	8402	Vila do Conde	Vila do Conde	Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Deolinda d	--	
https://homens	Afonso Ant	--	5101	22256	Vila do Conde	17121	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Rua 1	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Afonso Fer	--	5651	24723	Vila do Conde	19548	Vila do Conde	Vila do Conde	Trav. da Av. Ci	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Afonso Ma	--	5662	24744	Vila do Conde	19631	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua da Alegria	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Afonso Mo	--	4119	17124	Vila do Conde	11931	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 1 212	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Afonso Roi	--	4062	11137	Figueira da Foz	5553	Figueira da Foz	Buarcos	Rua da Encam	Buarcos	Figueira da Foz	Casado	Isaura Teix	Virgilio Robalo Roque (1	
https://homens	Agonia Fer	Torrao	6189	--	Povoa de Varzim	8002	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	--	--	José Maria (1945-12-25	
https://homens	Agonia Fra	--	2572	9206	Vila do Conde	4398	Vila do Conde	Vila do Conde	--	Poca da Barca	Vila do Conde	Casado	Margarida F	Maria Fraga (1935-03-2	
https://homens	Agostinho	--	1022	5892	Sesimbra	1877-10-29	Figueira da Foz	Sao Pedro	Cova de Lavos	Figueira da Foz	Figueira da Foz	Casado	Rosa de Jes	Maria de Jesus (1904-10	
https://homens	Agostinho	Claudino	5686	24826	Vila do Conde	17859	Vila do Conde	Vila do Conde	Av. Dr. Pinto Fe	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Agostinho	--	6342	22033	Figueira da Foz	16265	Figueira da Foz	Lavos	Gala	Figueira da Foz	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Agostinho	Eusebio	3513	14865	Vila do Conde	7952	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua Dr. Elias d	Vila do Conde	Vila do Conde	Casado	Antonina d	--	
https://homens	Agostinho	--	2825	6066	Figueira da Foz	1397	Figueira da Foz	Buarcos	Rua Jacinto Gi	--	--	Casado	Augusta Gc	Deolinda Mano (1923-1	
https://homens	Albano Fra	Valente	2371	7831	Vila do Conde	2921	Vila do Conde	Vila do Conde	--	Poca da Barca	Vila do Conde	Casado	Zulmira Fer	Amélia Francisco Nunes	
https://homens	Albertino A	Pescador	7879	21216	Povoa de Varzim	16096	Vila do Conde	Vila do Conde	--	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Albertino d	Da Neta	2973	11287	Vila do Conde	6073	Vila do Conde	Vila do Conde	n 116	Poca da Barca	Vila do Conde	Casado	Rita Fernan	--	
https://homens	Albertino d	--	5770	25113	Vila do Conde	19975	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Albertino d	Fazera	3373	14012	Vila do Conde	8768	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 1 n 154	Poca da Barca	Vila do Conde	Casado	Maria Adeli	Aurélio Gavina Sencada	
https://homens	Albertino C	Marafona	1413	3201	Vila do Conde	1896-09-21	Vila do Conde	Vila do Conde	Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Henriqueta	Rodrigo Gomes Marafor	
https://homens	Albertino C	Majola	2340	7688	Vila do Conde	3289	Vila do Conde	Vila do Conde	n. 5	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	Maria dos Santos Ribeir	
https://homens	Albertino P	Do Bicho	4760	20997	Vila do Conde	15753	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 1 164	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Albertino P	Da Henriqu	4682	20564	Vila do Conde	15374	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 1 420	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Ironina Mar	--	
https://homens	Albertino R	Vermelho	1453	3120	Vila do Conde	1896-10-15	Vila do Conde	Vila do Conde	--	Poca da Barca	Vila do Conde	Casado	Jovia Ferna	Maria Rodrigues Maio (1	
https://homens	Albertino R	--	3379	14056	Vila do Conde	8869	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua da Poca d	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Albertino R	Vermelho	5119	22346	Vila do Conde	16852	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n. 1 174	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Albertino S	--	3655	9133	Figueira da Foz	4385	Figueira da Foz	Buarcos	Rua Jacinto Gi	Buarcos	Figueira da Foz	Casado	Albertina Fi	--	
https://homens	Albertino V	--	5426	23763	Vila do Conde	18630	Vila do Conde	Vila do Conde	Av. Dr. Pinto Fe	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alberto Cu	--	4618	13614	Figueira da Foz	7561	Figueira da Foz	Paiao	Figueira da Fo	--	--	--	--	--	
https://homens	Alberto da	Festas	5331	23306	Vila do Conde	18190	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua 5 Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alberto da	Carturio	5123	15764	Figueira da Foz	10558	Figueira da Foz	Buarcos	Estrada de Tav	--	--	--	--	--	
https://homens	Alberto da	--	3899	16416	Vila do Conde	10055	Vila do Conde	Vila do Conde	Bairro Piscato	Vila do Conde	Vila do Conde	Casado	Maria das D	Artur da Silva Lopes (19	
https://homens	Alberto da	Retas	6769	19057	Leixoes	13829	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Rua n. 1 1495	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Maria da Sil	--	
https://homens	Alberto da	Migas	4893	21535	Vila do Conde	15868	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua Dr. Elias d	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alberto de	Conuna	4676	20564	Vila do Conde	14701	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua n 1 403	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alberto Dir	--	5478	16890	Figueira da Foz	10353	Figueira da Foz	Sao Juliao	Rua Jose da Si	Figueira da Foz	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Alberto do	--	5422	16771	Figueira da Foz	8172	Figueira da Foz	Paiao	Paiao	--	--	--	--	--	
https://homens	Alberto Fe	Preu	7709	20561	Povoa de Varzim	15307	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Rua de Fieiro	Poca da Barca	Vila do Conde	Casado	Maria da He	--	
https://homens	Alberto Fra	--	4697	14000	Figueira da Foz	8697	Figueira da Foz	Buarcos	Rua do Barreir	Buarcos	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Alberto Lo	--	3549	8741	Figueira da Foz	3263	Figueira da Foz	Buarcos	Rua Jogo da Bo	Buarcos	Figueira da Foz	Casado	Maria Renti	João Cardoso Loureiro (	
https://homens	Alberto No	--	6849	24497	Figueira da Foz	16212	Figueira da Foz	Alqueidao	Alqueidao	Figueira da Foz	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Alberto Nu	--	5134	22385	Vila do Conde	17264	Matosinhos	Leca da Palmeira	Rua 5 Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alberto Pin	--	6969	16764	Povoa de Varzim	10970	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Rua n 1	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Maria da Gl	Maria de Fátima Maio Pi	
https://homens	Alberto Pra	Saita	4429	19018	Vila do Conde	13710	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua da Alegria	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alberto Se	--	46341	21978	Lisboa	15050	Figueira da Foz	Lavos	Bizorreiro de L	Figueira da Foz	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Alberto Tor	--	4728	20850	Viana do Castelo	11813	Vila do Conde	Vila do Conde	Bairro do Bran	Poca da Barca	Vila do Conde	Casado	Maria de Fá	--	
https://homens	Albino de J	--	6954	24859	Figueira da Foz	17544	Figueira da Foz	Paiao	Sobral	Paiao	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Albino dos	Franco	3557	15131	Vila do Conde	9802	Vila do Conde	Vila Cha	Vila Cha	--	--	Casado	Lucia da Cc	--	
https://homens	Albino Fan	--	3610	1828	Vila do Conde	1892-10-29	Povoa de Varzim	Povoa de Varzim	Poca da Barca	Poca da Barca	Vila do Conde	Casado	Júlia Rosa (	José Fangueiro (1925-1	
https://homens	Albino Gor	--	4721	20806	Vila do Conde	14420	Vila do Conde	Vila do Conde	Largo Antero d	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Albino Jose	Barros	8894	24850	Povoa de Varzim	19625	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua da Alegria	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Albino Mar	Do Norte	5136	22390	Vila do Conde	17258	Vila do Conde	Vila Cha	Facho Vila Ch	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Albino Mar	Bino da Bra	5149	22441	Vila do Conde	17315	Vila do Conde	Vila do Conde	Facho	Vila Cha	Vila do Conde	Casado	Maria Adeli	--	
https://homens	Albino Nev	Bino da Aur	5302	23242	Vila do Conde	17633	Vila do Conde	Vila Cha	Facho	Vila Cha	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alcides Ma	--	3766	15795	Vila do Conde	10684	Vila do Conde	Vila do Conde	Poca da Barca	Poca da Barca	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alcidio da	Do Pescad	8495	23649	Leixoes	18510	Vila do Conde	Vila do Conde	Bairro dos Pes	Vila do Conde	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alcindo da	--	223605	25127	Lisboa	18079	Figueira da Foz	Paiao	Casal Novo	Amiais	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Alcino dos	Do Porto	4993	21957	Vila do Conde	14202	Vila do Conde	Vila do Conde	Rua Joaquim M	Vila do Conde	Vila do Conde	Casado	Isolina Mar	Manuel Martins de Cast	
https://homens	Alexandre	--	3354	7901	Figueira da Foz	2191	Figueira da Foz	Sao Pedro	Cova	--	--	Casado	Maria Pata	João Pata Cação (1934-	
https://homens	Alexandre	Pioro	4275	12189	Figueira da Foz	6449	Figueira da Foz	Buarcos	Largo da Senh	Buarcos	Figueira da Foz	Casado	Felismina S	--	
https://homens	Alexandre	--	3625	8838	Figueira da Foz	4724	Figueira da Foz	Buarcos	Rua Capitao G	Buarcos	Figueira da Foz	Casado	Maria Luisa	--	
https://homens	Alfredo Fe	--	6431	15172	Povoa de Varzim	9782	Póvoa de Varzim	Povoa de Varzim	Rua n 1	Caxinas	Vila do Conde	Casado	Maria Adeli	--	
https://homens	Alfredo Fe	--	3365	--	Vila do Conde	8768	Vila do Conde	Vila do Conde	Caxinas	Caxinas	Vila do Conde	--	--	--	
https://homens	Alfredo Jos	--	1151062	23975	Figueira da Foz	16498	Figueira da Foz	Buarcos	Rua Dr. Tomaz	--	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Alfredo Jos	--	5560	17255	Figueira da Foz	12033	Figueira da Foz	Maiorca	Rua Jacinto Gi	Praia de Buarcos	Figueira da Foz	--	--	António A. R. Costa (195	
https://homens	Alfredo Ma	--	6800	24247	Figueira da Foz	18854	Figueira da Foz	Lavos	Lavos	Figueira da Foz	Figueira da Foz	--	--	--	
https://homens	Alfredo Ma	--	7025	25393	Figueira da Foz	18200	Figueira da Foz	Buarcos	Rua do Castel	Buarcos	Figueira da Foz	--	--	--	

2	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1980	1981	1982
		Pescador	Pescador	3 Linha																																									
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial																																		
		Piloto		Piloto																																									
		Pescador	Pescador	3 Linha	1 Linha																																								
			Pescador	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial																																		
							Redeiro																																							
		Pescador	Pescador		3 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha		2 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha			1 Linha		1 Linha	1 Linha																							
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	Especial	Especial	Especial																																		
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	2 Linha	Especial	1 Linha	Especial			Especial	Especial	Especial	3 Linha																							
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	1 Linha	Especial																																					
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial		Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	3 Linha	3 Linha	2 Linha																	
		Pescador	Pescador	1 Linha	2 Linha	Especial	1 Linha																																					
						Marinheiro																																							
												Verde																																
			Serviço Es	Serviço Es	Serviço Especial																																							
							Praticante de Redeiro					Redeiro																																	
		Pescador	Pescador		2 Linha																																							
			Pescador	1 Linha	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial		Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	1 Linha	1 Linha	1 Linha	2 Linha	2 Linha	3 Linha																			
		Pescador		2 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	Especial	Especial	1 Linha	1 Linha	Especial	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	2 Linha	2 Linha	3 Linha	3 Linha	3 Linha																	
		Pescador	Pescador	Especial	1 Linha	Maduro – I	Especial	Especial	Especial	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	2Linha																															
		Piloto		Piloto																																									
					Verde	2 Linha	1 Linha	1 Linha	2 Linha			2 Linha				2 Linha	Maduro	Maduro	Maduro	Maduro	Maduro				Maduro																			
															Verde																													
		Pescador	Pescador	1 Linha	3 Linha	1 Linha				Verde	2 Linha	2 Linha	2 Linha	Especial	1 Linha																														
		Ajudante c	Ajudante	Ajudante c	Ajudante de Motorista										Redeiro	Redeiro	Redeiro	Redeiro			Redeiro																								
			Pescador		2 Linha	2 Linha	2 Linha	Especial	Especial	Especial	Especial	1 Linha	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	2 Linha	1 Linha	1 Linha																						
		Pescador	Escalador	1 Linha	2 Linha	Especial	1 Linha	1 Linha	1 Linha	Especial	Especial																																	
			Pescador	2 Linha	2 Linha	1 Linha	Especial																																					
		Pescador	Pescador	1 Linha																																								
							Mestre de Redes			Redeiro	Redeiro M	Mestre de Redes			Mestre de Redes																															
												Redeiro					Redeiro																												
		Pescador	Pescador	3 Linha																																								
		Pescador	Pescador	2 Linha	3 Linha																																							
									Escalador	Escalador	Escalador	Escalador	Escalador	Escalador																															
										Verde	1 Linha																																			
		Pescador		1 Linha	1 Linha	Especial	1 Linha	1 Linha	Especial																																			
															Verde	Maduro	Maduro	Maduro	Redeiro	Redeiro	Redeiro	Redeiro	Redeiro	Redeiro																				
						Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial		Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	1 Linha	2 Linha	3 Linha	2 Linha	2 Linha	2 Linha														
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	Especial																																						
		Pescador	Pescador																																								
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	2 Linha																																						
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	Especial																																						
												Redeiro																																
											Moco – AEP																																		
		Pescador	Pescador	1 Linha	2 Linha																																							
		Piloto	Piloto	Piloto	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao	Capitao				Capitao	Capitao																		
												Moco – AEP																																		
												Moco – AEP																																		
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	1 Linha	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Maduro – I	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	1 Linha	2 Linha						Verde																				
					1 Linha	1 Linha	Especial																																						
															Moco – AEP																													
		Pescador	Pescador	2 Linha	2 Linha	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial		Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	Especial	2 Linha	Especial	1 Linha	Especial																				
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	1 Linha		1 Linha	1 Linha																																		
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	1 Linha	Especial																																				
		Pescador	Pescador	1 Linha	1 Linha	1 Linha	Especial																																				
		Pescador	Pescador	Especial		2 Linha	Especial	Especial	Especial	1 Linha																																		
		Pescador	Pescador		1 Linha	1 Linha																																						
					Especial																																								

3.

Link navio	Nome	Registo	Inicio actividade	Fim actividade	Comprimento (m)	Boca (m)	Pontal (m)	Armacao	Conservacao	Artes de anzol	Ano construcao	Local	Estaleiro	Construtor	Primeiro armador	Material	Marca dos motores	Potencia dos motores (hq)	Unidade potencia	Num cilindros motor	rpm	capacidade pescado	Num tripulacao inicial
https://home	Adelia Maria	A-824-N	1948	1968				1948: Lugre	1948: Salgador	1948: Artes de an	1948	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Joao Bolais Mc	Ribaus & Vilarinhos, I	Madeira	FAMO		H.P.	--	--	10099	68
https://home	Adelia Maria	A-2318-N	1974	--				1974: Arrast	1974: Salgador1	1974: Arrasto	1974	Sao Jacinto	Estaleiros de Sao Jacinto	Estaleiros de S	Jose Maria Vilarinho,	Aco	FAIRBANKS MORSE		H.P.	8	900	12397	64
https://home	Aguas Santas	LX-32-N	1949	2003				1949: Arrast	1949: Salgador1	1949: Arrasto	1949	Lekkerkerk - Holand	T. Van Duijvendijk`s Sche	--	Empresa Comercial (	Aco	Cristiansen & Meijer		H.P.	4	90	16967	68
https://home	Aguia	A-216	1919	1941				1919: Lugre	1919: Salgador	1919: Artes de an	1919	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Companhia Aveirens	Madeira	--		por definir	--	--	4296	38
https://home	Alan Villiers	V-10-N	1953	1992	61.921984:66,01	11.081984: 4.881984: 4,(		1953: Navio	1953: Salgador1	1953: Artes de an		Viana do Castelo	Estaleiros Navais de Vian	Estaleiros Nav	Bacalhau de Portugal	Aco	ANSALDO		H.P.	6	300	17353	105
https://home	Alcion	A-215	1920	1953	32.521936:35,05	7.081936: 7 3.331936: 4,(		1913: Lugre	1913: Salgador	1913: Artes de an	1904	Cumberland	Dundee Shipbuilding & C	--	Sociedade de Pesca I	Madeira	DEUTSCHE KERK KIEL A. G.		H.P.	4	450	3000	27
https://home	Algarve 5o	614	1922	1939	38.751936:41,36	9.501936: 9 3.751936: 3,(		1922: Lugre	1922: Salgador	1922: Artes de an	1922	Portimao	--	Joaquim Pedr	Joao Antonio Judice F	Madeira	VOLUND		H.P.	2	300	6046	12
https://home	Altair	375-F	1918	1940	36.151918: 35.70	8.901918: 8 3.731918: 3,(		1918: Lugre	1918: Salgador	1918: Artes de an	1918	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Companhia Portugue	Madeira	--		por definir	--	--	4734	36
https://home	Alvaro Martins Homem	G-419	1941	1994				1941: Arrast	1941: Salgador1	1941: Arrasto198	1941	Rocha Conde de Ob	Estaleiros da Companhia	--	Sociedade Nacional (	Aco	FAIRBANKS MORSE		H.P.	7	230	18008	69
https://home	Ana Primeiro	B-263	1935	1950				1935: Lugre	1935: Salgador	1935: Artes de an	1918	Ornavik - Suecia	--	Karl Johanson	Sociedade de Pesca I	Madeira	SKANDIA		H.P.	--	--	4797	39
https://home	Antonio Coutinho	LX-19-N	1946	1965				1945: Navio	1945: Salgador	1945: Artes de an	1945	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Sociedade Lisbonens	Madeira	SULZER		H.P.	6	300	9817	77
https://home	Antonio Pascoal	LX-29-N	1948	1990				1948: Arrast	1948: Salgador1	1948: Arrasto	1948	Haarlem - Holanda	Haalemsche Scheepsbo	--	Pascoal & Filhos, Lda	Aco	WERKSPOOR		H.P.	8	275	20261	67
https://home	Argus	NO-484	1885	1958				1885: Lugre	1885: Salgador	1885: Artes de an	1873	Dundee - Escocia	Dundee Shipbuilding & C	--	William Thompson	Madeira	--		por definir	--	--	5058	36
https://home	Argus	G-396	1939	1970				1939: Lugre	1939: Salgador	1939: Artes de an	1939	Holanda	De Haan & Oerlmans	--	Parceria Geral de Pes	Aco	SULZER		H.P.	4	--	11093	71
https://home	Ave Maria	A-1204-N	1957	1982				1957: Navio	1957: Salgador	1957: Artes de an	1957	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Benjamim Bol	Empresa de Pesca de	Madeira	DEUTZ		H.P.	8	--	13092	90
https://home	Aviz	C-127	1939	1965				1939: Lugre	1939: Salgador	1939: Artes de an	1939	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Companhia de Pesca I	Madeira	OTTO-DEUTZ		H.P.	--	--	8814	58
https://home	Bissaya Barreto	B-278	1943	1973	46.731956:46,69	10.031956: 5.191956: 5,(		1943: Navio	1943: Salgador	1943: Artes de an	1943	Gafanha da Nazare	Estaleiros da Morraceira	Benjamim Bol	Lusitania, Companhi	Madeira	SULZER		H.P.	5	300	11214	68
https://home	Bissaya Barreto	FF-12-N	1951	1985				1951: Arrast	1951: Salgador	1951: Arrasto	1951	Figueira da Foz	Estaleiros Navais do Mon	Estaleiros Nav	Lusitania, Companhi	Aco	BURMEISTER & WAIN		H.P.	6	330	17936	72
https://home	Bretanha	500-E	1929	1938	40.001923:41,2719	9.641923: 9 3.491923: 3,(		1929: Lugre	1929: Salgador	1929: Artes de an	1923	Morraceira - Figueir	Estaleiros da Morraceira	Antonio Monic	Sociedade de Navega	Madeira	--		por definir	--	--	5280	40
https://home	Brites	B-226	1936	1966				1936: Lugre	1936: Salgador	1936: Artes de an	1936	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Brites, Vaz & Irmaos,	Madeira	DEUTSCH WERKE KIEL A.G.		H.P.	--	--	8265	51
https://home	Brites	A-2130-N	1971	2015				1971: Arrast	1971: Salgador1	1971: Arrasto	1971	Sao Jacinto	Estaleiros de Sao Jacinto	Estaleiros de S	Brites, Vaz & Irmaos,	Aco	MAK		H.P.	8	450	18903	64
https://home	Capitao Ferreira	LX-20-N	1946	1984				1946: Navio	1946: Salgador	1946: Artes de an	1945	Morraceira - Figueir	Estaleiros da Morraceira	Benjamim Bol	Atlantica, Companhi	Madeira e a	MIRRLESS		H.P.	6	335	10658	70
https://home	Capitao Joao Vilarinho	FF-15-N	1952	--				1952: Navio	1952: Salgador1	1952: Artes de an	1952	Figueira da Foz	Estaleiros Navais do Mon	--	Joao Maria Vilarinho,	Aco	MAK		H.P.	6	300	17865	94
https://home	Capitao Jose Vilarinho	FF-17-N	1954	1970				1954: Navio	1954: Salgador	1954: Artes de an	1954	Figueira da Foz	Estaleiros Navais do Mon	Estaleiros Nav	Jose Maria Vilarinho,	Aco	STORK		H.P.	7	300	17905	96
https://home	Celeste Maria	A-1056-N	1954	1972				1954: Navio	1954: Salgador	1954: Artes de an	1954	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Parceria Maritima Es	Madeira	BENZ		H.P.	8	380	11337	79
https://home	Cidade de Aveiro	V-8-N	1966	1979				1966: Arrast	1966: Salgador1	1966: Arrasto	1966	Viana do Castelo	Estaleiros Navais de Vian	Estaleiros Nav	Joao Maria Vilarinho,	Aco	RUSTON W. H. ALLEN		H.P.	--	650	16438	68
https://home	Coimbra	LX-24-N	1948	1968				1948: Lugre	1948: Salgador	1948: Artes de an	1948	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Armenio Bolai	Empresa de Pesca de	Madeira	BOLNESS		H.P.	6	320	10615	72
https://home	Coimbra	A-2204-N	1972	--				1972: Arrast	1972: Salgador1	1972: Arrasto	1972	Sao Jacinto	Estaleiros de Sao Jacinto	Estaleiros de S	Empresa de Pesca de	Aco	MWM		H.P.	--	--	18903	62
https://home	Comandante Tenreiro	B-277	1943	1946				1943: Navio	1943: Salgador	1943: Artes de an	1943	Morraceira - Figueir	Estaleiros da Morraceira	Benjamim Bol	Lusitania, Companhi	Madeira	SULZER		H.P.	5	300	11277	71
https://home	Comandante Tenreiro	FF-11-N	1949	1983				1949: Arrast	1949: Salgador	1949: Arrasto	1949	Figueira da Foz	Estaleiros Navais do Mon	Estaleiros Nav	Lusitania, Companhi	Aco	BURMEISTER & WAIN		H.P.	6	330	18105	71
https://home	Conceicao Vilarinho	A-957-N	1951	1980				1951: Navio	1951: Salgador	1951: Artes de an	1947	Estocolmo - Suecia	Hammarbyverken	--	Joao Maria Vilarinho,	Aco	ATLAS-POLAR		H.P.	4	230	17065	88
https://home	Condestavel	LX-25-N	1948	1960				1948: Lugre	1948: Salgador	1948: Artes de an	1948	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Armenio Bolai	Companhia de Pesca I	Madeira	COOPER BESSEMER		H.P.	6	375	10276	79
https://home	Cova da Iria	A-130	1948	1950				1944: Navio	1948: Salgador	1948: Artes de an	1944	Afurada - Vila Nova (	--	Jose Monica	Parceria Maritima do	Madeira	SULZER		H.P.	8	350	12453	80
https://home	Creoula	G-376	1937	1973				1937: Lugre	1937: Salgador	1937: Artes de an	1937	Rocha Conde de Ob	Estaleiros da Companhia	--	Parceria Geral de Pes	Aco	BENZ		H.P.	6	--	10052	70
https://home	David Melgueiro	LX-35-N	1951	1992				1951: Arrast	1951: Salgador1	1951: Arrasto	1951	Lekkerkerk - Holand	T. Van Duijvendijk`s Sche	--	Sociedade Nacional (	Aco	WERKSPOOR		H.P.	8	275	28000	76
https://home	Delaes	C-124	1938	1942				1938: Lugre	1938: Salgador	1938: Artes de an	1938	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Antonio Maria	Empresa de Pesca de	Madeira	DEUTZ		H.P.	4	400	8558	53
https://home	Dom Denis	B-232	1940	1966				1940: Lugre	1940: Salgador	1940: Artes de an	1940	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Antonio Maria	Pascoal & Filhos, Lda	Madeira	DEUTZ		H.P.	--	400	7988	52
https://home	Elisabeth	LX-21-N	1946	1970				1946: Navio	1946: Salgador	1946: Artes de an	1945	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Joao Norberto Gonca	Madeira	MIRRLESS		H.P.	6	335	10913	69
https://home	Elisabeth	LX-67-N	1971	1992				1971: Arrast	1971: Salgador1	1971: Arrasto	1971	Viana do Castelo	Estaleiros Navais de Vian	Estaleiros Nav	Sociedade Nacional (	Aco	ATLAS MAK		H.P.	--	425	17804	70
https://home	Esperanca II	B-181	1924	1939				1924: Lugre	1924: Salgador	1924: Artes de an	1924	Fao	--	Jose Linhares	--	Madeira	VOLUND		H.P.	--	--	5110	39
https://home	Estevao Gomes	LX-34-N	1950	1986				1950: Arrast	1950: Salgador	1950: Arrasto	1950	Lekkerkerk - Holand	T. Van Duijvendijk`s Sche	--	Sociedade Nacional (	Aco	WERKSPOOR		H.P.	8	275	19470	68
https://home	Fernandes Lavrador	LX-26-N	1948	1990				1948: Arrast	1948: Salgador	1948: Arrasto	1947	Lekkerkerk - Holand	T. Van Duijvendijk`s Sche	--	Sociedade Nacional (	Aco	WERKSPOOR		H.P.	8	275	20305	66
https://home	Fernando	407-E	1921	1939	38.751932: 39,56	9.401932: 9 4.101932: 3,(		1921: Lugre	1921: Salgador	1921: Artes de an	1921	Funchal	--	Luis Basilio	Bagao, Nunes & Macl	Madeira	SULZER		H.P.	4	--	6157	41
https://home	Fozdo Mondego	FF-16-N	1953	1995				1951: Arrast	1951: Salgador1	1951: Arrasto	1951	Figueira da Foz	Estaleiros Navais do Mon	Estaleiros Nav	Lusitania, Companhi	Aco	BURMEISTER & WAIN		H.P.	6	330	18096	72
https://home	Gafanhoto	B-218	1919	1952	34.701933: 34,7719	8.601933: 8 4.031933: 4,(		1919: Lugre	1919: Salgador	1919: Artes de an	1919	Pardilho	--	Joaquim Dias I	Bagao & Ribaus, Lda.	Madeira	GULDNER		H.P.	3	--	4600	38
https://home	Gazela Primeiro	375-B	1929	1969	45.001876: 26,7018	8.111876: 6 5.011876: 3,(		1837: Escun	1900: Salgador	1883: Artes de an		Southampton (Ingla	--	--	--	Madeira	BENZ		H.P.	4	--	5193	--
https://home	Georgina	B-121	1936	1938				1918: Lugre	1918: Salgador	1918: Artes de an	1918	Vila Nova de Gaia	--	--	Antonio dos Santos S	Madeira	SUPER-SKANDIA-VIRKEN A.V.		H.P.	--	--	5716	42
https://home	Gil Eannes	G-436	1914	1954	84.791942: 89.00	12.531942: 5.121942: 5,(		1915: Cruzador - Outros	1927: Navio -Hospital - (		1914	Geestemunde (Alen	--	G. Seebeck Ak	Deutsche Dampfsscl	Aco	--		H.P.	3	70	--	57
https://home	Gil Eannes	LX-42-N	1955	1973				1955: Navio-Hospital - Outros			1955	Viana do Castelo	Estaleiros Navais de Vian	Estaleiros Nav	Gremio dos Armador	Aco	FAIRBANKS MORSE		H.P.	--	--	--	73
https://home	Granja	A-237	1921	1941	46.001933: 38,1819	8.701933: 8 4.101933: 4,(		1919: Lugre	1919: Salgador	1919: Artes de an	1919	Figueira da Foz	--	Sebastiao Gor	Nunes, Guerra & C.a,	Madeira	OTTO-DEUTZ		H.P.	4	400	4800	38
https://home	Groenlandia	G-354	1935	1957	44.651940: 45,52	9.471940: 9 4.381940: 4,(		1922: Lugre	1922: Salgador	1922: Artes de an	1922	Vila do Conde	Chantiers Navals Franco	--	La Morue Francaise &	Madeira	POLAR		H.P.	6	--	8500	53
https://home	Hortense	422-F	1930	1964	42.401933: 43,88	9.931933: 9 5.161933: 5,(		1930: Lugre	1930: Salgador	1930: Artes de an	1930	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Parceria Geral de Pes	Madeira	SULZER		H.P.	4	--	6803	45
https://home	Ilhavense	A-1206-N	1957	1974				1957: Navio	1957: Salgador	1957: Artes de an	1957	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Parceria Maritima Es	Madeira	DEUTZ		H.P.	8	380	12561	83
https://home	Ilhavense 2o	A-246	1937	1955	39.021953: 40,2719	8.971953: 8 3.891953: 4,(		1918: Lugre	1918: Salgador	1918: Artes de an	1918	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Companhia Aveirens	Madeira	DEUTCH WERKE KIEL		H.P.	--	--	4899	40
https://home	Inacio Cunha	B-241	1945	1966				1945: Navio	1945: Salgador	1945: Artes de an	1945	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Manuel Maria	Testa & Cunhas, Lda.	Madeira	DEUTZ		H.P.	--	--	11064	74
https://home	Inacio Cunha	A-2053-N	1969	--				1969: Arrast	1969: Salgador1	1969: Arrasto	1969	Sao Jacinto	Estaleiros de Sao Jacinto	Estaleiros de S	Testa & Cunhas, Lda.	Aco	MWM		H.P.	6	455	17890	62
https://home	Infante	C-111	1933	1938	41.041915: 44,80	9.481915: 9 3.731915: 3,(		1915: Lugre	1915: Salgador	1915: Artes de an	1915	Vila do Conde	--	Jeremias Mart	Empresa de Pesca e I	Madeira	SUPER-SKANDIA		H.P.	--	--	5000	40
https://home	Infante de Sagres	A-225	1921	1951	44.301938: 42,25	9.501938: 9 4.051938: 4,(		1921: Lugre	1921: Salgador	1921: Artes de an	1921	Gafanha da Nazare	--	Manuel Jose C	Sociedade Infante de	Madeira	SKANDIA		H.P.	--	--	6109	44
https://home	Invicta	P-609-N	1949	1985				1949: Arrast	1949: Salgador	1949: Arrasto	1948	Lekkerkerk - Holand	T. Van Duijvendijk`s Sche	--	Companhia de Pesca	Aco	WERKSPOOR		H.P.	8	275	19901	70
https://home	Joao Alvares Fagundes	LX-18-N	1945	1965				1945: Arrast	1945: Salgador	1945: Artes de an	1945	Rocha Conde de Ob	Estaleiros da Companhia	--	Sociedade Nacional (	Aco	MIRRLESS		H.P.	8	250	18208	72
https://home	Joao Alvares Fagundes	LX-70-N	1973	1993				1973: Arrast	1973: Salgador1	1973: Arrasto	1973	Viana do Castelo	Estaleiros Navais de Vian	Estaleiros Nav	Sociedade Nacional (	Aco	ATLAS MAK		H.P.	8	425	--	73
https://home	Joao Corte Real	G-420	1940	1992				1977: Redes	1940: Salgador1	1940: Arrasto197	1940	Rocha Conde de Ob	Estaleiros da Companhia	--	Sociedade Nacional (	Aco	FAIRBANKS MORSE		H.P.	7	230	18016	68
https://home	Joao Costa	FF-9-N	1946	1952				1946: Navio	1946: Salgador	1946: Artes de an	1945	Morraceira - Figueir	Estaleiros da Morraceira	Benjamim Bol	Sociedade de Pesca I	Madeira	MIRRLESS		H.P.	6	335	10743	73
https://home	Joao Ferreira	A-1163-N	1956	1994			4.901962: 5,(	1956: Navio	1956: Salgador1	1956: Artes de an	1956	Sao Jacinto	Estaleiros de Sao Jacinto	Estaleiros de S	Industria Aveirense d	Aco	MAN		H.P.	7	275	17702	102
https://home	Joao Jose	A-297	1926	1956	41.441934: 39,41	9.601934: 9 3.751934: 3,(		1923: Lugre	1926: Salgador	1926: Artes de an	1923	Figueira da Foz	--	Antonio Maria	Empresa Fomentador	Madeira	SKANDIA		H.P.	2	--	4500	37
https://home	Joao Martins	LX-37-N	1952	2011				1952: Arrast	1952: Salgador1	1952: Arrasto	1952	Viana do Castelo	Estaleiros Navais de Vian	Estaleiros Nav	Sociedade Nacional (	Aco	COOPER BESSEMER		H.P.	8	300	17936	69
https://home	Joao Miguel	461-F	1932	1937	37.741927: 37,7419	8.101927: 8 3.441927: 3,(		1895: Lugre	1895: Salgador	1906: Artes de an	1895	Lahelle Kibernorft - I	--	A. Thorstensei	--	Madeira	SKANDIA		H.P.	--	--	4000	39
https://home	Jose Alberto	B-262	1935	1968	55.031951: 55,03	9.871951: 9 3.491951: 3,(		1935: Lugre	1935: Salgador	1935: Artes de an	1923	Marstal - Dinamarca	H. C. Christensens Staal	--	Sociedade de Pesca (	Aco	HERA		H.P.	--	--	11061	69
https://home	Julia III	B-407	1889	1936				1876: late - \	1876: Salgador	1876: Artes de an	1876	Fao	--	Jose Gomes M	--	Madeira	--		por definir	--	--	2900	26
https://home	Julia IV	436-C	1915	1949	38.561936: 38,21	8.631936: 8 3.471936: 3,(		1915: Lugre	1915: Salgador	1915: Artes de an	1914	Figueira da Foz	--	Antonio Maria	Atlantica, Companhi	Madeira	SKANDIA		H.P.	2	--	4236	33
https://home	Julia Primeiro	420-B	1936	1957	33.091945: 34,61	8.041945: 8 3.791945: 3,(		1853: late - \	1889: Salgador	1898: Artes de an	1853	Estados Unidos da A	--	--	--	Madeira	--		por definir	--	--	4500	39
https://home	Labrador	499-F	1935	1958				1919: Lugre	1935: Salgador	1935: Artes de an	1919	Korsor - Dinamarca	Korsor Skibs	--	--	Madeira	VOLUND		H.P.	--	300	5199	42
https://home	Laura	B-204	1921	1958	36.901934: 36,90	9.401934: 9 3.961934: 3,(		1921: Lugre	1921: Salgador	1921: Artes de an	1921	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Jose Maria Mo	Empresa de Navegac	Madeira	GULDNER		H.P.	--	--	5560	39
https://home	Leopoldina	280	1903	1947	35.961935: 36,5619	8.101935: 8 3.531935: 3,(		1899: Lugre	1899: Salgador	1899: Artes de an	1899	Caminha	--	Antonio Dias d	Jose Maria Valladares	Madeira	--		por definir	--	--	4800	--
https://home	Lousado	LX-40-N	1954	1992				1954: Navio	1954: Salgador1	1954: Artes de an	1954	Viana do Castelo	Estaleiros Navais de Vian	Estaleiros Nav	Empresa Comercial (	Aco	CARELS		H.P.	7	300	17076	95
https://home	Luis Ferreira de Carvalh	LX-62-N	1969	1992				1969: Arrast	1969: Salgador1	1969: Arrasto	1969	Viana do Castelo	Estaleiros Navais de Vian	Estaleiros Nav	Sociedade Nacional (	Aco	MAK		H.P.	8	425	19849	72
https://home	Luiza Ribau	LX-38-N	1953	1973				1953: Lugre	1953: Salgador	1953: Artes de an	1953	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Joao Bolais Mc	Sociedade Gafanhen	Madeira	MAK		H.P.	8	375	11046	78
https://home	Lutador	A-418-N	1946	1964				1946: Navio	1946: Salgador	1946: Artes de an	1945	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	Antonio Maria	Empresa de Pesca de	Madeira	HUMBOLT DEUTZ		H.P.	--	--	14138	79
https://home	Lutador	A-1893-N	1966	--				1966: Arrast	1966: Salgador1	1966: Arrasto	1966	Sao Jacinto	Estaleiros de Sao Jacinto	Estaleiros de S	Empresa de Pesca de	Aco	MAN		H.P.	8	420	16808	70
https://home	Luzitania	C-298	1919	1977	45.281947: 39,56	9.301947: 9 3.781947: 3,(		1918: Lugre	1918: Salgador	1919: Artes de an	1918	Vila Nova de Gaia	--	Jose da Silva L	Lusitania, Companhi	Madeira e a	SULZER		H.P.	4	--	5736	46
https://home	Maria Carlota	C-106	1927	1947	36.601939: 36,8919	8.511939: 8 3.581939: 3,(		1919: Lugre	1919: Salgador	1919: Artes de an	1918	Dayspring - Nova Es	N. S. M. Leary	--	Moulton Fisheries	Madeira	--		por definir	--	--	3600	31
https://home	Maria da Gloria	B-201	1921	1942	37.451921: 43,0019	9.001921: 9 3.601921: 3,(		1921: Lugre	1927: Salgador	1921: Artes de an	1921	Gafanha da Nazare	Estaleiros Monica	--	Empresa de Pesca Pe	Madeira	OTTO-DEUTZ		H.P.	--	--	5732	37
https://home	Maria das Flores	LX-22-N	1946	1958				1946: Lugre	1946: Salgador	1946: Artes de an	1946	Bico da Murtosa	--	Jose Maria Loj	Empresa Comercial (	Madeira	CROSSLEY		H.P.	--	400	9873	62
https://home	Maria Frederico	B-239	1944	1952				1944: Lugre	1944: Salgador	1944: Artes de an	1944	Gafanha da Nazare	Estaleiro da Empresa de I	Antonio Pereir	Empresa de Pesca de	Madeira	DEUTZ		H.P.	--	--	8376	60
https://home	Maria Teixeira Vilarinho	V-4-N	1964	1981				1964: Arrast	1964: Salgador1	1964: Arrasto	1964	Viana do Castelo	Estaleiros Navais de Vian	Estaleiros Nav	Jose Maria Vilarinho,	Aco	MAN		H.P.	8	300	18286	72
https://home	Milena	B-225	1935	1958	55.041943: 56,15	10.881943: 4.991943: 5,(		1935: Lugre	1935: Salgador	1935: Artes de an	1918	Milton, Florida (Esta	--	Bagdad S.B.Co	--	Madeira	POLAR		H.P.	--	--	11394	68
https://home	Navegante	A-232	1921	1962	39.001943: 39,55	8.901943: 9 3.851943: 4,(		1921: Lugre	1921: Salgador	1921: Artes de an	1921	Gafanha da Nazare	--	Justino Dias M	Empresa Naval de Co	Madeira	DEUTZ-WERKE		H.P.	--	--	--	--

Link_navio	Ano_Campanha	Embarcacao	Registo	Link_homem	Cedula	Tripulantes	Numero_pescado(quintais)
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/70	1932	Esperanca II	B-181	https://homense	2454	Manuel Francisco Neves	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/137	1935	Neptuno	A-275	https://homense	3408	Jose Francisco da Cunha	98
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/167	1939	Rio Lima	65	https://homense	3408	Jose Francisco da Cunha	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/167	1940	Rio Lima	65	https://homense	3408	Jose Francisco da Cunha	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/205	1936	Aguia	A-216	https://homense	3549	Alberto Loureiro	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/178	1937	Santa Mafalda	B-210	https://homense	3549	Alberto Loureiro	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/178	1938	Santa Mafalda	B-210	https://homense	3549	Alberto Loureiro	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/178	1939	Santa Mafalda	B-210	https://homense	3549	Alberto Loureiro	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/178	1940	Santa Mafalda	B-210	https://homense	3549	Alberto Loureiro	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/117	1936	Luzitania	C-298	https://homense	2767	Abel da Silva Maravalhas	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/117	1937	Luzitania	C-298	https://homense	2767	Abel da Silva Maravalhas	82
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/117	1938	Luzitania	C-298	https://homense	2767	Abel da Silva Maravalhas	88
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/117	1939	Luzitania	C-298	https://homense	2767	Abel da Silva Maravalhas	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/117	1940	Luzitania	C-298	https://homense	2767	Abel da Silva Maravalhas	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/205	1936	Aguia	A-216	https://homense	2831	Antonio Gomes Charana	115
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/205	1937	Aguia	A-216	https://homense	2831	Antonio Gomes Charana	102
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/109	1938	Laura	B-204	https://homense	2831	Antonio Gomes Charana	122
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/109	1939	Laura	B-204	https://homense	2831	Antonio Gomes Charana	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/109	1940	Laura	B-204	https://homense	2831	Antonio Gomes Charana	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/205	1936	Aguia	A-216	https://homense	2787	Francisco Rodrigues Alves	154
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/205	1937	Aguia	A-216	https://homense	2787	Francisco Rodrigues Alves	160
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/109	1938	Laura	B-204	https://homense	2787	Francisco Rodrigues Alves	159
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/109	1939	Laura	B-204	https://homense	2787	Francisco Rodrigues Alves	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/109	1940	Laura	B-204	https://homense	2787	Francisco Rodrigues Alves	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/140	1936	Normandie	B-223	https://homense	1057	Abel Francisco Coentrao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/140	1937	Normandie	B-223	https://homense	1057	Abel Francisco Coentrao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/140	1938	Normandie	B-223	https://homense	1057	Abel Francisco Coentrao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/140	1939	Normandie	B-223	https://homense	1057	Abel Francisco Coentrao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/140	1940	Normandie	B-223	https://homense	1057	Abel Francisco Coentrao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/205	1936	Aguia	A-216	https://homense	4122	Joao Francisco Frasco	100
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/94	1937	Infante de Sagre	A-225	https://homense	4122	Joao Francisco Frasco	110
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/94	1938	Infante de Sagre	A-225	https://homense	4122	Joao Francisco Frasco	57,9
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/194	1939	Sao Ruy	95	https://homense	4122	Joao Francisco Frasco	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/110	1940	Leopoldina	280	https://homense	4122	Joao Francisco Frasco	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/149	1936	Palmira	B-167	https://homense	1745	Abel Goncalves Cascao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/155	1937	Terra Nova	500-F	https://homense	1745	Abel Goncalves Cascao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/155	1938	Terra Nova	500-F	https://homense	1745	Abel Goncalves Cascao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/167	1939	Rio Lima	65	https://homense	1745	Abel Goncalves Cascao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/167	1940	Rio Lima	65	https://homense	1745	Abel Goncalves Cascao	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/205	1936	Aguia	A-216	https://homense	2559	Joao Gavina Novo	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/94	1937	Infante de Sagre	A-225	https://homense	2559	Joao Gavina Novo	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/94	1938	Infante de Sagre	A-225	https://homense	2559	Joao Gavina Novo	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/94	1939	Infante de Sagre	A-225	https://homense	2559	Joao Gavina Novo	0
https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/header/navios/show/94	1940	Infante de Sagre	A-225	https://homense	2559	Joao Gavina Novo	0

Nome	Alcunha	Cedula	Residencia_completa	Residencia_concelho	Residencia_pais	x	y
Abel Coent	Do Abel	3534	Av Dr Carlos Pinto Ferreir	Vila do Conde	Portugal	-974770.100742819	5065687.79587337
Abel Coent	Pintado	5272	Av Dr Carlos P Ferreira 34	Vila do Conde	Portugal	-974939.517875858	5065959.05171436
Abel da Silv	--	2767	Caxinas	Vila do Conde	Portugal	-974789.381278625	5066344.45012544
Abel da Silv	Ratinho	5732	Av Cidade de Guimaraes	Vila do Conde	Portugal	-974696.629878894	5066210.2471466
Abel Franci	--	1057	Caxinas	Vila do Conde	Portugal	-974789.381278625	5066344.45012544
Abel Gonca	--	1745	Poca da Barca	Vila do Conde	Portugal	-974863.687038729	5067330.39790236
Abel Pereir	Caramelho	7658	Rua da Alegria Poca da B	Vila do Conde	Portugal	-975093.673106707	5066988.46646739
Abel Ponte	--	5401	Av Dr Carlos Pinto Ferreir	Vila do Conde	Portugal	-974820.417152659	5065782.53951535
Abilio da Si	Lambuco	4943	Rua Alfredo Bastos 187 P	Vila do Conde	Portugal	-975244.355169446	5066910.56161149
Abilio Gavi	--	3601	Rua da Poca da Barca Poc	Vila do Conde	Portugal	-975148.486823975	5067452.24477658
Abilio More	Moreira	3921	Facho Vila Cha	Vila do Conde	Portugal	-972285.961777973	5056003.39896796
Abraao Mai	--	5063	Av Dr Carlos P Ferreira 74	Vila do Conde	Portugal	-975216.803595475	5066586.28124753
Abraao Nev	--	5436	Rua da Fraga 99 Vila do C	Vila do Conde	Portugal	-973250.912520013	5064386.41076031
Abraao Por	--	4712	Bairro dos Pescadores Vi	Vila do Conde	Portugal	-974537.142444437	5065246.79336683
Abraao Rib	Coca	3460	Bairro dos Pescadores 15	Vila do Conde	Portugal	-974585.722270219	5065211.1106417
Acacio Ant	Do Xena	5166	Av Dr Antonio Bento Marti	Vila do Conde	Portugal	-974280.684601546	5066590.4196027
Acacio Coe	Coca	4832	Avenida Cidade de Guima	Vila do Conde	Portugal	-974526.311057981	5065865.03309314
Acacio Fer	Barbeiro	3354	Portas Fronhas Caxinas	Vila do Conde	Portugal	-973996.341226214	5066915.41210491
Acacio Seb	Casquilho	3537	Av Dr Carlos Pinto Ferreir	Vila do Conde	Portugal	-974944.293482012	5066004.86739897
Adao Gome	Fama	4738	Av Dr Carlos Pinto Ferreir	Vila do Conde	Portugal	-975042.054258827	5066250.70956353
Adelino da	--	1748	Caxinas	Vila do Conde	Portugal	-974789.381278625	5066344.45012544
Adelino Pei	Peixinho	4652	Av Dr Carlos Pinto Ferreir	Vila do Conde	Portugal	-975016.506435689	5066191.11358477
Adelmaro F	Pintado	2776	Caxinas	Vila do Conde	Portugal	-974789.381278625	5066344.45012544
Adolfo Lop	Serrao	7477	Rua Poca da Barca 282 P	Vila do Conde	Portugal	-975217.994714025	5067441.38619065
Adriano Ag	--	4597	Caxinas	Vila do Conde	Portugal	-974789.381278625	5066344.45012544
Adriano Ca	--	5338	Rua do Fieiro Poca da bar	Vila do Conde	Portugal	-975343.218009219	5067959.80829809
Adriano Ca	Bale	3903	Rua da Alegria Poca da B	Vila do Conde	Portugal	-975093.673106707	5066988.46646739
Adriano do	Coentrao	4834	Bairro dos Pescadores 15	Vila do Conde	Portugal	-974585.722270219	5065211.1106417
Adriano Fai	Vilao	4623	Avenida Cidade de Guima	Vila do Conde	Portugal	-974401.455117108	5065568.29977884
Adriano Ma	Milhazes	4642	Bairro dos Pescadores 24	Vila do Conde	Portugal	-974507.21976531	5065311.6188047

5.

CMVC	Câmara Municipal de Vila do Conde
AMVC	Arquivo Municipal de Vila do Conde
GANPB	Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau
JCCP	Junta Central das Casas dos Pescadores
CRCB	Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau;
FAUP	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
SI	Sem informação
NA	Não aplicável
Op.Cit.	Obra citada
S.d.	Sem data
S.a.	Sem autor

Livros

ALMEIDA, Carlos (1994). *Rendas de Bilros de Vila do Conde*. Minerva. AAVV.

ALMEIDA, Luciana Andrade (2004). *Educação e Pesquisa,* vol 30, nº2. Notas sobre a influência de *Bordieu, Elias* e *Foucault* nas abordagens da História da Saúde.

AMORIM, António. (Vila do Conde,1972). *O Município de Vila do Conde dentro da evolução dos municípios portugueses.* Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde, nº7.

BARBOSA, Fernando (Póvoa de Varzim, 1958). *O concelho da Póvoa de Varzim no séc. XVIII: As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758.* Boletim Municipal da Póvoa de Varzim. Vol. I, nº2.

CARVALHO, Joana Patrícia Simões (2019). *Os Pescadores bacalhoeiros nos anos 60*. In Omni Tempore: atas dos Encontros da Primavera 2018. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019. p. 435-479.

DOMINGUES, Álvaro; (julho de 2006). *Cidade e Democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal.* Lisboa, Argumentum.

FERNANDES, José Alberto. (Porto, 2005). *Centros históricos e Urbanismo: questões, reflexões e inquietações, a propósito do Porto;* Actas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente. Pp. 12-25. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

FREITAS, Eugénio Andrea (2001). *Vila do Conde: história e património*. Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Vila do Conde.

FREITAS, Eugénio Andrea (1961). *Vila do Conde. As origens do topónimo. Tentativa de identificação*. Em "Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde".

GARRIDO, Álvaro (2001). *O Estado Novo e a pesca do bacalhau. Encenação épica e representações ideológicas*. Oceanos, nº45.

GARRIDO, Álvaro (2003). *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau.* Círculo de Leitores. Lisboa.

JANARRA, Pedro. (Lisboa, 1995). *A política urbanística e de habitação social no Estado Novo. O caso do Bairro de Alvalade de Lisboa: entre o projeto e o concretizado.* Lisboa: Relógio d'Água.

KURLANSKY, Mark. (1998). *Cod: A Biography of the Fish that Changed the World.*

LAMAS, Maria (2002). *As mulheres do meu país.* Caminho (1ªed. 1950). Lisboa: Actuális.

LÔBO, Margarida Sousa (1995). *Planos de urbanização: A época de Duarte Pacheco.* Ensaios. 5.

MAGALHÃES, Baptista (2013). *As peixeiras de Esposende*. Ardentia, nº7, maio 2013, ISBN 1699-3128.

MARQUES, João David Batel (2018-2019). *A pesca do bacalhau. História, gentes e navios* (4 vols.). Viana do Castelo, Fundação Gil Eanes.

MIRANDA, Marta. (Lisboa, 1998). *Vila do Conde*, in Cidades e Vilas de Portugal. Editorial Presença.

MOUTINHO, Mário (1985). *História da pesca do bacalhau: por uma antropologia do «Fiel Amigo».* Lisboa, Editorial Estampa.

NEVES, Joaquim Pacheco (1987). *Vila do Conde*. Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Vila do Conde.

PINTO, Paulo Costa (2003). *Encontros do Património de Vila do Conde*. Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Vila do Conde.

REGO, Aurora Botão (2016). *Viagens à Terra Nova: Memórias de um tempo.* Caminha.

REIS, António do Carmo (Vila do Conde, 2000). *Nova história de Vila do Conde.* Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Vila do Conde.

REIS, João. (1950). *Curiosidades da antiga Vila do Conde por um seu filho, o comandante João dos Reis.* Porto: Junta da Província do Douro Litoral, 1950.

SALLY C.Cole (1990). *Cod, God, Country and Family: The Portuguese Newfoundland Cod Fishert,* (vol.3, nº1) *in Maritime Studies,* pp.1-29.

SILVA, Patrícia & RAMOS, Rui (2016). *Comunidades Piscatórias: do legado da arquitetura popular às estratégicas habitacionais no período do Estado Novo.* In Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, pp.177-184.

TAVARES, André e SOUZA, Diego Inglez (2022). *Arquitetura do Bacalhau* (1.ªed.) Dafne Editora.

TAVARES, André (2021). *Um retrato marítimo de Ílhavo: Ler a história de uma paisagem através do seu património marítimo, militar e industrial.* Coleção Paisagens, Património & Território / Investigação.

TEIXEIRA, Manuel C. (1992). *As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940, in* Análise Social, vol. XXVII (115).

Trabalhos académicos

ABRANTES, Júlia Fernandes; (Porto,2000) *Vila do Conde – A construção da política cultural a nível local*; Dissertação de Mestrado em Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

FERNANDES, José Pedro (2019). *Mapeamento dos Quintais Marítimos na Póvoa de Varzim.* Dissertação de mestrado em Arquitetura. Universidade do Minho.

GARCIA, Sara Sucena (Porto, 1998). *O desenvolvimento urbano e o processo de planeamento em Vila do Conde.* Tese de mestrado em Planeamento e projeto do ambiente urbano. Faculdades de Engenharia e Arquitetura da Universidade do Porto.

GONÇALVES, Ricardo da Silva (2003/2004). *Mutações na paisagem rural no território de Vila do Conde*, Prova final para licenciatura em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

GUEDES, Pedro (junho de 2019). *Metamorfose Habitacional: o bairro das Caxinas.* Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade do Minho.

JARAMILLO, Jessica Maria de Oliveira (2012). *Casas do Povo. Casas dos Pescadores. A dimensão arquitetónica de um organismo para o desenvolvimento social*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

JANARRA, Pedro (1995). *A política urbanística e de habitação social no Estado Novo.* Dissertação de Mestrado em Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa.

MIRANDA, Marta da Conceição (setembro de 2015). *O Bairro Balnear: contributos para a história contemporânea de Vila do Conde (1866-1936).* Dissertação de Mestrado em História e Património- Estudos locais e Regionais. Construção de Memórias. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PINTO, António ventura dos Santos (2000). *Vila do Conde (1785-1800).* Dissertação de Mestrado na área de História Moderna e Contemporânea. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PORTAS, Rosilda Maria Marques (2018). *Dimensões identitárias: uma abordagem sobre o papel da figura feminina no cenário da pesca do bacalhau em Portugal.* Tese de mestrado em Sociologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Repositório.

Decreto-Lei

Decreto-Lei n.º 49/76 de 20 de janeiro. Diário do Governo n.º 16/1976, Série I de 1976-01-20, páginas 107 – 108.

Decreto-Lei n.º 13441, Art.º 23 e 24. Diário do Governo n.º 73/1927, Série I de 1927-04-08.

Decreto-Lei nº24802, de 21 de dezembro. Diário do Governo n.º 299/1934, Série I de 1934-12-21, páginas 2137 – 2141

Decreto-Lei n.º 26106. Diário do Governo n.º 272/1935, Série I de 1935-11-23.

Decreto-Lei n.º 27978, de 20 de agosto. Diário do Governo n.º 194/1937, Série I de 1937-08-20, páginas 859 – 862.

Blogues e sítios *online*

Instituto Nacional de Estatística - X Recenseamento Geral da População no continente e ilhas adjacentes às 0 horas de 15 de dezembro de 1960. Lisboa : INE, 1964. Disponível em WWW: <URL:https://www.ine.pt/xurl/pub/72846651> .

Instituto Nacional de Estatística - 11º Recenseamento da População. 1º Recenseamento da Habitação : continente e ilhas : 1970. Lisboa : Sociedade Tipográfica, 1971. Disponível em WWW: <URL:https://www.ine.pt/xurl/pub/66631947> .

Instituto Nacional de Estatística - 11º Recenseamento da População. 1º Recenseamento da Habitação : continente e ilhas : 1970. Lisboa : Sociedade Tipográfica, 1971. Disponível em WWW: <URL:https://www.ine.pt/xurl/pub/66631947> .

Página oficial do Arquivo Digital do Museu Marítimo de Ílhavo. Disponível em WWW: <URL:https://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/>.

Página oficial da Câmara Municipal de Vila do Conde. Disponível em WWW: <URL: https://www.cm-viladoconde.pt/>.

Disponível em: WWW: <URL: https://marintimidades.blogspot.com/>.

Arquivos

BCM-AH – Biblioteca Central da Marinha e Arquivo Histórico.

AMVC – Arquivo Municipal de Vila do Conde.

AMPV – Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim

Índice de imagens

[CAPA_01] Farol do Aguilhão nas Caxinas. S.a. julho de 2022.
FONTE: **Câmara Municipal de Vila do Conde.** Disponível em WWW: <URL:https://www.cmviladoconde.pt/cmviladoconde/uploads/news/image/6435/farol_caxinas.jpg>.

[02] Seca do Bacalhau de Vila do Conde. S.a. S.d. (p.19).
FONTE: **Câmara Municipal de Vila do Conde.**

[03] Núcleos de Vila do Conde. (p.21).
Figura da autora. 2025.

[04] Mosteiro Santa Clara, a igreja, o aqueduto, o rio e o casario. 1930.
Imagem a partir do Monte Santana. (p.22).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[05] Dois pescadores e a Capela Nossa Senhora do Socorro. S.d. (p.22).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[06] Corrida de automóveis. 1950.
Imagem a partir do Forte São João Baptista. (p.24)
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[07] Prova de hipismo. 1940.
Imagem a partir do Forte São João Baptista. (p.24).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[08] Praia do Turismo, Vila do Conde. S.d.. (p.26).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[09] Avenida Júlio Graça. 1939. (p.26).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[10] Mulheres na separação do bacalhau. S.d. (p.30).
FONTE: **Marintimidades.** Disponível em: WWW: <URL: https://marintimidades.blogspot.com/2022/12/>.

[11] Procedimento da secagem do bacalhau. Vila do Conde. S.d. (p.30).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[12] Representação da figura feminina na Seca de Vila do Conde. S.d. (p.32).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[13] Mulheres na Seca de Vila do Conde. S.d. (p.32).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[14] Varina com cestos à cabeça. 1954-1957.
Foto de Artur Pastor. (p.35).
FONTE: **Centro Português de Fotografia.**

[15] Seca do Bcalhau de Vila do Conde. S.d. (p.36).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[16] Capela de Nossa Senhora dos Pescadores. S.d. (p.40).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[17] Avenida Comandante Coutinho Lanhoso. 1969.(p.40).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[18] Mesa da Casa dos Pescadores de Vila do Conde. S.d. (p.42).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[19] Retrato de grupo de pescadores à frente da Casa dos Pescadores. 1938.
(p.42). FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[20] Bairro dos Pescadores de Vila do Conde. S.d. (p.44).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[21] Casas dos Pescadores e o Bairro dos Pescadores. S.d. (p.44).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[22] Casal *caxineiro* na praia. S.d. (p.46).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[23] Praia das Caxinas. A "Casinha do Salva-Vidas" e o farol. S.d. Fotografia Artur Pastor. (p.48).
FONTE: **Arquivo Municipal de Lisboa.**

[24] A Seca do Bacalhau de Vila do Conde e o Armazém. 2020. (p.52).
FONTE: **Mais Seminário.** Disponível em: WWW <URL: https://maissemanario.pt/>.

[25] A Seca do Bacalhau de Vila do Conde. 2016. (p.52).
Imagem de **Castro Barroso Gato Nogueira**.

[26] Localização e planta de piso do "Armazém N.º 2". 1911. (p.54).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[27] Plantas de piso, corte e alçado do "Armazém N.º2". 1911. (p.54).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[28] A Seca do Bacalhau de Vila do Conde e o Armazém "Taveira da Mota"- S.d. (p.56).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[29] A Seca e a Estrada Municipal. S.d. (p.56).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[30] Planta do Secadouro da Empresa de Pesca Portuense, Lda 1949-1965. (p.58-59).
FONTE: **Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau.**

[31] A foz do rio Ave. A seca do Bacalhau e o Armazém.S.d. (p.62).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[32] Anteplano Geral de Urbanização. 1952.
Autoria do engenheiro Miguel Rezende e arquiteto Agostinho Ricca.(p.66).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[33] Planta topográfica de Vila do Conde. Estipulado em 1915. (p.70).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[34] Planta topográfica de Vila do Conde. 1940. (p.71).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[35] Planta topográfica de Vila do Conde. 1977. (p.72).
FONTE: **Arquivo Municipal de Vila do Conde.**

[36] Planta da estrutura urbana de Vila do Conde, em 1915. (p.76-77)-
Figura da autora. 2025.

[37] Planta da estrutura urbana de Vila do Conde, na década de 40.
Figura da autora. 2025.(p.78-79).

[38] Planta da estrutura urbana de Vila do Conde, em 1977.
Figura da autora. 2025. (p.80-81).

[39] Fotomontagem de capturas sobre Vila do Conde. 1951. (p.84-85).
Figura da autora. 2025. FONTE: **Arquivo Histórico da Marinha.**

[40] Pescadores no dóri. 6 de maio de 1966.
Tripulante do navio Santa Maria Manuela. (p.86).
Imagem de **Hectr Leminex.**

[41] Arrear dos dóris no navio Vila do Conde. 1966 (p.88).
FONTE: **Museu Marítimo de Ílhavo**.

[42] Dóris a partirem para a pesca. 1966. (p.88).
FONTE: **Museu Marítimo de Ílhavo**.

[43] Conjunto de capturas realizadas a partir da base de dados.
Figura da autora. 2025. (p.92-93).

[44] Conjunto de mapas sequenciais, por ano, da quantidade de bacalhau capturado. (p.98).
Figura da autora. 2025.

[45] Conjunto de mapas com a distribuição das cédulas marítimas registadas.(p.100).
Figura da autora. 2025.

[46] Conjunto de mapas com a distribuição individual das funções profissionais. (p.104).
Figura da autora. 2025.

[47] Gráfico 1 – Número de navios por tipo de armação simplificada.
Figura da autora. 2025. (p.107)

[48] Gráfico 2 – Número de embarcações por arte de pesca
Figura da autora. 2025. (p.107).

[49] Gráfico 3 – Relação entre a capacidade dos navios e o número de embarcações.
Figura da autora. 2025. (p.108).

[50] Bacalhau na salga. (p.113).
Disponível em WWW: <URL: https://bomgourmet.com/bomgourmet/como-e-feito-verdadeiro-bacalhau/>.

Este trabalho foi realizado com o apoio do projecto de investigação Fishing Architecture.
Funded by the European Union (ERC, Fish-A, 101044244).
Views and opinions expressed are however those of the authors only and do not necessarily reflect those of the European Union or the European Research Council.
Neither the European Union nor the granting authority can be held responsible for them.